



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**“ESCRIBO ESTOS GARABATOS”: O PARLACHE E A ENUNCIÇÃO
PERIFÉRICA NA POESIA DE HELÍ RAMÍREZ SOB UMA LENTE
GLOTOPOLÍTICA**

Adriana dos Santos da Silva

Rio de Janeiro
2026

“Escribo estos garabatos”: o parlache e a enunciação periférica na poesia de Helí
Ramírez sob uma lente glotopolítica

Adriana dos Santos da Silva
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Astrid Johana Pardo Gonzalez.

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras
Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do
Título de Mestre em Letras Neolatinas.

Examinada por:

Presidente, Prof.^a Dr.^a Astrid Johana Pardo Gonzalez – PPG Letras Neolatinas – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Catalina Revollo Pardo – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Eline Marques Rezende – UFRJ

Prof. Dr. Antônio Francisco de Andrade Junior – PPG Letras Neolatinas – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Deise Cristina de Lima Picanço – UFRJ, Suplente

Prof.^a Dr.^a Maria Mercedes Sebold– UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**“ESCRIBO ESTOS GARABATOS”: O PARLACHE E A ENUNCIÇÃO
PERIFÉRICA NA POESIA DE HELÍ RAMÍREZ SOB UMA LENTE
GLOTOPOLÍTICA**

Adriana dos Santos da Silva

Área de concentração: Estudos Linguísticos Neolatinos
Línguas e culturas em contato

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos Neolatinos da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro como quesito para a
obtenção do Título de Mestre em
Estudos Linguísticos Neolatinos.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Astrid
Johana Pardo Gonzalez.
Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Catalina
Revollo Pardo

Rio de Janeiro

2026

CIP - Catalogação na Publicação

586? dos Santos da Silva , Adriana
"Escribo estos garabatos": o parlache e a
enunciação periférica na poesia de Helí Ramírez sob
uma lente glotopolítica / Adriana dos Santos da
Silva . -- Rio de Janeiro, 2026.
135 f.

Orientadora: Astrid Johana Pardo Gonzalez.
Coorientadora: Catalina Revollo Pardo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Letras Neolatinas, 2026.

1. Glotopolítica. 2. Parlache. 3. Materialidade
linguística. 4. Poesia. 5. Edição literária. I.
Johana Pardo Gonzalez, Astrid, orient. II. Revollo
Pardo, Catalina, coorient. III. Título.

Gracias doy a la desgracia
y a la mano con puñal,
porque me mató tan mal
y seguí cantando.

MERCEDES SOSA.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que atravessam este trabalho. Tantas que nomeá-las poderia produzir ausências involuntárias e injustas. Por isso, começo agradecendo àquelas a quem o protocolo acadêmico costuma reservar este espaço, mas faço questão de deslocá-lo.

Minha gratidão mais profunda é dirigida a los muchos hermanos que tengo y no puedo contar. Àqueles que, muitas vezes à distância e em silêncio, lembraram de mim na intimidade de suas orações. A estes dedico este trabalho. Se me apoiei nos ombros dos considerados grandes para enxergar, foi porque os que tantas vezes foram considerados menores me sustentaram diante da vida.

Agradeço à minha orientadora, Johana Pardo, gigante. Em tão pouco tempo, nunca aprendi tanto. Sua leitura rigorosa, sua escuta atenta e sua confiança no trabalho foram decisivas para que esta pesquisa encontrasse forma, fôlego e precisão. Agradeço também a minha co-orientadora Catalina Revello, pela disponibilidade, pelas leituras e pelas interlocuções ao longo do percurso, que contribuíram para o amadurecimento das questões desenvolvidas neste trabalho.

Agradeço à minha mãe, que me ensinou a ser forte e aguerrida, fazendo da resistência uma forma cotidiana de existir. Agradeço à memória de meu pai, que me ensinou a amar as palavras alheias e a escutar o mundo antes de tentar nomeá-lo.

Agradeço à professora doutora Flávia Santos, criadora do PROLIC – Projeto Letras Inclusão da UFRJ, projeto de extensão, pela adaptação dos materiais didáticos que possibilitaram meu acompanhamento das atividades do curso, e à pesquisadora Lueny Lima, integrante do PROLINC, pela elaboração das audiodescrições das imagens do corpus, fundamentais para a análise multimodal desenvolvida nesta pesquisa.

Agradeço também àqueles que, em momentos decisivos, ofereceram apoio material e financeiro, tornando possível a continuidade deste percurso quando as condições objetivas ameaçavam interrompê-lo.

Este trabalho é atravessado por essas presenças, algumas visíveis, outras silenciosas, que não aparecem nas referências bibliográficas, mas sem as quais nenhuma escrita teria se sustentado.

Cantando al sol como la cigarra,
después de un año bajo la tierra,

igual que el sobreviviente que vuelve de la guerra.

RESUMO

Esta dissertação analisa a materialidade linguística na poesia de Helí Ramírez a partir de uma perspectiva glotopolítica e pragmática, tomando como eixo as relações entre norma, legitimidade e circulação do dizer literário no espaço do espanhol. O estudo parte da compreensão da norma como regime histórico de regulação dos usos da língua, conforme discutido por Bourdieu (2008), del Valle (2007) e Guespin e Marcellesi (2021), incidindo sobre práticas editoriais, escolares e literárias. O corpus é composto por poemas dos livros **Golosina de sal** (1988), publicado pela Editorial Universidad de Antioquia, e **Poemas ilustrados** (2012), publicado pela Editorial Tragaluz, selecionados a partir da recorrência de grafias não hegemônicas, construções gramaticais afastadas do padrão legitimado e escolhas lexicais associadas ao parlache, variedade urbana vinculada às comunas de Medellín. A análise descreve grafias, pausas gráficas, organização da página, escolhas sintáticas, atos de fala e implicaturas, observando como esses elementos se articulam a expectativas normativas estabilizadas no campo literário. O percurso metodológico articula a leitura atenta dos poemas, descrição da materialidade linguística e interpretação orientada por ferramentas da glotopolítica (Guespin; Marcellesi, 2021; del Valle, 2007) e da pragmática. Consideram-se ainda as condições editoriais de publicação das obras, tratando as editoras como instâncias glotopolíticas que participam da fixação do texto, da organização da leitura e da produção de legitimidade. A análise indica que a escrita de Ramírez sustenta, no plano material da linguagem, formas historicamente desautorizadas, produzindo deslocamentos nos critérios que regulam o reconhecimento do dizer poético em língua espanhola.

Palavras-chave: glotopolítica; materialidade linguística; parlache; poesia; edição literária.

RESUMEN

Esta disertación analiza la materialidad lingüística en la poesía de Helí Ramírez desde una perspectiva glotopolítica y pragmática, centrada en las relaciones entre norma, legitimidad y circulación del decir literario en el espacio del español. El estudio parte de la concepción de la norma como régimen histórico de regulación de los usos lingüísticos, tal como es discutido por Bourdieu (2008), del Valle (2007) y Guespin y Marcellesi (2021), con efectos directos en prácticas editoriales, escolares y literarias. El corpus está compuesto por poemas de los libros **Golosina de sal** (1988), publicado por la Editorial Universidad de Antioquia, y **Poemas ilustrados** (2012), publicado por la Editorial Tragaluz. Los textos fueron seleccionados a partir de la recurrencia de grafías no hegemónicas, construcciones gramaticales alejadas del patrón legitimado y elecciones léxicas asociadas al parlache, variedad urbana vinculada a las comunas de Medellín. El análisis describe grafías, pausas gráficas, organización de la página, elecciones sintácticas, actos de habla e implicaturas, observando su relación con expectativas normativas estabilizadas. El recorrido metodológico articula lectura atenta de los poemas, descripción de la materialidad lingüística e interpretación orientada por herramientas de la glotopolítica (Guespin; Marcellesi, 2021; del Valle, 2007) y de la pragmática. Asimismo, se consideran las condiciones editoriales de publicación de las obras, entendiendo las editoriales como instancias glotopolíticas que intervienen en la fijación del texto, en la organización de la lectura y en la producción de legitimidad. El análisis sostiene que la escritura de Ramírez mantiene, en el plano material del lenguaje, formas históricamente desautorizadas, produciendo desplazamientos en los criterios que regulan el reconocimiento del decir poético en español.

Palabras clave: glotopolítica; materialidad lingüística; parlache; poesía; edición literaria.

ABSTRACT

This dissertation examines linguistic materiality in the poetry of Heli Ramírez from a glottopolitical and pragmatic perspective, focusing on the relations between normativity, legitimacy, and the circulation of literary discourse in Spanish. The study is grounded in an understanding of linguistic norms as historically constituted regimes that regulate language use, as discussed by Bourdieu (2008), del Valle (2007), and Guespin and Marcellesi (2021), with effects on editorial, educational, and literary practices. The corpus consists of poems from **Golosina de sal** (1988), published by Editorial Universidad de Antioquia, and **Poemas ilustrados** (2012), published by Editorial Tragaluz. The selection is based on the recurrence of non-hegemonic spellings, grammatical constructions that diverge from the legitimized standard, and lexical choices associated with parlache, an urban variety linked to the comunas of Medellín. The analysis describes spellings, graphic pauses, page organization, syntactic choices, speech acts, and implicatures, examining how these elements relate to stabilized normative expectations. The methodological approach combines close reading of the poems, description of linguistic materiality, and interpretation informed by glottopolitical (Guespin & Marcellesi, 2021; del Valle, 2007) and pragmatic tools. The study also considers the editorial conditions of publication, treating publishing houses as glottopolitical instances that participate in textual fixation, reading organization, and the production of legitimacy. The analysis argues that Ramírez's writing sustains, at the level of linguistic materiality, forms that have been historically disauthorized, producing shifts in the criteria that regulate the recognition of poetic discourse in Spanish.

Keywords: glottopolitics; linguistic materiality; parlache; poetry; literary editing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro **Golosinas de sal**. Disponível em:

<https://conexionnortesur.com/>. Acesso em: ago. 2025.

Figura 2 - Capa do livro **Poemas Ilustrados**. Disponível em: <http://en.rettalibros.com>.

Acesso em: ago. 2025.

Figura 3 - Página 15 do livro **Poemas Ilustrados**, de Helí Ramírez.

Figura 4 - Página 16 e 17 do livro **Poemas Ilustrados**, de Helí Ramírez.

Figura 5 - Página aberta com poesia de **Poemas Ilustrados**, de Helí Ramírez, 2008.

Figura 6 - Página do manuscrito de **Poemas Ilustrados**, de Helí Ramírez, 2008.

INTRODUÇÃO	13
1. REFERENCIAL TEÓRICO	20
1. 1 Glotopolítica e a Disputa pela Materialidade Linguística	21
1.1.1 A Pátria Imaginada: Língua, Ideologia e Legitimidade em Territórios Discursivos do Espanhol	23
1.1.2 Mercado Linguístico e Capital Simbólico: Escrita, Reconhecimento e Exclusão	27
1.1.3 Normatividade Glotopolítica e Política Editorial: Resistência e Reconhecimento	29
1.2 A Língua como Território de Poder: Colonialidade, Normas e Resistências	32
1.2.1 Linguagem, Colonialismo e Glotofagia: Fundamentos Históricos da Dominação Linguística	33
1.2.2 Língua, Hierarquização Social e Colonialidade do Poder	35
1.3 Literatura, Cultura e Identidade: modos de inscrição e disputas de pertencimento	37
1.3.1 Literatura como prática e posição discursiva	38
1.3.2 Cultura, entre-lugar e criação literária: Bhabha e a cena híbrida de Helí Ramírez	40
2. METODOLOGIA	42
2.1 Descrição do corpus	43
2.1.1 Identificação e ficha técnica	44
2.1.2 Estrutura e organização interna	45
2.1.3 Justificativa da escolha do corpus	46
2.1.4 Dimensão linguística e glotopolítica	47
2.1.5 Delimitação da análise	48
2.2 O parlache: variedade linguística e contexto histórico-social	49
2.2.1 Debate terminológico: dialeto, socioleto ou variedade	50
2.2.2 Contexto histórico-social de Medellín e das comunas	51
2.2.3 O ato de nomeação e a origem do termo parlache	52
2.2.4 Estudos de referência sobre o parlache	53
2.2.5 Instâncias de difusão e reconhecimento do parlache	55
2.3 O poeta, Helí Ramírez	57
2.3.2 Condições materiais e instâncias editoriais	59
2.3.3 Poética e escolhas de linguagem	61
2.3.4 Diálogos interartes e recepção crítica	63
2.4 Ferramentas para análise	64
2.4.1 Pausas gráficas e oralidade	66
2.4.2 Atos de fala e enunciação	68
2.4.3 Implicaturas e rupturas da norma	69
2.4.4 Insegurança linguística e grafia não hegemônica no livro	70
2.4.5 Multimodalidade e transduções nos poemas em imagem	71
3. MATERIALIDADE LINGUÍSTICA E DISPUTA GLOTOPOLÍTICA NA POESIA DE HELÍ RAMÍREZ	73
3.1 Escrita, variação e cotidiano: enunciações em Golosina de sal	76
3.1.1 O poema - REMOLINOS	77
3.1.1.1 Contextualização	77

3.1.1.2 Análise pragmática	78
3.1.1.3 Leitura glotopolítica	82
3.1.2 O poema - HOFENDIDA DE ZU EDAD	83
3.1.2.1 Contextualização	84
3.1.2.2 Análise pragmática	85
3.1.2.3 Leitura glotopolítica	87
3.1.3 O poema - LABA Y HAPLANCHA	89
3.1.3.1 Contextualização	89
3.1.3.2 Análise pragmática	90
3.1.3.3 Leitura glotopolítica	92
3.1.4 O poema - CUCOS AMARILLOS	94
3.1.4.1 Contextualização	95
3.1.4.2 Análise pragmática	96
3.1.4.3 Leitura glotopolítica	97
3.1.5 O poema - NOS HACEMOS LOS DORMIDOS Y RONCAMOS	99
3.1.5.1 Contextualização	100
3.1.5.2 Análise pragmática	100
3.1.5.3 Leitura glotopolítica	103
3.2 Escrita, imagem e território: enunciações em Poemas ilustrados	104
3.2.1 O poema - La colina (uno)	105
3.2.1.1 Contextualização	107
3.2.1.3 Leitura glotopolítica	110
3.2.2 O poema - Esguinces a un sentimiento	111
3.2.2.1 Contextualização	113
3.2.2.2 Análise pragmática	113
3.2.2.3 Leitura glotopolítica	115
3.3 Mediações editoriais e condições de legitimação da materialidade linguística	116
3.4 Materialidade, norma e ação glotopolítica: síntese da análise	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	131

INTRODUÇÃO

A língua não se institui nem se legitima em condições neutras. Seus usos se dão sob regimes de normatividade que regulam o que pode ser reconhecido como forma legítima de dizer, escrever, publicar e ensinar. Esses regimes não se limitam à gramática enquanto sistema, porque se materializam em práticas institucionais, rotinas escolares, políticas editoriais e critérios de consagração cultural. A norma linguística, nesse sentido, funciona como operador histórico de regulação do discurso e de distribuição de valor simbólico, definindo posições de autoridade e condições de reconhecimento no espaço social (BOURDIEU, 2008). Ao tratar a norma como objeto de disputa, interrogamos não apenas “o que é legítimo”, mas quem pode sustentar o direito de dizer e sob quais condições esse dizer é validado.

No processo histórico de institucionalização no caso do espanhol, a constituição de uma norma hegemônica esteve vinculada a projetos políticos e culturais de longo alcance como foram os nacionalismos, as novas dinâmicas da ideologia do pan-hispanismo e os interesses contemporâneos de circulação transnacional da língua. A imagem de uma “língua comum” e estável não resulta apenas de processos internos da língua, mas de institucionalizações que organizam padrões de correção e prestígio, produzindo efeitos sobre o reconhecimento de formas não normativas e sobre seus lugares de legitimidade (DEL VALLE, 2007). Nesse quadro, formas de escrita socialmente situadas, ainda que plenamente funcionais em seus contextos, tendem a ser desautorizadas ou relegadas a posições de menor reconhecimento quando atravessam fronteiras institucionais, com consequências que recaem diretamente sobre os falantes, e não só sobre a “língua” enquanto entidade abstrata, reproduzindo desigualdades que incidem sobre seus percursos sociais, seus lugares de enunciação e suas condições materiais, simbólicas e políticas de existência, o que se traduz em efeitos concretos sobre suas possibilidades de circulação e reconhecimento social.

É nesse ponto que a glotopolítica é uma lente teórica que permite compreender a língua como campo de intervenção e disputa, pois permite examinar como decisões explícitas e implícitas incidem sobre os usos linguísticos, regulando sua circulação, sua visibilidade e seu valor social (GUESPIN; MARCELLESI, 2021). Não nos interessa descrever a língua como entidade autônoma, mas observar os processos pelos quais certos usos são tomados como legítimos e outros são tratados como inadequados, não por critérios estritamente linguísticos, mas por relações históricas de poder. A literatura

participa dessas disputas. Ainda que frequentemente associada à liberdade, a escrita literária se produz sob expectativas normativas quanto à linguagem considerada adequada à publicação, à circulação e ao reconhecimento. Essas expectativas atravessam o trabalho editorial, os paratextos, os modos de leitura autorizados e os critérios que delimitam o que pode ser acolhido como literatura. Quando textos se organizam a partir de formas não hegemônicas, o conflito não se reduz ao plano “estilístico”, ele alcança os próprios critérios de legitimidade do dizer literário, isto é, as fronteiras que definem o que pode ser publicado e lido como algo escrito “com valor”. (MAINGUENEAU, 2006)

Nesta pesquisa, não tomamos a literatura como objeto de análise estética ou hermenêutica. Nosso interesse recai sobre a literatura enquanto prática discursiva, atravessada por regimes de normatividade linguística e por disputas de legitimidade. A poesia, nesse contexto, é considerada como lugar em que a materialidade da linguagem, ou seja, grafias, escolhas lexicais, construções sintáticas, pausas gráficas e organização da página, se torna particularmente saliente, permitindo observar como formas não hegemônicas operam no interior de um campo atravessado por critérios de prestígio e autorização.

Antes de apresentar o objeto e delimitar o corpus, considero necessário situar o lugar a partir do qual esta pesquisa é formulada. Essa localização não tem a função de produzir uma narrativa de vida nem de reivindicar autoridade pelo percurso individual. Trata-se, antes, de explicitar condições concretas do modo como observo, enquanto pesquisadora, o acesso, a circulação e a avaliação da escrita que, ao longo do tempo, tornaram perceptíveis os mecanismos pelos quais a norma hegemônica e as instâncias editoriais participam da produção de legitimidade. Em outras palavras, a posição a partir da qual escrevo não opera aqui como testemunho, mas como um ponto de observação sobre critérios de reconhecimento que frequentemente se apresentam como neutros, embora sejam socialmente distribuídos e institucionalmente regulados.

Escrevo desde uma favela do Rio de Janeiro e desde uma trajetória de escolarização atravessada pela Educação de Jovens e Adultos e por iniciativas de formação não hegemônicas. Esse percurso torna sensível o descompasso entre repertórios linguísticos socialmente situados e as expectativas normativas da escrita escolar e universitária, descompasso discutido por Street (1984; 2010) e Kleiman (1995) ao caracterizar o letramento como prática social e ideologicamente orientada. A

universidade, ao naturalizar códigos e formas de textualidade como se fossem universais, tende a converter em falta aquilo que, em outras instâncias, funciona como competência comunicativa e como forma de elaboração do mundo. Em diálogo com Zavala (2020; 2021), interessa-me tratar essa naturalização como regime de letramento, ou seja, um conjunto de expectativas e filtros que não apenas avalia textos, mas também define pertencimentos e legitima vozes.

Esse olhar se fortaleceu na experiência acumulada com práticas editoriais e de mediação de leitura desenvolvidas no interior de um projeto cultural e editorial, denominado ALEPA, voltado à publicação de autores de periferia, do qual também faço parte como escritora. A vivência editorial, aqui, não entra como capital de prestígio nem como narrativa de realização, mas como contato reiterado com as instâncias que organizam o valor do texto: seleção, revisão, padronização, paratextos, estratégias de circulação e critérios de “qualidade” que frequentemente se confundem com adequação a padrões linguísticos hegemônicos. Esse trabalho tornou mais visível a dimensão material do julgamento linguístico. Afinal, quem pode publicar, sob quais formas, com que marcas de legitimidade e em quais instâncias de reconhecimento? Por essa via, a linguagem aparece menos como instrumento transparente e mais como lugar de disputa, compatível com a abordagem glotopolítica que orienta esta dissertação.

Essa dimensão se torna particularmente visível em obras que mobilizam grafias não hegemônicas como parte constitutiva de sua enunciação. Em *Versos para Elegua: confissões de uma bixa preta* (NEVES, 2020), publicado pelo Projeto ALEPA, que coordeno, a escrita se organiza a partir de escolhas gráficas e rítmicas que dialogam diretamente com a oralidade e com a performance, integrando a transposição do poema falado para o suporte escrito. As grafias não hegemônicas não funcionam como efeito estilístico acessório; elas participam da construção do sentido e da posição enunciativa, exigindo do leitor uma negociação com a materialidade linguística marcada por corpo, território e experiência social. O processo editorial deste livro tornou explícita uma tensão recorrente, até que ponto a revisão atua como mediação necessária à legibilidade e em que momento passa a operar como normalização, apagando marcas que sustentam a força enunciativa da obra. Essa tensão permite observar que a revisão não é apenas correção formal, mas instância glotopolítica que define o que pode permanecer como diferença e o que deve ser convertido em padrão

Outro aspecto desse funcionamento aparece em experiências de colaboração editorial em obras que circulam por diferentes regimes de leitura e reconhecimento. No acompanhamento do livro *Coroação Preta* (ESTRELA, 2020), publicação independente, o trabalho editorial envolveu procedimentos que ultrapassam a revisão estrita. O texto original foi integralmente transcrito a partir de cadernos manuscritos da autora, uma vez que a escrita se realizava exclusivamente em suporte físico. O processo de transcrição exigiu decisões contínuas relativas à segmentação textual e à regularização mínima da escrita, conduzidas a partir do critério de preservação das grafias não hegemônicas e do ritmo enunciativo. Essas escolhas partiram do entendimento de que a escrita não normativa não invalida o texto poético, nem compromete sua legibilidade, funcionando, ao contrário, como elemento constitutivo da enunciação. A passagem do manuscrito ao livro impresso, nesse caso, permite observar a edição como instância de mediação linguística e material, responsável por definir o que é mantido, atenuado ou transformado no processo de publicação. Em situações pontuais, quando a leitura do manuscrito não permitia a compreensão do enunciado, o procedimento adotado foi o diálogo direto com a autora. Apenas quando estritamente necessário à inteligibilidade, optamos por uma reescrita mínima orientada pela norma-padrão, sem que isso operasse como critério de correção ou de valorização do texto.

Além da transcrição, o trabalho incluiu a organização interna do volume, ou seja, a preparação dos textos, a definição da ordem dos escritos e a articulação entre os diferentes blocos, etapas que incidem diretamente sobre a forma de leitura e sobre os sentidos produzidos pelo conjunto da obra. O prefácio, assinado pela escritora Conceição Evaristo, atua nesse contexto como dispositivo paratextual de legitimação, inscrevendo o livro em um circuito específico de reconhecimento e modulando sua recepção crítica. Esses elementos tornam visível o papel do paratexto e da preparação editorial como instâncias na produção de valor simbólico, e não como simples molduras neutras do texto.

Em diferentes experiências de publicação e edição, observei ainda que processos editoriais conduzidos por casas distintas mobilizam graus variados de normalização gráfica e textual. Essa variação reforça a compreensão da edição como instância reguladora da linguagem, e não como procedimento uniforme ou meramente técnico. A depender da instância de circulação, determinadas marcas linguísticas são preservadas,

atenuadas ou convertidas em padrão, o que permite observar o caráter glotopolítico das decisões editoriais.

Essas experiências permitem delimitar a posição a partir da qual estou formulando esta dissertação. Ao lidar com textos que tensionam a norma, a edição se apresenta como espaço privilegiado para observar como regimes de correção, legibilidade e padronização operam na produção da legitimidade literária. Não se trata de opor linguagem não hegemônica e norma culta em chave valorativa, mas de compreender como a norma funciona como critério regulador e como determinadas materialidades linguísticas são autorizadas, negociadas ou excluídas nos processos de legitimação editorial. É a partir dessa observação que articula linguagem, materialidade e instâncias de reconhecimento que se organiza o olhar lançado sobre a obra de Helí Ramírez.

Nessa perspectiva, então, a norma-padrão é tratada sem romantização. Apreendê-la e mobilizá-la não significou adesão ao ideal de neutralidade, mas uma apropriação estratégica de um recurso cujo valor é socialmente definido. Bourdieu (2008) permite compreender esse processo ao discutir a língua legítima como capital linguístico e como mecanismo de distinção, o que conta como “boa escrita” não decorre apenas de critérios técnicos, mas de relações de força que atravessam os mercados simbólicos. Esse ponto é decisivo para esta pesquisa, pois desloca a análise da moralização (“certo/errado”) para o funcionamento dos regimes de legitimidade, como a norma é sustentada, por quais instâncias, e com quais efeitos sobre as escritas produzidas fora dos padrões hegemônicos.

A condição de pessoa cega, adquirida de forma tardia, é incorporada a esta introdução pelo mesmo princípio de contenção analítica. A perda da visão, no contexto da pandemia e do ingresso na pós-graduação, não é mobilizada como narrativa de superação, mas como fator que reorganiza materialmente o modo de ler, escrever, acessar bibliografia e participar de regimes de avaliação acadêmica. Esse reordenamento não implicou interrupção das atividades de escrita, edição e mediação editorial, que seguem sendo desenvolvidas, ainda que sob outras condições materiais de produção. Esse deslocamento tornou mais visível a normatividade sensorial que estrutura práticas universitárias e laborais, tais como, os formatos não acessíveis de materiais e/ou plataformas, a dependência de mediações inadequadas e a recorrente transferência da responsabilidade de adaptação para a pessoa com deficiência. Em consonância com Becker e Anselmo (2020) e com debates sobre educação inclusiva

(Skliar; Mazzotta, 2006), a deficiência é tratada aqui como relação produzida na fricção com estruturas institucionais que pressupõem um sujeito universitário normativo e um modelo de textualidade fortemente visual. Em vez de operar como marca identitária, essa condição funciona como índice das formas pelas quais a universidade distribui acesso ao texto, ao tempo de leitura e aos meios de produção escrita.

Essas condições não determinam o objeto, mas ajudam a explicitar por que a materialidade linguística e os critérios de legitimidade do dizer se impõem como problema de pesquisa. Ao analisar a obra de Helí Ramírez, não busco paralelismo biográfico nem identificação individual. O interesse está em reconhecer regularidades estruturais nos processos de validação e exclusão que atravessam escrituras produzidas fora dos padrões hegemônicos. É a partir dessa posição, atenta às relações entre norma, materialidade linguística e instâncias de circulação e reconhecimento, que a pesquisa se organiza e que o corpus é examinado.

Retomando o plano analítico, nosso objeto são poemas de Helí Ramírez, poeta colombiano da cuja obra se organiza a partir de escolhas linguísticas que tensionam expectativas normativas estabilizadas no campo linguístico do espanhol. O corpus é composto por textos dos livros **Golosina de sal** (1988) e **Poemas ilustrados** (2012), selecionados a partir da recorrência de grafias não hegemônicas, construções sintáticas afastadas do padrão legitimado e escolhas lexicais associadas ao parlache, variedade urbana vinculada às comunas de Medellín. Esses poemas não se apresentam como reflexão metalinguística explícita sobre a língua; ainda assim, fazem da linguagem o próprio terreno da escrita, inscrevendo na página uma posição sobre o dizer, cuja legitimidade costuma ser regulada por regimes de prestígio.

Ao longo deste trabalho, o termo comuna refere-se a territórios urbanos constituídos historicamente no contexto de Medellín, vinculados a processos específicos de ocupação, migração interna, reorganização espacial e violência urbana, particularmente a partir da segunda metade do século XX. Para o leitor brasileiro, essa configuração territorial pode suscitar aproximações com o que, no contexto nacional, se reconhece como favela; tal aproximação é mobilizada aqui de forma cuidadosa, apenas como recurso inicial de inteligibilidade, uma vez que os processos históricos, políticos e urbanos que dão origem às comunas se inscrevem em um contexto distinto daquele que conforma as favelas no Brasil. Ao longo da análise, comuna é mantida como categoria própria, referida a um território específico e a uma história situada.

A pergunta que orienta nossa pesquisa é: como a materialidade linguística dos poemas de Helí Ramírez opera como ação glotopolítica diante da norma hegemônica do espanhol e tensiona os critérios de legitimidade do dizer literário? Essa formulação desloca o foco da análise do conteúdo temático para as operações linguísticas que estruturam o texto. Interessa-nos compreender como a linguagem se organiza no poema e como esse funcionamento se articula a regimes de normatividade e reconhecimento, em diálogo com a glotopolítica e com a pragmática.

O percurso metodológico articula a leitura atenta dos poemas, descrição da materialidade linguística e interpretação orientada por ferramentas pragmáticas e glotopolíticas. A análise não se organiza por categorias literárias tradicionais, mas por procedimentos que permitem observar grafias, pausas gráficas, escolhas sintáticas, atos de fala, implicaturas e efeitos enunciativos, bem como suas relações com processos de normatização. Consideramos, ainda, as condições editoriais de publicação dos livros analisados, entendendo as editoras como instâncias glotopolíticas que participam da fixação da materialidade textual, da circulação dos poemas e das condições de seu reconhecimento. Esse eixo não busca reconstruir uma história editorial extensa, mas delimitar pontos em que escolhas de edição, projeto gráfico e paratextos incidem diretamente sobre o modo de existir do texto e sobre sua legibilidade social, em especial quando se trata de escrita em tensão com a norma.

A dissertação está organizada em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, apresentamos o referencial teórico que fundamenta a pesquisa, discutindo glotopolítica, ideologias linguísticas, mercado linguístico, colonialidade e processos de normatização no espaço do espanhol, com atenção às relações entre língua, legitimidade e reconhecimento. No segundo capítulo, descrevemos o percurso metodológico, o corpus, o contexto histórico-social do parlache e as ferramentas analíticas mobilizadas. O terceiro capítulo é dedicado à análise dos poemas, examinando como a materialidade linguística se organiza em **Golosina de sal** e **Poemas ilustrados** e como essas escolhas funcionam como ação glotopolítica no interior do campo literário. Por fim, as considerações finais retomam a pergunta de pesquisa e discutem os alcances e limites da análise realizada.

É a partir desse enquadramento que se inicia, no capítulo seguinte, a discussão teórica sobre glotopolítica, normatividade e legitimidade do dizer, que sustenta as análises desenvolvidas ao longo da dissertação.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, organizamos o referencial teórico em três pontos articulados entre si. Nosso objetivo é delimitar as categorias com as quais analisamos a língua como objeto de disputa, descrevemos os processos históricos de produção de hierarquias entre repertórios e examinamos o papel da literatura e da cultura na forma como essas assimetrias são mantidas ou tensionadas na obra de Helí Ramírez.

No primeiro ponto, “Gltopolítica e a disputa pela materialidade linguística”, retomamos a definição de gltopolítica proposta por Guespin e Marcellesi (2021) e desenvolvida por del Valle (2007) e Lagares (2012, 2021), entendendo-a como perspectiva que permite descrever ações sobre a linguagem, formais ou não, e seus efeitos na produção de legitimidade. Em diálogo com Bourdieu (2008), mobilizamos os conceitos de mercado linguístico e capital simbólico para analisar como certos repertórios são valorizados ou desqualificados em instâncias acadêmicas, escolares e editoriais. Ainda nesse ponto, discutimos a política editorial como prática gltopolítica, apoiando-nos em trabalhos recentes sobre normatividade e edição literária, para situar a escrita de Helí Ramírez em um campo regulado por critérios específicos de reconhecimento.

No segundo ponto, “A língua como território de poder: colonialidade, normas e resistências”, voltamo-nos para os processos históricos que produziram hierarquias entre modos de falar. Com Mariani (2010), Severo (2016) e Calvet (2002), examinamos a colonização linguística, a gltofagia e as marcas materiais deixadas pelo colonialismo na organização dos repertórios e dos espaços. Em seguida, mobilizamos o conceito de colonialidade do poder formulado por Quijano (2000, 2005) para articular linguagem, classificação social e produção de conhecimento, mostrando como a desqualificação de determinadas variedades se insere em um padrão mais amplo de dominação. Esse conjunto de autores fornece o enquadramento necessário para compreender o parlache como resultado de uma história longa de deslegitimação e, ao mesmo tempo, como prática que reabre, de forma situada, possibilidades de participação nesses espaços.

Por fim, no terceiro ponto, “Literatura, cultura e identidade: modos de inscrição e disputas de pertencimento”, aproximamos o debate da escrita literária e da atuação de Helí Ramírez na cena cultural de Medellín. A partir de Maingueneau (1996, 2006) e dos autores que ele mobiliza, como Milner (1978, 1989), Cerquiglini (1991), Balibar e Ferguson (1959), discutimos o papel da literatura na constituição de línguas legítimas e

na abertura, ainda que parcial, de espaço para repertórios historicamente marginalizados. Em seguida, recorremos a Homi Bhabha (1998, 2013) para trabalhar os conceitos de entre-lugar, hibridismo e terceiro espaço, aproximando-os das condições concretas de inserção de Ramírez em instâncias culturais institucionais e periféricas. Com esse percurso, estabelecemos o quadro teórico a partir do qual, nos capítulos seguintes, examinamos a presença do parlache na poesia do autor como intervenção em disputas linguísticas, históricas e editoriais.

Feito esse mapeamento inicial das questões que estruturam nosso percurso teórico, iniciamos a primeira parte do capítulo, na qual retomamos a glotopolítica como lente de análise e discutimos como as ações sociais moldam a materialidade e a legitimidade da linguagem.

1. 1 Glotopolítica e a Disputa pela Materialidade Linguística

A presente pesquisa se inscreve no campo da glotopolítica, entendida, em consonância com del Valle (2007) e com a formulação de Guespin e Marcellesi (2021 [1986]) como uma perspectiva que articula linguagem e poder e examina as ações sociais que incidem sobre as práticas linguísticas. Para esses autores, a glotopolítica não se limita às políticas formais de Estado, mas compreende um espectro mais amplo de intervenções, institucionais ou cotidianas, que configuram valores, usos e legitimidades no espaço social. É nessa chave que se situam as análises desenvolvidas nesta pesquisa.

Expandindo essa perspectiva, Lagares (2021) propõe uma ampliação do conceito ao argumentar que práticas linguísticas, mesmo aquelas que não passam por institucionalização formal, podem ser analisadas como arenas de disputa simbólica. Neste enquadramento, a glotopolítica permite observar como diferentes atores sociais, não apenas o Estado, mas também editoras, professores, escritores, mídias e movimentos organizados, produzem e disputam valores, legitimidades e sentidos atribuídos às variedades linguísticas. Essa perspectiva permite observar que determinadas práticas de linguagem são reiteradamente desqualificadas ou tornadas inaudíveis, enquanto outras são investidas de prestígio e tomadas como referência normativa.

É nesse horizonte que se inscreve a análise da obra do poeta colombiano Helí Ramírez, cuja escrita mobiliza o parlache, variedade linguística situada nas comunas de

Medellín. Ao examinar a materialidade linguística de seus textos, buscamos compreender de que modo sua poética tenciona normas historicamente impostas e articula formas de pertencimento e de construção identitária. O parlache, mais do que ser enquadrado como desvio ou inadequação, aparece na obra como prática de linguagem que sustenta modos próprios de organização, criação e circulação de sentidos. Nessa perspectiva, podemos descrevê-lo como prática glotopolítica, na medida em que insere no campo estético uma variedade marcada por desigualdades socioculturais e, assim, participa das disputas por reconhecimento e legitimidade.

Para fundamentar a discussão que estrutura esta pesquisa, apoiamo-nos em três eixos teóricos articulados entre si. No primeiro, intitulado ‘A pátria imaginada: língua, ideologia e legitimidade em territórios discursivos do espanhol’, retomamos del Valle (2007) para analisar a constituição histórica do espanhol como língua legítima e os efeitos ideológicos do projeto pan-hispânico, destacando como a noção de “pátria comum” produz apagamentos e marginaliza variedades, entre elas o parlache. No segundo, Mercado Linguístico e Capital Simbólico: Escrita, Reconhecimento e Exclusão, mobilizamos Bourdieu (2008) para compreender a língua como capital e discutir as restrições que incidem sobre produções literárias que se afastam da norma legitimada, especialmente em contextos editoriais. No terceiro, Normatividade Glotopolítica e Política Editorial: Regulação e Disputa, relacionamos Guespin e Marcellesi (2021) à perspectiva crítica de Lagares (2012, 2021), examinando como instâncias editoriais atuam como dispositivos que regulam o que circula como legítimo. Ao articular esses três referenciais, buscamos compreender o parlache não apenas como escolha estética, mas como prática de linguagem em disputas de legitimidade, que reorienta, ainda que parcialmente, possibilidades de inscrição discursiva.

Partindo deste enquadramento teórico mais amplo sobre a glotopolítica e sua relação com as disputas em torno da linguagem, passamos agora à análise do primeiro eixo desta pesquisa, que se dedica a investigar os processos históricos e ideológicos de legitimação da língua espanhola na América Latina.

1.1.1 A Pátria Imaginada: Língua, Ideologia e Legitimidade em Territórios Discursivos do Espanhol

Ao tomar a glotopolítica como perspectiva crítica para analisar intervenções e disputas em torno da linguagem, abrimos este percurso teórico examinando como a noção de “língua legítima” se constitui historicamente em territórios latino-americanos. Para isso, recorreremos às contribuições de José del Valle (2007), que analisa a articulação entre ideologias linguísticas, poder e projetos de unificação conduzidos por instituições normativas.

Nesse quadro, a construção de uma língua nacional unificada constituiu, ao longo da história, uma estratégia dos Estados modernos para consolidar identidades nacionais, frequentemente associada à homogeneização cultural e ao silenciamento de diferenças regionais, sociais e linguísticas, como discute Benedict Anderson ao tratar das “comunidades imaginadas” (ANDERSON, 2008 [1983]). Já no contexto latino-americano, del Valle (2007) problematiza essa configuração e analisa como a constituição do espanhol como língua legítima se ancora em dinâmicas coloniais, continuamente reforçadas por instituições como a Real Academia Española, o Instituto Cervantes e os aparelhos culturais do Estado espanhol. O autor toma a língua não como instrumento neutro de comunicação, mas como campo de disputa em que se negociam autoridade, pertencimento e legitimidade.

No primeiro capítulo de *La lengua, ¿patria común?*, del Valle organiza uma base conceitual ao articular três categorias analíticas: glotopolítica, ideologia linguística e discurso. O autor compreende a glotopolítica não apenas como um conjunto de intervenções, institucionais ou cotidianas, que incidem sobre os usos da língua, mas também como uma lente teórica que permite examinar essas ações e seus efeitos na definição de significados, estatutos e modos de circulação. Como afirma del Valle (2007), a intervenção glotopolítica afeta a língua enquanto símbolo, indicando que os conflitos que envolvem a língua ultrapassam dimensões estritamente normativas ou técnicas, pois se relacionam à forma como determinados usos são valorizados ou desqualificados em contextos sociais específicos. A segunda categoria, a ideologia linguística, diz respeito aos sistemas de crença que naturalizam determinados usos como legítimos ou “corretos”, enquanto classificam outros como inadequados, o que contribui para colocá-los em posições de subalternidade, fazendo com que julgamentos historicamente construídos se apresentem como evidências técnicas ou neutras. Nesse

sentido, essas ideologias circulam por diferentes estratos sociais e operam como mecanismos de poder que instituem hierarquias e definem quem é reconhecido como falante autorizado e quem permanece à margem. Como afirma del Valle (2007), o estudo das ideologias linguísticas deve aspirar a identificar os processos de naturalização do poder, indicação que reforça a necessidade de compreender como tais processos consolidam pontos de vista específicos e os fazem funcionar como verdades aparentemente objetivas, inclusive sob a forma de discursos considerados científicos.

Por fim, del Valle discute o discurso como prática situada, marcada por relações de saber e poder. Inspirado em Foucault e Bakhtin, o autor argumenta que os discursos sobre a língua devem ser analisados como construções históricas, políticas e ideológicas. Ao declarar que o discurso sobre a língua nunca é inocente (DEL VALLE, 2007), ele convida os estudiosos a questionar quem enuncia as normas, em nome de quais interesses e com quais efeitos de poder. Com base nesses pressupostos, o autor desdobra sua crítica à ideia de “pátria comum” hispânica, organizada em três grandes momentos glotopolíticos: o nacionalismo, o pan-hispanismo e a língua como capital econômico.

No primeiro momento, del Valle analisa o papel da RAE no processo de consolidação do espanhol como língua nacional na Espanha, especialmente após o franquismo. Sob o argumento da unidade linguística, a RAE promove uma normatização moralizante, que silencia as línguas cooficiais como o catalão, o galego e o vasco, e relega ao desprezo outras variedades. Se legisla quase moralmente sobre o certo e o errado, observa o autor, ressaltando que essa política teve como efeito a minorização das línguas em contato com o espanhol, no processo de construção do estado-nação na Espanha (DEL VALLE, 2007).

No segundo momento, o autor analisa a ascensão da ideologia pan-hispânica, que apresenta a língua espanhola como elo cultural entre os países “hispanofalantes”, que falam espanhol, em especial na América Latina. Ideologia que, sob o discurso da integração, constrói-se uma “comunidade imaginada” no sentido proposto por Benedict Anderson (1983; 1991), isto é, um coletivo que se percebe como unido por vínculos culturais partilhados, apesar de suas diferenças históricas e sociais. Del Valle (2007) mostra como essa formulação, ao ser aplicada ao mundo hispano falante, produz uma representação de continuidade que apaga marcas do colonialismo e desigualdades geopolíticas. O autor observa que a hispanofonia, enquanto comunidade imaginada,

funciona como discurso nacionalizante e como ferramenta diplomática (DEL VALLE, 2007), operando como tecnologia de produção de consenso em torno de uma ideia de unidade linguística. Essa operação, que del Valle denomina “domesticação da diversidade” (DEL VALLE, 2007), apresenta-se como reconhecimento plural, mas reorganiza diferenças de modo a reforçar a centralidade da variedade peninsular, que passa a ocupar posição de autoridade e referência.

O terceiro momento diz respeito à transformação do espanhol em mercadoria linguística. O autor, em colaboração com Laura Villa (2007), analisa como a língua passou a ser promovida como um ativo estratégico no mercado global. O Instituto Cervantes e o DELE (Diploma de Español como Lengua Extranjera) desempenham um papel central nesse processo, atuando como braços comerciais da política externa espanhola. A expressão “Español S.A.”, usada de forma crítica, denuncia a instrumentalização do idioma como produto exportável, que gera lucro, empregos e influência internacional. No contexto brasileiro, por exemplo, a obrigatoriedade do ensino de espanhol no ensino médio (Lei 11.161/2005) foi recebida pelo governo espanhol como oportunidade econômica (DEL VALLE; VILLA, 2007).

Para compreender essa articulação entre linguagem, identidade e economia, del Valle propõe o conceito de planificação do status simbólico da língua. Esse conceito desloca o foco das discussões de política linguística dos aspectos formais (corpus) e funcionais (status legal) para a construção discursiva do valor simbólico da língua. “El estatus simbólico no reside en el uso, sino en el imaginario colectivo construido discursivamente” (DEL VALLE, 2007). A língua, portanto, é promovida como metáfora de civilização, pertencimento e modernidade, criando uma aura de prestígio que define quais vozes são legítimas e quais são descartáveis.

Del Valle também examina de que modo instituições como a Real Academia Española e o Instituto Cervantes constroem para si uma aparência de neutralidade científica e de pluralidade cultural, ao mesmo tempo em que operam segundo um projeto centralizador. O autor observa que a RAE não se apresenta mais apenas como autoridade normativa, mas como entidade diplomática e cultural (DEL VALLE, 2007), formulação que permite interpretar a atuação da instituição como um mecanismo glotopolítico que articula diplomacia cultural e regulação de usos linguísticos. A noção de “el idioma de todos”, frequentemente mobilizada nesses discursos institucionais, sustenta a imagem de inclusão geral, mas oculta que o acesso à legitimidade e à

visibilidade não se distribui de modo equitativo entre os diferentes grupos sociais e regiões do espaço hispânico. Como sintetiza o autor, a língua é objeto de investimento político porque é um terreno de produção de subjetividades e de legitimidade (DEL VALLE, 2007).

Nesse cenário, a obra de Helí Ramírez torna-se um caso pertinente para observar como práticas linguísticas dialogam com regimes de legitimidade. Sua escrita, marcada por repertórios associado às favelas, tensiona expectativas normativas sem que aqui avancemos ainda em análise. O que nos interessa, neste ponto, é o modo como sua poética se inscreve em disputas históricas que definem o valor das variedades.

A editora que publica sua obra também atua como instância glotopolítica, ao colocar em circulação uma variedade associada a grupos socialmente marginalizados. Contudo, Essa intervenção encontra limites nas próprias dinâmicas do mercado editorial, ainda marcado por modelos hegemônicos de língua e por critérios de valor que tendem a restringir a circulação de práticas linguísticas não legitimadas. Assim, refletir sobre o conceito de “pátria comum” em perspectiva crítica implica reconhecer que a hispanofonia se constitui também por mecanismos de exclusão e por disputas em torno da autoridade linguística, e não apenas por ideais de unidade. Nesse sentido, del Valle lembra que o que se precisa não é uma hispanofonia celebratória, mas sim uma crítica e reflexiva (DEL VALLE, 2007).

Com essa orientação teórica, esta pesquisa procura situar a análise das práticas linguísticas em seu contexto histórico e institucional, observando como certos repertórios são valorizados e outros permanecem à margem. Em vez de propor uma valorização automática das vozes minoritárias, trata-se de compreender os modos pelos quais diferentes formas de dizer são condicionadas, legitimadas ou limitadas no interior dessas dinâmicas.

Se del Valle aponta como a legitimidade linguística é construída historicamente, Bourdieu permite compreender como essa legitimidade opera como valor de troca. É a essa articulação entre língua e capital simbólico que nos voltamos na subseção seguinte.

1.1.2 Mercado Linguístico e Capital Simbólico: Escrita, Reconhecimento e Exclusão

Se na seção anterior refletimos sobre os mecanismos históricos e ideológicos que conferem legitimidade a certas variedades linguísticas, nesta subseção aprofundamos a análise das dinâmicas sociais de valorização e exclusão a partir do conceito de mercado linguístico, conforme desenvolvido por Pierre Bourdieu (2008 [1986]). Nosso foco agora se volta à forma como a linguagem opera como capital simbólico, especialmente no campo literário, afetando diretamente o reconhecimento de práticas insurgentes como o parlache.

Bourdieu critica as abordagens estruturais da linguística que desconsideram as condições históricas e materiais de produção da linguagem. Ele propõe uma sociologia da linguagem que indica como as formas de falar e escrever estão diretamente vinculadas à distribuição desigual do capital cultural e à lógica da distinção. A crença na distribuição igualitária da competência linguística é, para o autor, efeito ideológico que oculta desigualdades estruturais.

A língua, longe de ser um bem comum, é apropriada diferencialmente pelos sujeitos, conforme suas condições de socialização, escolarização e pertencimento de classe. O habitus linguístico dos indivíduos é condicionado pelas relações de poder que estruturam o mercado linguístico, levando à reprodução da hierarquia social por meio da linguagem (BOURDIEU, 2008).

Nesse mercado, determinadas formas linguísticas adquirem maior valor de troca. O domínio da chamada língua legítima, geralmente associada à norma culta e à variedade das classes dominantes, torna-se condição para acessar posições privilegiadas na sociedade. Esse capital linguístico, acumulado por meio de trajetórias escolares e familiares, é convertido em lucro simbólico nas esferas acadêmica, literária, midiática e institucional. Já os sujeitos que falam a partir de lugares periféricos, com marcas linguísticas estigmatizadas, são frequentemente silenciados ou invisibilizados.

No campo literário, essa lógica se manifesta na definição do que é reconhecido como texto “legítimo”. A norma culta ainda funciona como parâmetro de consagração estética, o que significa que, para que a literatura atue como instância glotopolítica, isto é, como espaço de disputa pela legitimidade dos usos da língua, ela precisa, paradoxalmente, operar segundo critérios estabelecidos pela própria norma que pretende

tensionar. Nessa perspectiva, identificamos uma tensão central, as literaturas que emergem das margens, como aquelas produzidas em parlache, enfrentam um duplo desafio. Por um lado, rompem com a linguagem hegemônica ao incorporar ao texto práticas de fala associadas a territórios historicamente deslegitimados. Por outro, para que circulem como literatura, precisam atravessar o crivo de editoras, universidades e circuitos de consagração que se apoiam em critérios de correção, clareza e padronização.

No caso de Ramírez, a escrita em repertórios associados às comunas sugere tensões entre criação e expectativa normativa, sem que avancemos ainda em análise textual. Interessa-nos destacar que sua poética surge em um mercado restrito, atravessado por filtros institucionais.”

Nesse ponto, Bourdieu nos permite compreender que a dominação linguística não se sustenta apenas por mecanismos explícitos de repressão, mas por formas de violência que se incorporam às percepções e expectativas dos próprios agentes. Essa dinâmica ajuda a explicar por que muitos escritores provenientes das periferias urbanas ajustam sua escrita à norma legitimada em busca de reconhecimento em espaços institucionais. O que está em jogo, portanto, não é apenas a forma da linguagem, mas a disputa por legitimidade discursiva e por lugares de pertencimento dentro do campo literário. Como em outros campos sociais, nele se entrecruzam estratégias de distinção e assimilação, nas quais se disputa não apenas o espaço de fala, mas também os sentidos do que pode ser enunciado, por quem e com quais recursos linguísticos.

No caso de Heli Ramírez, nossa leitura indica que sua opção estética por escrever a partir do parlache tem implicações políticas e poéticas. Essa escolha tensiona a ordem de legitimidade vigente, ao não tomar a adequação à norma culta como condição necessária para a escrita literária.

Contudo, essa recusa não elimina as contradições do processo. A circulação de sua obra permanece restrita, em grande medida, ao ambiente universitário e institucional, o que indica que, mesmo quando editadas, produções oriundas das margens enfrentam obstáculos para alcançar espaços de maior visibilidade. As produções literárias que mobilizam o parlache operam, assim, em um mercado limitado, no qual o reconhecimento depende da mediação de agentes consagrados, editores, críticos, professores, pesquisadores, que atuam segundo os valores do campo dominante.

Portanto, compreender a disputa por reconhecimento da diversidade linguística no campo literário exige observar não apenas o texto, mas também os bastidores da produção cultural, como são as decisões sobre o que publicar, como publicar, quanto publicar e para quem publicar. O alcance dessa resistência linguística depende, porém, das condições materiais de circulação, fruição e leitura, o que limita o potencial de intervenção sociocultural dessas obras.

Desse modo, ao trazer para o centro da análise os conceitos de mercado linguístico e poder elaborados por Bourdieu (2008), buscamos examinar os mecanismos que sustentam a hegemonia da norma culta como parâmetro de legitimidade literária. Esse enquadramento também nos permite entender como produções que incorporam o parlache, e, sobretudo, os falantes que o mobilizam, enfrentam pressões de assimilação e, ainda assim, produzem modos de criação que desafiam expectativas normativas e expandem as fronteiras do literário.

A reflexão de Bourdieu (2008) sobre o mercado linguístico propõe que a literatura, enquanto instância de reconhecimento, reproduz desigualdades de acesso à linguagem tida como legítima. No entanto, analisar essas disputas requer atenção aos dispositivos que operam a normatização dos discursos. É nesse ponto que a glotopolítica, conforme formulada por Guespin e Marcellesi (2021) e ampliada por Lagares (2012; 2021), oferece outra chave analítica para compreender como diferentes práticas, inclusive a política editorial, regulam a circulação e a legitimidade de determinados usos da língua. Na próxima subseção, examinamos como a política editorial atua como prática glotopolítica, tensionando relações entre linguagem e poder no processo de legitimação de vozes como a de Helí Ramírez.

1.1.3 Normatividade Glotopolítica e Política Editorial: Resistência e Reconhecimento

Dando continuidade à discussão sobre poder simbólico e exclusão linguística, a terceira subseção aprofunda o debate sobre as instâncias normativas que regulam o que pode ser dito, publicado e legitimado como literatura. Com base nas contribuições de Guespin e Marcellesi (2021) e Lagares (2018, 2021), exploramos o conceito de normatividade e o papel das editoras como agentes de regulação.

Nesta pesquisa, tratamos a política editorial como um conjunto de decisões materiais que conformam a forma pública do texto, ou seja, a seleção, a organização interna, a presença ou a ausência de paratextos, a composição da página, o projeto gráfico, as marcas tipográficas e os regimes de atribuição de autoria e responsabilidade sobre a escrita. Essas decisões não se limitam ao “acabamento” do livro. Elas incidem sobre o que pode circular como texto legível e publicável, regulam expectativas de correção e definem como a variação linguística será enquadrada no espaço literário. Por isso, a política editorial pode ser descrita como instância glotopolítica: não apenas porque interfere na circulação de repertórios, mas porque participa da produção de critérios de legitimidade que pesam sobre determinadas formas de escrever.

Descrever editoras como instâncias glotopolíticas, portanto, exige observar dimensões verificáveis no objeto-livro. A análise considera, em particular, a presença, o tipo e a função dos paratextos (nota editorial, prefácio, posfácio, biografia, glossário), o tratamento dado a grafias não hegemônicas e a repertórios marcados (manutenção, regularização, sinalização tipográfica), os efeitos de diagramação e de segmentação textual que orientam a leitura, a inscrição do livro em coleções, chancelas e circuitos de prestígio, e as formas de mediação do leitor previstas no próprio volume. Esses elementos permitem analisar como a edição não apenas veicula uma escrita, mas organiza condições de leitura e de reconhecimento para variedades que encontram resistências em regimes normativos mais amplos.

A partir da releitura do artigo “Em defesa da glotopolítica”, originalmente publicado em 1986 e reeditado em 2021, Guespin e Marcellesi propõem uma concepção ampliada e radicalmente política da linguagem. Os autores enfatizam que a glotopolítica diz respeito a ações que incidem sobre a língua, mesmo quando não são nomeadas como tal (GUESPIN; MARCELLESI, 2021). Nessa perspectiva, práticas editoriais, pedagógicas, midiáticas e institucionais produzem efeitos sobre o prestígio e a circulação das variedades, e não apenas decisões formalmente identificadas como ‘política linguística’.

Essa abordagem é aprofundada por Lagares (2021), que propõe a articulação entre a glotopolítica e as práticas de linguagem, indicando que a língua deve ser pensada como uma prática social situada, e não como um sistema autônomo. Ele retoma o conceito de “planificação do *status* simbólico”, proposto por del Valle, para destacar que as disputas sobre a linguagem envolvem não apenas a forma ou a função da língua

(corpus e status), mas, sobretudo, o valor simbólico que lhe é atribuído pelos falantes e pelas instituições. Assim, o parlache, longe de ser apenas uma “variedade informal”, é um terreno de produção de identidades, resistências e conflitos (LAGARES, 2021).

Nesse contexto, a escrita poética de Helí Ramírez, realizada a partir do parlache, pode ser interpretada como uma intervenção glotopolítica. Ao eleger uma variedade estigmatizada como matéria literária, Ramírez desafia os limites da norma legítima e desloca os critérios de valor estético e político da linguagem. Como afirma Lagares (2021), as práticas de linguagem não apenas refletem relações de poder, mas também as desafiam e as ressignificam.

Essa disputa pelo reconhecimento se dá também nas instâncias editoriais. A publicação de obras escritas em variedades periféricas passa pelo crivo de normatividades que, como observam Tallei e Vidal (2024), operam muitas vezes de forma invisível, mas estruturante. No artigo “A língua e o texto como fronteira: edição, normatividade e poder simbólico no contexto do portunhol”, as autoras mostram como a edição de textos literários que transitam entre línguas, como o portunhol, esbarra em mecanismos de controle e disciplinamento das margens. Mesmo editoras independentes que se propõem a valorizar essas linguagens enfrentam tensões entre a liberdade criadora do autor e a expectativa do mercado por formas de linguagem mais reconhecíveis, normatizadas ou “traduzíveis” para o centro editorial (TALLEI; VIDAL, 2024).

Essas editoras, ainda que politizadas, são também atravessadas por disputas entre legibilidade e autenticidade. Publicar parlache, portunhol, ou qualquer outra variedade não normatizadas implica decidir o que normalizar, o que manter, o que “corrigir”. Trata-se de uma escolha política que transforma a instância editorial em agente glotopolítico. Como explicam Guespin e Marcellesi (2021), as instâncias normativas não se restringem às academias de língua, mas incluem também os meios editoriais, educacionais e midiáticos, que regulam o que circula como legítimo.

A essa luz, podemos descrever a circulação das obras de Ramírez como condicionada por essas mesmas dinâmicas, visto que sua poética encontra a resistência do campo literário tradicional e passa pelos filtros do mercado editorial, da crítica e da academia.

Publicar em parlache significa desafiar a norma não apenas linguística, mas também estética, política, existencial E, como indicam os autores da glotopolítica crítica, a resistência linguística só se consolida quando encontra meios materiais de difusão, quando a linguagem insurgente se converte, de fato, em discurso público.

Portanto, nesta pesquisa, não tratamos o parlache como objeto de análise literária, mas como campo de disputa em torno da legitimidade dos modos de dizer, entendido aqui como o espaço material e histórico no qual se distribuem, se autorizam ou se interditam modos de existência linguística. A partir da perspectiva glotopolítica, compreendemos que a incorporação desse repertório nos textos de Helí Ramírez não se reduz a uma representação de grupos marginalizados, mas opera como intervenção nesse campo, ao tensionar as fronteiras entre o que é reconhecido como legítimo ou desautorizado, entre norma e experimentação, entre controle linguístico e criação.

Estabelecido esse quadro, passamos à discussão sobre a língua enquanto materialidade e prática, eixo que organiza a seguinte seção desta discussão teórica.

1.2 A Língua como Território de Poder: Colonialidade, Normas e Resistências

A segunda seção deste referencial examina a língua como dimensão estruturante das relações de poder e como espaço de disputa em que se definem legitimidades, fronteiras e pertencimentos. Nosso objetivo é compreender como certos modos de falar foram historicamente posicionados em escalas de prestígio e, ao mesmo tempo, como práticas linguísticas situadas contestam esse ordenamento.

Em um primeiro movimento, na subseção “Linguagem, Colonialismo e Glotofagia: Fundamentos Históricos da Dominação Linguística”, retomamos Mariani (2010), Severo (2016) e Calvet (2002) para discutir a inserção da linguagem no projeto colonial e mostrar como práticas de descrição, normatização e disciplinamento produziram desigualdades entre repertórios e falantes. Em seguida, em “Língua, Hierarquização Social e Colonialidade do Poder”, mobilizamos o conceito de colonialidade do poder, formulado por Quijano (2000, 2005), para situar essas desigualdades em um padrão mais amplo de classificação social, no qual raça, trabalho, conhecimento e linguagem são articulados de maneira hierárquica.

Com essa organização, a segunda seção estabelece o percurso teórico que permitirá analisar, no corpus literário de Helí Ramírez, como a linguagem participa da

produção de hierarquias sociais e, simultaneamente, como certos modos de falar se tornam instrumentos de reorganização dessas hierarquias.

1.2.1 Linguagem, Colonialismo e Glotofagia: Fundamentos Históricos da Dominação Linguística

Iniciamos esta discussão retomando os mecanismos históricos que instituíram hierarquias entre modos de falar, destacando como a colonização reconfigurou práticas linguísticas e produziu desigualdades.

Bethania Mariani (2010) descreve a colonização linguística como um processo discursivo capaz de reorganizar sentidos e posições sociais. Para a autora, a colonização linguística é antes um acontecimento discursivo do que um fato objetivo (MARIANI, 2010), indicando que a dominação não se limita à substituição de uma língua por outra, mas envolve a construção de discursos que naturalizam hierarquias entre repertórios. Mariani mostra como a aliança entre Coroa e Igreja instaurou práticas de disciplinamento dos modos de falar indígenas, legitimando a substituição linguística e o enquadramento da língua portuguesa como única via de acesso ao mundo letrado. Esse processo se consolida no contexto da colonização portuguesa no Brasil, entre os séculos XVI e XVIII, quando a política do padroado articula poder religioso e poder estatal na gramatização das línguas indígenas, na imposição progressiva do português nas instâncias administrativas, jurídicas e catequéticas, e na desqualificação sistemática dos modos de dizer que escapavam a esse enquadramento. Ela observa que a convivência entre as línguas nunca foi harmônica; foi desde o início marcada pela desigualdade e pela tentativa de disciplinamento (MARIANI, 2010), situando a linguagem como um dos primeiros territórios de imposição colonial.

Cristine Severo (2016) complementa essa perspectiva ao afirmar que as línguas da América foram inventadas no interior de um regime discursivo eurocêntrico. Segundo a autora, as línguas da América não foram apenas descobertas, mas inventadas no interior de uma ordem discursiva colonial (SEVERO, 2016). A produção de gramáticas e dicionários pelos missionários, longe de ser uma atividade neutra, configurou-se como forma de regular e classificar repertórios indígenas de acordo com categorias europeias. Para Severo (2016), os instrumentos de descrição linguística construíram e consolidaram as línguas indígenas como objetos de saber e como espaços de exercício

de poder, reduzindo a heterogeneidade dos repertórios indígenas a sistemas idealizados e fixos. O resultado foi a consolidação de uma divisão hierárquica entre línguas, e, por extensão, entre sujeitos.

Louis-Jean Calvet (2002), por sua vez, analisa as marcas materiais deixadas pelo colonialismo no espaço linguístico. Para o autor, o colonialismo é, antes de tudo, um fenômeno linguístico (CALVET, 2002), pois reorganiza repertórios, redefine fronteiras e institui uma hierarquia simbólica que privilegia a língua da metrópole. Calvet identifica três campos nos quais a dominação se inscreve de modo particularmente duradouro: os empréstimos lexicais, que desestabilizam estruturas inteiras ao subordinar repertórios locais à lógica cultural europeia; a toponímia colonial, um dos sinais mais visíveis da violência simbólica exercida pelas potências coloniais (CALVET, 2002); e a imposição de normas linguísticas pela escola e pela administração, que consolidam desigualdades internas entre falantes. Sua noção de glotofagia descreve precisamente esse processo de reorganização assimétrica dos repertórios colonizados, num sistema que perdura mesmo após o fim formal do colonialismo.

A contribuição combinada de Mariani, Severo e Calvet permite compreender que a dominação linguística não é um resíduo histórico isolado, mas uma tecnologia político-discursiva que instituiu desigualdades profundas entre modos de falar. Em todos os casos, o que está em jogo não é apenas a supressão de repertórios, mas a produção de critérios de legitimidade, quem pode nomear, descrever, ensinar, avaliar e, sobretudo, definir o que conta como língua. Esses autores convergem ao deslocar a análise para as práticas que produzem desigualdade, tais como a descrição gramatical, a nomeação, a normatização, a reorganização dos repertórios e a inscrição territorial da língua colonizadora. Nesse sentido, a gramatização das línguas indígenas, a estabilização da língua da metrópole como norma e a toponímia colonial não funcionam apenas como instrumentos de comunicação, mas como mecanismos de ordenamento social.

Ler Helí Ramírez à luz desses processos implica reconhecer que o parlache emerge em um cenário ainda estruturado pelas hierarquias coloniais descritas por Mariani, Severo e Calvet. Se a colonização linguística instituiu mecanismos de deslegitimação dos repertórios associados à falantes que atuam desde as margens, a escolha do parlache como linguagem literária reinscreve recursos historicamente marcados como não legítimos em um espaço de escrita em geral orientado pela norma

hegemônica. Nesse enquadramento, a glotofagia não é apenas um fato histórico, pois ela fornece as condições de inteligibilidade para entender por que o parlache continua frequentemente enquadrado como forma linguística menos legítima, associada à informalidade e a usos considerados marginais.

Com esse percurso, torna-se possível avançar para a subseção seguinte, em que o foco recai sobre a formulação de Quijano acerca da colonialidade do poder. Se Mariani, Severo e Calvet descrevem os dispositivos linguísticos da dominação, Quijano permite compreender como esses dispositivos se articulam a classificações raciais, epistemológicas e sociais que permanecem ativas na América Latina, chave fundamental para interpretar a presença do parlache na obra de Helí Ramírez.

1.2.2 Língua, Hierarquização Social e Colonialidade do Poder

A discussão sobre colonização linguística, iniciada na subseção anterior, permite agora avançar para a compreensão das formas pelas quais a linguagem se insere em estruturas mais amplas de dominação. Aníbal Quijano oferece uma contribuição decisiva ao formular o conceito de colonialidade do poder, descrevendo-o como o padrão de organização social que se institui a partir da conquista da América e que permanece operante mesmo após o fim formal do colonialismo. Para o autor, o que caracteriza essa matriz é a articulação entre controle do trabalho, da subjetividade, da produção de conhecimento e da classificação social baseada na ideia moderna de raça.

Quijano lembra que a invenção da raça não é uma descrição neutra das diferenças humanas, mas um dispositivo de poder criado para organizar o mundo colonial e justificar a exploração. Ele afirma que a colonialidade do poder implicou a articulação entre a ideia de raça e a organização do trabalho, da cultura e do conhecimento (QUIJANO, 2000), mostrando que raça não é anterior à colonização; é produzida por ela. Nesse sentido, raça não significa apenas fenótipo, mas um princípio de hierarquização que distribui posições sociais, lugares de fala e formas de reconhecimento. A imposição das línguas europeias, nesse modelo, opera como tecnologia dessa classificação: ao definir quais repertórios seriam reconhecidos como legítimos, a colonialidade institui também quem seria entendido como sujeito legítimo.

A colonialidade do saber é o prolongamento dessa lógica. O domínio epistêmico europeu, que se universaliza como se fosse neutro, autoriza apenas determinadas formas

de conhecimento e desqualifica outras. Para Quijano (2005), esse processo constitui uma perspectiva de conhecimento que se tornou mundialmente hegemônica, produzindo uma ordem em que a Europa é o lugar da razão, da civilização e da linguagem “correta”, e a América é o lugar do atraso, da irracionalidade e da fala “imprópria”. A hierarquização linguística é parte constitutiva dessa hierarquização epistêmica, não existe colonialidade do poder sem colonialidade da linguagem.

Essa formulação permite deslocar a discussão da colonização linguística de um fenômeno restrito ao passado para um padrão que organiza o presente. As línguas europeias continuam a ocupar o topo da escala de prestígio, enquanto variedades, repertórios e modos de falar associados a grupos racializados ou pobres são tratados como defeito, ruído ou inadequação. A classificação social opera, assim, tanto no macro quanto no micro: no campo global, organiza a oposição Europa/América; no campo local, distribui posições entre falantes dentro de uma mesma sociedade.

É nesse ponto que a análise se aproxima do contexto colombiano e da obra de Helí Ramírez. Sua escrita emerge de territórios urbanos marcados pela desigualdade estrutural, e o parlache, variedade associada às comunas, ao trabalho precarizado e às populações historicamente empurradas para fora da cidadania plena, é frequentemente lido a partir do mesmo princípio classificatório que a colonialidade instituiu. Embora não se trate de raça no sentido fenotípico enfatizado por debates como os de Rosa e Flores (2015), o mecanismo de desvalorização é análogo, a classificação linguística organiza o acesso à legitimidade social, e o repertório associado às comunas é enquadrado como próprio de sujeitos “menos autorizados” a ocupar determinados espaços de fala

Nesse quadro, a escolha de Ramírez por escrever desde o parlache não é mero recurso estilístico, pois constitui um recurso de existência. É uma intervenção direta nas estruturas que distribuem legitimidade, ao confrontar a classificação colonial que ainda ordena quem pode ocupar o espaço da escrita literária e com quais marcas linguísticas. O efeito político dessa decisão não reside apenas na tematização da periferia, mas na recusa a abandonar o repertório que carrega as marcas materiais da desigualdade. Ao escrever com o repertório das comunas, Ramírez confronta o princípio que confere prestígio preferencialmente aos modos de dizer associados à branquitude, à classe média urbana ou à norma escolarizada.

O conceito de Quijano, portanto, permite entender o parlache como prática situada em uma longa história de desqualificação das formas de expressão dos grupos subordinados. Ele ilumina a proximidade entre a glotofagia colonial, que reorganizou violentamente repertórios indígenas e afrodescendentes, e a marginalização contemporânea de repertórios urbanos periféricos, produzida a partir de um regime no qual os grupos brancos, embora também constituam uma raça, carregam privilégios historicamente naturalizados e se instituem estrategicamente como norma não racializada da colonialidade. A escala muda, mas o mecanismo permanece, de modo que essa hegemonia se perpetua pela linguagem, fazendo da língua um instrumento de classificação social e um campo de disputa.

Com esse percurso, buscamos situar a língua como território de poder, atravessado pela colonialidade e por práticas de resistência e re-existência, que reorganizam hierarquias entre falantes e repertórios. Na seção seguinte, deslocamos o foco para a literatura, entendida como espaço privilegiado de inscrição dessas disputas, e examinamos como a obra de Helí Ramírez articula linguagem, cultura e identidade na construção de outras formas de pertencimento.

1.3 Literatura, Cultura e Identidade: modos de inscrição e disputas de pertencimento

A terceira seção deste referencial teórico desloca o foco da língua enquanto tecnologia de dominação para a literatura enquanto prática social que intervém na constituição de modos de dizer e de formas de inscrição no mundo. O objetivo é compreender como determinadas escolhas de escrita reorganizam pertencimentos e produzem posições possíveis para repertórios historicamente excluídos, sobretudo quando tratamos de autores que atuam em zonas de fricção entre periferia urbana oralidade e tradição letrada.

Em um primeiro movimento, na subseção “Literatura como prática e posição discursiva”, retomamos Maingueneau (1996, 2006) e os autores mobilizados em sua argumentação, Milner, Cerquiglini, Balibar e Ferguson, para examinar como a literatura participa dos processos de legitimidade linguística. Esses autores permitem observar que a literatura não apenas mobiliza a língua, mas a reorganiza historicamente,

estabilizando certos usos e desestabilizando outros, de modo a definir o que pode circular como linguagem legítima.

Em seguida, na subseção “Cultura, entre-lugar e criação literária: Bhabha e a cena híbrida de Helí Ramírez”, aproximamos os conceitos de entre-lugar, hibridismo e terceiro espaço, formulados por Homi Bhabha (1998, 2013), das condições concretas de circulação de Helí Ramírez na cena cultural de Medellín. Essa aproximação teórica permite compreender como sua trajetória, marcada por oralidade, violência estrutural, memória do território e instâncias independentes de produção, desloca fronteiras tradicionais do campo literário e produz novas formas de pertencimento e reconhecimento.

A partir dessas questões, avançamos para a subseção seguinte, na qual examinamos de que modo a literatura intervém na configuração histórica da língua e no lugar ocupado por determinados repertórios em sua circulação social.

1.3.1 Literatura como prática e posição discursiva

Esta subseção parte da ideia de que a língua se organiza em práticas históricas que diferenciam usos, estabelecem limites e definem o que ganha prestígio. A literatura participa diretamente desse processo, porque opera sobre a própria materialidade da língua e modifica a forma como certos repertórios passam a ser reconhecidos. Assim, interessa compreender como a escrita literária atua nessas disputas ao produzir formas de dizer que afetam o lugar social de determinadas escolhas linguísticas.

Maingueneau (2006) observa que a literatura é um lugar onde a língua se trabalha, se perturba e se reinventa. Essa formulação permite entender que a escrita literária não funciona apenas como reflexo da língua comum. Ela reorganiza usos, cria arranjos próprios e interfere no que se torna possível dizer. A literatura, portanto, não é apenas um produto da língua. Ela também contribui para defini-la.

Em continuidade, Maingueneau revisita a separação tradicional entre língua e literatura e mostra que a noção de “língua” como algo estável é resultado de processos históricos. Milner (1989), citado por Maingueneau, lembra que essa definição é de natureza sociológica e não linguística (MAINGUENEAU, 1996). Essa discussão ajuda a entender que a legitimidade de uma língua se apoia na seleção de um corpo de textos que passam a representá-la, e a literatura ocupa lugar importante nesse processo.

Nesse movimento, Maingueneau (1996) descreve a literatura como um tesouro de falas mortas, expressão que aponta para a preservação de enunciados que deixam o uso cotidiano e passam a funcionar como referência de prestígio. Cerquiglioni (1991) demonstra que o francês nacional não deriva de um território, mas de uma tradição literária. Balibar mostra que o primeiro texto literário francês surge como “língua híbrida”, produzida em meio à diversidade dialetal (MAINGUENEAU, 1996). Esses exemplos evidenciam que a literatura não apenas registra diferenças, mas também define o que passa a ser reconhecido como língua legítima. Esse ponto é importante aqui porque permite compreender como repertórios socialmente marcados, como o parlache, podem aparecer no espaço literário mesmo sem se tornarem parte do núcleo hegemônico. A discussão sobre diglossia contribui para ampliar esse quadro. Ferguson (1959) descreve a coexistência entre usos valorizados e usos cotidianos, e Maingueneau recupera essa reflexão para explicar como um corpo literário ajuda a sustentar a ideia de unidade linguística, mesmo quando essa unidade depende de práticas restritas (1996). Esse debate será retomado na subseção seguinte, quando tratamos das relações entre cultura e modos de pertencimento.

As contribuições da linguística moderna também ajudam a situar esse processo. O estruturalismo de Saussure desloca a atenção para a língua falada e questiona o privilégio da escrita. Saussure lembra que a filologia apegase muito servilmente à língua escrita e esquece a língua falada (MAINGUENEAU, 1996). Ainda assim, Milner (1978) identifica marcas que costumam distinguir a escrita literária, como certos plurais, escolhas lexicais específicas ou construções sintáticas particulares. Esse conjunto de observações mostra que a literatura atua tanto na manutenção quanto na transformação das formas linguísticas.

Movimentos que utilizam a escrita para sustentar repertórios marginalizados reforçam essa percepção. O Félibrige, dedicado ao provençal, e a escolha de escrever em catalão em vez de espanhol ilustram como a literatura pode fortalecer línguas historicamente silenciadas (MILNER, 1978). Esses casos mostram que práticas literárias participam de disputas concretas sobre o que é reconhecido como língua.

Maingueneau (1996) conclui que a ideia de “língua literária” permanece relevante, porque língua e literatura se formam mutuamente ao longo do tempo. A instituição literária tem papel central nessa formação. Essa perspectiva permite

reconhecer que a literatura também abre espaço para repertórios subalternizados, mesmo quando sua presença não altera imediatamente a estrutura normativa.

Essa discussão prepara a passagem para a próxima subseção, dedicada às relações entre cultura, trânsito entre repertórios e as formas como autores constroem seus caminhos no espaço literário.

1.3.2 Cultura, entre-lugar e criação literária: Bhabha e a cena híbrida de Helí Ramírez

A discussão proposta por Homi Bhabha contribui para compreender a cultura como processo em movimento, formado por encontros desiguais e por negociações que não se fixam em identidades estáveis. O autor descreve práticas culturais que surgem no intervalo entre fronteiras rígidas, produzindo sentidos que não pertencem inteiramente a um polo ou a outro. Esse intervalo, que ele chama de entre-lugar, permite observar como experiências marcadas por conflito e mistura reorganizam modos de participação no espaço cultural.

Para esta pesquisa, retomamos conceitos centrais desenvolvidos por Bhabha, pois eles ajudam a situar o percurso de Helí Ramírez na cena literária de Medellín. O objetivo aqui não é analisar ainda os poemas, mas construir o referencial que permitirá entender o modo como o poeta se movimenta entre repertórios, práticas e espaços de produção literária.

Bhabha discute a própria noção de teoria e afirma que ela sempre envolve uma posição política. Segundo o autor, o compromisso com a teoria é o compromisso com a emergência (BHABHA, 1998). Essa formulação busca evidenciar que a cultura não se organiza como conjunto fixo de valores, mas se transforma continuamente, especialmente em contextos marcados por desigualdade e violência institucional. Esse ponto ajuda a situar a trajetória de Ramírez, cuja inserção literária se desenvolve nas comunas de Medellín e se relaciona diretamente com práticas culturais formadas nesses territórios.

É nesse quadro que aparece o conceito de terceiro espaço, entendido como o lugar em que significados não são apenas transferidos de um repertório a outro, mas elaborados nas zonas de contato. Para Bhabha (1998), é no espaço entre as narrativas que a cultura é performativamente reinscrita. Essa formulação indica que a identidade

não deve ser entendida como origem estável, mas como resultado de articulações contingentes. Essa perspectiva é útil para compreender que a escrita de Ramírez não representa de forma direta o território, mas se forma no encontro entre oralidade, experiências urbanas, memória local e tradições literárias.

A noção de hibridismo, também elaborada por Bhabha, descreve processos em que o novo não surge de sínteses harmoniosas, mas de encontros desiguais entre repertórios distintos. É nesse sentido que o autor afirma que “a escrita pós-colonial é performativa porque reinscreve o lugar cultural e político do colonizado” (BHABHA, 2013, tradução nossa). Essa ideia permite observar como autores que escrevem a partir de margens sociais entram no campo literário recorrendo a formas conhecidas, mas reorganizando seus usos. A escrita de Ramírez se aproxima desse processo, pois combina marcas de oralidade, referências urbanas, traços da cultura local e formas poéticas que integram a tradição literária.

Sua trajetória mostra esse movimento. Ramírez participa de instâncias culturais diversas e também de iniciativas produzidas dentro das comunas. Sua escrita não rompe totalmente com a literatura legitimada, mas também não se acomoda às expectativas desse sistema. O resultado é uma posição intermediária que permite compreender sua obra como forma de criação que opera entre repertórios distintos.

Bhabha (1998) também destaca que a cultura se forma em condições de incompletude e afirma que é no espaço de articulação, no momento da diferença, que o significado cultural encontra sua possibilidade. Essa formulação oferece base para pensar a obra de Ramírez não como expressão direta de uma suposta “cultura da comuna”, mas como resultado do contato entre elementos heterogêneos, como a oralidade, a música urbana, a experiência da violência e as disputas do campo literário colombiano.

Com esse enquadramento, o hibridismo pode ser entendido como prática concreta. Ramírez introduz na literatura recursos que, por muito tempo, não foram considerados parte desse espaço. Assim, sua escrita não apenas apresenta o território como tema, mas faz dele uma forma de dizer que reorganiza a relação entre repertórios e lugar social.

Essas discussões permitem avançar para a formulação dos procedimentos metodológicos, que serão orientados por essa compreensão da cultura como composição de encontros e diferenças.

2. METODOLOGIA

Este capítulo apresenta o percurso metodológico adotado para a análise da materialidade linguística do corpus, em diálogo com o referencial teórico já discutido.

A investigação orienta-se pela seguinte pergunta:

Como a materialidade linguística dos poemas de Helí Ramírez opera como ação glotopolítica diante da norma hegemônica do espanhol e tensiona os critérios de legitimidade do dizer literário?

Com base nessa questão, formulam-se as seguintes hipóteses, entendidas não como proposições a serem comprovadas em termos de causa e efeito, mas como eixos analíticos que orientam a leitura do corpus e a organização dos procedimentos metodológicos.

Hipótese 1. A materialidade linguística presente nos poemas, incluindo grafias, escolhas lexicais, variações fonológicas e organização gráfica, indica modos de dizer que se afastam da norma hegemônica do espanhol, produzindo efeitos observáveis de deslocamento em relação ao modelo legitimado.

Hipótese 2. Esses recursos de materialidade configuram uma ação glotopolítica na medida em que introduzem formas de dizer que contrastam com expectativas normativas estabilizadas pelas instâncias de regulação do espanhol.

Hipótese 3. Ao operar dessa forma, a escrita de Ramírez tenciona critérios de legitimidade associados ao dizer literário, produzindo deslocamentos nos limites do que pode ser reconhecido como forma válida de enunciação poética no âmbito da literatura em espanhol.

Dois princípios guiam a metodologia, o primeiro é a consideração da indicialidade das formas tais escolhas gráficas, segmentações, ritmos e léxico não são apenas recursos de estilo, mas índices de posições sociais e de trajetórias de linguagem. O segundo é a cautela contra a exotização, especificamente a análise preserva a ortografia autoral, descreve a variedade sem reduzi-la a curiosidade, e trata a escrita como prática legítima, entendendo o parlache não como folclore ou “desvio da norma culta”, mas como escolha com valor estético, político e existencial

Além disso, registramos a forma de acesso ao material, que inclui tanto edições impressas quanto versões digitais. No caso de **Poemas ilustrados**, recorremos à audiodescrição como recurso metodológico. Essa escolha se relaciona à minha condição de pesquisadora com deficiência visual (cegueira) e permitiu integrar o componente visual da obra à análise, sem deslocar o foco do texto.

A partir desses princípios, o capítulo organiza-se em quatro momentos, em primeiro lugar, a descrição do corpus e de suas instâncias editoriais; em seguida, a apresentação do parlache como variedade em disputa; depois, a biografia de Helí Ramírez, necessária para compreender a circulação e a recepção de sua obra; e por fim, o conjunto de procedimentos analíticos que configuram a “caixa de ferramentas” desta pesquisa.

A seguir, passamos para a primeira seção, a descrição do corpus, na qual se detalham identificação, estrutura, justificativa, enquadramento glotopolítico e delimitação dos poemas que compõem a análise.

2.1 Descrição do corpus

A análise desenvolvida nesta pesquisa parte de um corpus formado por duas obras de Helí Ramírez, cuja escrita inscreve na poesia publicada a variedade linguística das comunas de Medellín. Organizamos esta seção em diferentes momentos que se complementam. Em primeiro lugar, apresentamos os dados de identificação e a ficha técnica das edições utilizadas. Em seguida, descrevemos a estrutura interna dos volumes e a forma como os poemas se distribuem em blocos temáticos. Na sequência, explicitamos a justificativa da escolha do corpus, destacamos o papel do poema Remolinos em **Golosina de sal**. Depois, discutimos a dimensão linguística e glotopolítica, com atenção à materialidade linguística e às instâncias de circulação. Por fim, delimitamos o recorte analítico, listando os poemas selecionados e os critérios de inclusão. Ao articular identificação, organização, justificativa, enquadramento e delimitação, a seção estabelece as condições de leitura necessárias para a análise. A seguir, apresentamos as informações de identificação e a ficha técnica das edições que compõem o corpus.

2.1.1 Identificação e ficha técnica

O corpus desta pesquisa é composto por duas obras de Heli Ramírez: **Golosina de sal** (1988), publicada pela Editorial Universidad de Antioquia, e **Poemas ilustrados** (2012), editada pela Tragaluz Editores S.A. em Medellín. A primeira integra a coleção literária Celeste 8 da universidade, sob direção de Elkin Restrepo, com capa assinada pelo mesmo editor e capa do Autorretrato (1973), de Francis Bacon. Impressa nas oficinas Gráficas da instituição, em julho de 1988, a edição apresenta ISBN 958-9021-39-5 (edição) e 958-9021-32-8 (coleção). **Poemas ilustrados**, por sua vez, reúne textos de diferentes fases da produção do autor, acompanhados das ilustrações de Fredy Serna e de um posfácio de Juan José Hoyos. A ficha técnica registra design da própria editora, encadernação da Encreativa S.A.S. e impressão pela Editorial Artes y Letras S.A.S., com ISBN 978-958-8562-70-4. O volume integra uma linha de livros da Tragaluz premiada com o Lápiz de Acero (Bogotá, 2007), na categoria editorial e gráfica, o que reforça sua inserção em instâncias de prestígio cultural.

Entre os poemas que compõem **Golosina de sal**, destaca-se Remolinos, que se aproxima de um manifesto poético ao inscrever, no verso “escribo estos garabatos”, uma autoimagem enunciativa do autor. Longe de configurar apenas recurso estilístico, esse gesto afirma a decisão de escrever desde a margem, transformando em estratégia a palavra grafada de forma não hegemônica. Tal escolha não se associa a uma limitação, mas a uma tomada de posição, a de inscrever na página uma linguagem vinculada às comunas de Medellín e, assim, deslocar para o espaço literário modos de dizer historicamente desvalorizados. É nesse ponto que a obra se torna relevante para a análise glotopolítica, pois permite compreender como a materialidade linguística funciona como índice de pertencimento social e como recusa às hierarquias da norma culta. Esta, por sua vez, constitui um elemento persistente e estruturante da literatura canônica, sendo justamente por isso que sua contestação adquire caráter político e simbólico, aqui na poesia de Heli Ramirez. O acesso às edições ocorreu por vias distintas. **Golosina de sal** foi consultado tanto na versão digital, disponibilizada pela Biblioteca Digital da Universidad de Antioquia, quanto na edição impressa, o que permitiu verificar diferenças na disposição gráfica dos versos e registrar com precisão a ficha técnica, descrita apenas nesta versão. A tentativa de adquirir um exemplar por meio de livrarias e sebos, inclusive em Bogotá, não teve sucesso. Diante disso, a edição

impressa pôde ser acessada apenas em acervo bibliotecário, de onde foram feitas fotografias das páginas, recurso fundamental para que a análise se desenvolvesse.

Já a leitura de **Poemas ilustrados** envolveu a edição impressa e o recurso de áudio-descrição elaborado pela pesquisadora Luanny Lima (PROLINC/UFRJ), que possibilitou integrar à análise os elementos visuais que acompanham os poemas.

Com essa caracterização inicial, a próxima subseção descreve a organização interna das obras, destacando as três partes que estruturam **Golosina de sal** e a proposta de articulação entre poesia e artes visuais presente em **Poemas ilustrados**.

2.1.2 Estrutura e organização interna

O livro **Golosina de sal** apresenta-se dividido em três partes que reúnem setenta e nove poemas. A segmentação não estabelece continuidade narrativa, mas organiza blocos temáticos e formais que orientam a leitura.

A primeira parte, intitulada *Desierto de la ilusión*, reúne vinte e dois poemas que tematizam experiências de precariedade, desalento e desgaste cotidiano, compondo um quadro de perdas materiais e afetivas. A materialidade linguística incorpora formas do parlache e grafias não hegemônicas que projetam na página uma tentativa de representar a oralidade das comunas de Medellín. Os poemas registram a vida nesses espaços em condições de precariedade, em que o corpo do trabalhador e os vínculos familiares aparecem tensionados pela falta de recursos.

A segunda parte, denominada *Oculto sol*, concentra vinte e quatro poemas marcados pela convivência com a violência urbana, o encarceramento e a repressão. O sol encoberto do título sugere uma luminosidade que não se concretiza, associada ao cotidiano das comunas durante os anos 1980, quando Medellín se tornou epicentro do narcotráfico e de confrontos armados. A materialidade linguística reforça essa atmosfera por meio de pausas abruptas, elipses e escolhas ortográficas que desafiam a norma estabelecida.

A terceira parte, *Ventana de verano*, reúne trinta e três poemas que projetam uma abertura em meio a suspensão das duas seções anteriores. A janela de verão não elimina a violência ou a precariedade, mas permite perceber instantes de respiro, memória e desejo. A linguagem segue atravessada pelo parlache e pela oralidade, mas a ênfase

recai sobre cenas de convívio, imagens sensoriais e jogos lexicais que reforçam a possibilidade de invenção poética em meio à adversidade.

Já **Poemas ilustrados** (2012) organiza vinte e oito textos acompanhados das imagens do artista plástico Fredy Serna. A proposta não consiste apenas em justapor ilustrações à poesia, mas em construir uma materialidade gráfica que interfere na recepção do texto. Entre os poemas selecionados para esta pesquisa encontram-se *La colina (uno)* e *Esguinces a un sentimiento*, ambos atravessados por recursos que acentuam o vínculo entre oralidade e escrita. O volume conta ainda com um posfácio de Juan José Hoyos, que insere a obra de Ramírez no panorama da poesia colombiana contemporânea.

Essa organização interna dos dois volumes orienta a leitura do corpus, permitindo identificar como a obra de Helí Ramírez inscreve práticas de linguagem vinculadas às comunas de Medellín em instâncias editoriais distintas. Com essa caracterização, a próxima subseção apresenta a justificativa da escolha desse corpus para a análise.

2.1.3 Justificativa da escolha do corpus

A escolha de **Golosina de sal** (1988) e **Poemas ilustrados** (2012) como corpus desta pesquisa fundamenta-se na relevância linguística dessas obras para compreender a inscrição da linguagem associada às comunas de Medellín em instâncias editoriais. Em momentos distintos, ambos os volumes projetam na página uma materialidade linguística atravessada por variações não legitimadas pela escola e pela incorporação do parlache à escrita poética.

Cabe mencionar que a seleção dessas obras também se relaciona às condições materiais de circulação e acesso ao conjunto da produção de Helí Ramírez. Trata-se de livros com distribuição restrita e inserção editorial limitada, o que impõe dificuldades de acesso a parte significativa de sua obra. Nesse contexto, **Golosina de sal** (1988) e **Poemas ilustrados** (2012) correspondem aos volumes efetivamente disponíveis para análise sistemática, o que reforça a pertinência de tomá-los como corpus representativo dentro das condições concretas de pesquisa.

Em **Golosina de sal**, destaca-se o poema *Remolinos*, no qual a declaração “escribo estos garabatos” compõe uma autoimagem enunciativa do autor. Esse verso se articula ao uso do parlache, às grafias não hegemônicas e à disposição dos versos,

conformando um projeto de escrita que introduz no espaço literário modos de dizer historicamente desvalorizados. A versão digital do livro disponível na Biblioteca da Universidad de Antioquia chama a atenção pela ausência de ficha técnica. Já na edição impressa, há apenas uma ficha resumida, sem apresentação, prefácio, posfácio ou qualquer outro paratexto, o que reforça a centralidade atribuída aos poemas e lança luz sobre a distância do livro em relação às instâncias tradicionais de legitimação editorial.

Por sua vez, o livro **Poemas ilustrados** (Tragaluz, 2012) retoma esse projeto em outra configuração. A antologia reúne textos de diferentes fases e inclui ilustrações de Fredy Serna, artista também da Comuna 5, barrio Castilla, em Medellín. Diferentemente de Golosina, o volume incorpora paratextos: uma nota editorial afirma que se manteve a ortografia original dos poemas “por decisão do autor”, formulação que cumpre o papel de legitimar a variação gráfica e proteger a obra de leituras normativas que associariam tais escolhas a equívocos. Essa mediação indica tanto a política editorial da Tragaluz quanto as ideologias que circulam em torno da variedade colombiana do espanhol, muitas vezes descrita como a mais “clara” da América do Sul. Além disso, o posfácio de Juan José Hoyos compõe uma breve biografia de Ramírez a partir de recortes de entrevistas, recurso necessário diante da recusa do poeta em se projetar como figura pública, e inclui ainda a biografia de Serna, situando o lugar de fala de ambos.

A pertinência do corpus, portanto, não reside apenas em sua dimensão literária, mas no modo como essas obras materializam práticas de linguagem que tensionam normas e redefinem condições de legitimidade. Com essa justificativa, a próxima subseção discute a dimensão linguística e glotopolítica do corpus, articulando-o ao referencial teórico que orienta a análise.

2.1.4 Dimensão linguística e glotopolítica

A leitura do corpus parte do princípio de que as formas de dizer e escrever participam de disputas por legitimidade. A glotopolítica fornece a lente para observar a articulação entre práticas de linguagem e decisões institucionais e editoriais que regulam sua circulação. Em **Golosina de sal** e **Poemas ilustrados**, a escolha por uma materialidade linguística que mobiliza grafias não hegemônicas e repertórios associados às comunas de Medellín não se reduz a um recurso estilístico, mas constitui um modo de inscrição do falante em hierarquias de prestígio e controle.

Nesse sentido, Del Valle (2007) ressalta que a análise da linguagem deve considerar sua dimensão ideológico-discursiva, em que categorias como poder, autoridade e legitimidade tornam-se centrais para compreender como a norma é sustentada e contestada. Lagares (2018) acrescenta que a glotopolítica não se restringe a políticas explícitas de regulação da língua, mas abarca todas as práticas sociais que incidem, de forma direta ou indireta, sobre o espaço linguístico.

O corpus de Ramírez permite observar justamente esse processo, em **Poemas ilustrados**, a nota que informa a decisão de manter a ortografia original atua como dispositivo glotopolítico, antecipando a recepção e afastando possíveis normalizações editoriais. Já em **Golosina de sal**, embora não haja paratexto equivalente, a própria materialidade dos poemas impõe ao leitor a presença de variações gráficas e lexicais, exigindo atenção às condições de leitura em diferentes suportes.

Esse ponto se relaciona com a crítica de Bagno (2007) às ideologias linguísticas que produzem hierarquias entre falantes, legitimando apenas aqueles que dominam a norma culta e relegando os demais à condição de sujeitos deficitários. A partir de Bourdieu (2008), entende-se que esse processo está ligado ao funcionamento do mercado linguístico, no qual determinadas variedades adquirem maior valor simbólico e passam a definir quem é autorizado a falar e a ser ouvido. Assim, o reconhecimento de uma forma de linguagem não depende apenas de suas características formais, mas das condições sociais e históricas que regulam sua circulação e legitimidade.

Tomadas em conjunto, essas referências permitem tratar o corpus não como anomalia em relação à norma, mas como prática de linguagem em que as escolhas estilísticas se articulam a confrontos com regimes de correção e a disputas por legitimidade em diferentes instâncias, como universidades, editoras e crítica especializada.

Essa discussão prepara o espaço para delimitar, na subseção seguinte, os poemas que compõem a análise desta pesquisa.

2.1.5 Delimitação da análise

O corpus desta pesquisa não abrange a totalidade das obras de Helí Ramírez, mas um recorte orientado pela pertinência dos textos às questões propostas. De **Golosina de sal** (1988) foram selecionados os poemas Remolinos, Laba y haplancha, Cucos

amarillos, Nos hacemos los dormidos y roncamos e Hofendida de zu edad. Do volume **Poemas ilustrados** (2012) foram incluídos La colina (uno) e Esguinces a un sentimiento.

A seleção desses textos considera três critérios de seleção, primeiro, a presença de materialidade linguística que mobiliza grafias não hegemônicas e formas do parlache; a representatividade dos poemas no interior das partes que estruturam os volumes, permitindo compreender o funcionamento do recurso em diferentes blocos temáticos; e a viabilidade de leitura, incluindo no caso de **Poemas ilustrados** o recurso de áudio-descrição que possibilitou integrar as ilustrações à análise.

Essa delimitação não estabelece hierarquia entre os textos, mas define um conjunto manejável que permite observar com precisão como Ramírez organiza na página um repertório popular e não normativo, e como essa organização se relaciona com instâncias de circulação e legitimação editorial.

Concluída a descrição do corpus, a análise se desloca agora para a variedade que sustenta grande parte dessas escolhas. A seção seguinte examina o parlache em sua constituição histórico-social, discutindo sua inserção em diferentes instâncias e sua articulação com as condições materiais das comunas de Medellín.

2.2 O parlache: variedade linguística e contexto histórico-social

Nesta seção abordamos o parlache como variedade linguística vinculada a condições históricas e sociais das comunas, bairros populares de Medellín, marcadas por migrações internas, desigualdade econômica e violência urbana a partir da segunda metade do século XX. Trata-se de um repertório que emerge em contextos de exclusão e se relaciona a estratégias de vida e de resistência nas periferias urbanas.

Em primeiro lugar, analisamos o debate terminológico em torno das categorias dialeto, socioleto e variedade, destacando a opção metodológica que orienta esta pesquisa. Em seguida, examinamos o contexto histórico-social de Medellín e das comunas, ressaltando as transformações políticas, econômicas e urbanas que marcaram o surgimento do parlache. Num terceiro movimento, consideramos o ato de nomeação e a origem do termo, situando a dimensão glotopolítica desse processo. Depois, revisitamos os estudos de referência que consolidaram a análise do parlache em diferentes campos acadêmicos. Por fim, abordamos sua inserção em instâncias literárias,

audiovisuais, lexicográficas e pedagógicas, delineando os deslocamentos e disputas de poder que atravessam essa trajetória. Para sustentar a escolha terminológica que orienta este trabalho, a subseção a seguir inicia pelo debate entre ‘dialeto’, ‘socioleto’ e ‘variedade’, explicitando o enquadramento adotado.

2.2.1 Debate terminológico: dialeto, socioleto ou variedade

O debate em torno da classificação do parlache questiona como a nomeação de uma forma de falar é atravessada por disputas políticas e ideológicas. Em diferentes momentos, essa prática foi designada como jerga, argot, dialecto social ou sociolecto, cada termo partindo de lugares de enunciação distintos e carregando implicações específicas. A designação dialeto, historicamente utilizada, por linguístas e instituições, para diferenciar variedades não hegemônicas da língua, supõe uma hierarquia entre a forma considerada legítima e as demais, marcadas como incompletas ou inferiores. Como observa Bagno (2007), o emprego do termo em contextos de variação social e regional reforça preconceitos linguísticos ao reduzir determinadas práticas a formas “menores” da língua, razão pela qual foi amplamente criticado e perdeu espaço em análises sociolinguísticas e glotopolíticas contemporâneas.

A categoria de socioleto, por sua vez, procura situar o parlache como prática vinculada a um grupo social específico, no caso, jovens das periferias urbanas de Medellín. Sánchez García (2018, p. 59) o define como “una variedad diatópica y diastrática [...] de carácter social (sociolecto), que se produjo y se desarrolló en los sectores populares de Medellín [...] como respuesta a ciertos sentimientos de exclusión y marginación”. Essa definição ressalta as condições de exclusão que sustentam a formação do repertório, mas tende a restringi-lo ao seu grupo de origem, não contemplando sua expansão para outras instâncias sociais, culturais e discursivas.

A noção de variedade mostra-se mais adequada para designar o parlache em seu percurso histórico e social, pois permite descrevê-lo como prática que atravessa diferentes instâncias sociais e territoriais, sem hierarquizá-las. Essa escolha metodológica evita tanto o peso ideológico de dialeto quanto a limitação de socioleto, considerando os efeitos produzidos por quem nomeia e de onde se nomeia. Definida a categoria analítica (variedade), a próxima subseção busca situar as condições

histórico-sociais de Medellín que tornam inteligível o aparecimento e a circulação do parlache.

2.2.2 Contexto histórico-social de Medellín e das comunas

O parlache surge em Medellín a partir de importantes processos históricos-sociais da Colômbia. As migrações internas provocadas pela violência bipartidista dos anos 1950 e pelos conflitos com as guerrilhas levaram milhares de camponeses a se instalarem em zonas periféricas da cidade. Esses deslocamentos deram origem a assentamentos precários.

Rengifo (2007, p. 109) observa que “muchos de los inmigrantes de la Violencia bipartidista formaron cordones de miserias en las principales capitales, de los cuales proviene en la mayoría de ocasiones los sicarios”. A cidade passou a se dividir, de maneira explícita, entre “los de arriba”, moradores das comunas, e “los de abajo”, ligados ao progresso industrial e à classe média, como destaca a autora: “la ciudad quedó plenamente dividida entre los de “arriba”, las comunas, y los de “abajo”, la ciudad del progreso y de la industria” (RENGIFO, 2007, p. 109).

Esse quadro se agravou com a crise do modelo econômico colombiano, atravessado pelo neoliberalismo e pela retração da indústria em Medellín, especialmente no setor têxtil. Correa (2013) registra que a recessão que atingiu Medellín levou inevitavelmente à demissão de trabalhadores, deslocando mão de obra para atividades informais ou ilegais. Nesse cenário, a economia do narcotráfico se consolidou como alternativa de sobrevivência, recrutando jovens das comunas. Escobar e o cartel de Medellín se converteram em referências de ascensão econômica rápida, alimentando uma cultura de consumo marcada pelo acesso a bens visíveis, como descreve Rengifo (2007, p. 107): “el sueño del sicario es tener ropa y zapatos de última moda, motocicletas de alto cilindraje, entre otros objetos como electrodomésticos con los que desea satisfacer a su madre”.

A partir desta leitura, inferimos que a figura do sicário, portanto, não é compreendida como delinquente isolado, mas como produto de um contexto social de vulnerabilidade. Ibiševićová (2010) identifica os jovens das comunas como “la comunidad hablante más representativa” do parlache, entre os quais os sicários ocupam lugar central, sendo falantes do parlache ligados a economias ilegais. O parlache surge,

assim, como recurso de adaptação produzido pelos próprios moradores das comunas, funcionando como índice da experiência de exclusão e como estratégia de identificação e sobrevivência.

As profundas transformações sociais, culturais e trabalhistas em Medellín deram origem a uma série de mudanças linguísticas e a uma nova forma de simbolizar e expressar a realidade urbana (Castañeda e Henao, 2000). Esse percurso histórico-social constitui a base das condições de possibilidade do parlache, vinculando sua formação às experiências das comunas e às transformações econômicas e políticas que marcaram Medellín no final do século XX.” Com esse pano de fundo, examina-se a cena de nomeação; quando, por quem e com quais efeitos o termo parlache se institui e ganha circulação.

2.2.3 O ato de nomeação e a origem do termo parlache

Conforme o exposto, o parlache surgiu em comunas populares de Medellín nos anos 1980, em meio às transformações sociais e econômicas que marcaram a cidade, mas rapidamente passou a circular em outras instâncias urbanas, midiáticas e literárias, chegando inclusive às traduções para outras línguas. Ahlbom (2014, p. 4), ao analisá-lo no cinema, observa que “la gente más marginada dentro de la sociedad, ha creado un lenguaje conocido como parlache, para expresar su situación, sus necesidades y problemas”. Essa formulação, embora destaque a origem social do repertório, também assinala sua capacidade de atravessar diferentes instâncias sociais e discursivas.

A própria escolha do nome parlache indica que a nomeação desse repertório não foi neutra. Castañeda e Henao (2009, p. 128) registram no Dicionario de parlache que, durante uma entrevista, um jovem contou ter sonhado com um amigo recém-falecido que lhe disse: “¿Sabe qué, mano, esta forma de hablar de nosotros se llama es parlache?” O episódio desloca a autoridade sobre a linguagem do campo acadêmico para a experiência dos próprios falantes, vinculando a nomeação a uma narrativa de memória e violência. Do ponto de vista glotopolítico, esse ato de fala opera como performativo, pois ao nomear, instaura a existência social da variedade e a conecta diretamente ao grupo que a utiliza.

Ao adotar a noção de variedade linguística para tratar do parlache, esta pesquisa evita reduzi-lo a um marcador exclusivo de grupo ou reproduzir hierarquias implícitas

na noção de dialeto. Trata-se de compreender o parlache como prática atravessada por disputas de poder, que provêm de condições sociais específicas, mas que se inscreve em diferentes instâncias como a literatura, o cinema, a lexicografia e a tradução, reconfigurando seu estatuto no espaço colombiano. A nomeação, enquanto operação glotopolítica, abre caminho para observar como a pesquisa acadêmica consolidou esse objeto; por isso, revisa-se, a seguir, alguns estudos de referência.

2.2.4 Estudos de referência sobre o parlache

Alguns trabalhos dedicados ao estudo do parlache o situam em articulação com a literatura, o cinema e a descrição lexicográfica.

Rengifo (2007) analisa a presença do parlache na chamada literatura do sicariato, observando que a linguagem popular das periferias urbanas é incorporada como recurso de verossimilhança e de construção de personagens. A pesquisadora registra: “El último elemento es la inclusión del habla cotidiana de las barriadas o el llamado ‘parlache’. Este se define como ‘un lenguaje metafórico sin estética pero con un profundo sentimiento de dolor y de tristeza. Muy fonético, sonoro y musical’” (RENGIFO, 2007, p. 110). Ressalta ainda que o parlache “es muy complejo traducir” (2007, p. 111), por estar vinculado às experiências sociais das comunas, o que limita sua transposição para outros contextos linguísticos. Ao analisar esse fenômeno nas novelas do sicariato, a pesquisadora indica que o parlache não se restringe à oralidade cotidiana, mas passa a compor também estratégias narrativas em instâncias literárias e editoriais.

Correa Arroyave (2013), ao examinar o parlache em *No nacimos pa’ semilla*, de Alonso Salazar (1993), define-o como “dialecto social que surge y se desarrolla en los sectores populares de Medellín, como una de las respuestas que los grupos sociales que se sienten excluidos de la educación, la actividad laboral, y la cultura, dan a los otros sectores de la población” (CORREA ARROYAVE, 2013, p. 4). Essa formulação relaciona a descrição lexical às condições materiais de existência, indicando que termos como *rebusque*, associado à economia informal, e inclusiva palavras tabús como *gonorrea*, que sofreu um processo de ressemantização, pois dada a frequência de uso se tornou marcador recorrente nas interações, este léxico é empregado para delimitar posições sociais e antagonismos no enredo, bastante visível por exemplo em produções audiovisuais como as novelas e séries. Um aspecto central desse processo é a presença

do narrador letrado, como em Rosario Tijeras de Jorge Franco (1999), em que Antonio, o narrador-personagem, relata os acontecimentos a partir de uma posição culta e distante, estabelecendo a separação entre “eles” e “nós”: “Antonio pertenece a esa ciudad letrada y presenta los hechos desde su propia perspectiva con un distanciamiento entre ‘ellos’ y ‘nosotros’” (RENGIFO, 2007, p. 109). Esse contraste é importante porque, enquanto na poesia de Helí Ramírez o enunciador se coloca como sujeito que escreve “garabatos”, nos romances do sicariato o parlache aparece mediado por narradores letrados. Essa posição de enunciação desloca a variedade de sua vinculação direta com as comunas e redefine os efeitos que produz, não como voz própria da comunidade, mas como recurso representado por quem fala de fora dela.

Ibiševičová (2010) investiga o parlache em literatura e cinema, apontando que se trata de “un fenómeno relativamente nuevo que surgió en los barrios populares y marginados de la ciudad de Medellín y su Área Metropolitana” (IBIŠEVIČOVÁ, 2010, p. 15). A autora discute se o parlache deve ser classificado como jerga, argot ou dialecto, mas enfatiza que, seja qual for a nomenclatura adotada, o que o caracteriza é a reorganização de recursos já existentes no espanhol como, derivação, composição, empréstimos e resemantização. Em termos semânticos, observa que “En general, prevalecen palabras que aluden a la violencia, tanto física como verbal, a la delincuencia y a la enemistad o traición sobre las palabras que se refieren a la amistad o al amor” (IBIŠEVIČOVÁ, 2010, p. 81). Essa observação indica como o léxico do parlache se relaciona com condições sociais marcadas pela violência e pela precariedade, mostrando que as escolhas lexicais não são neutras, mas se inscrevem em práticas discursivas atravessadas por posições sociais específicas.

No plano lexicográfico, o trabalho de Castañeda e Henao (2009) com o Dicionario de parlache constitui um marco por sistematizar o repertório em verbetes acompanhados de exemplos de uso. Neste volume, o parlache é definido como “Jerga surgida y desarrollada en los sectores populares y marginados de Medellín, que se ha extendido en otros estratos sociales del país” (CASTAÑEDA; HENAO, 2009, p. 2). A publicação representou um deslocamento glotopolítico relevante: ao transformar a oralidade desses falantes em verbetes escritos, reposicionou o parlache como objeto de registro lexicográfico, sem, contudo, eliminar o estigma que lhe é atribuído. Esse processo sinaliza como a passagem da oralidade ao registro institucional redefine os lugares de fala e mantém a tensão entre reconhecimento e estigmatização.

Além disso, como observa Ibiševićová (2010), o parlache chegou a ser incorporado como verbete no dicionário da Real Academia Española, classificado como jerga colombiana. Esse enquadramento institucional reconhece a circulação do termo, mas ao mesmo tempo reafirma uma hierarquia, visto que a instituição nomeia de fora uma prática linguística das periferias, enquadrando-a como fala marginalizada e delimitando sua posição em relação à língua de prestígio.

O contraste histórico ajuda a compreender essa ambivalência. No final dos anos 1980 e 1990, o parlache ainda estava associado à “língua do sicário” e à violência urbana. Apenas nos anos 2000, com a circulação do cinema de Víctor Gaviria, da literatura de Jorge Franco e da difusão midiática, o repertório passou a ser incorporado em outras instâncias culturais e acadêmicas, momento em que o dicionário passou a ocupar lugar de registro mais visível. Essa inserção, no entanto, não significou a superação do estigma. Cardona Zapata (2022), ao propor uma unidade didática para o ensino de espanhol como língua estrangeira, observa que a inclusão do parlache nesse espaço pedagógico ainda enfrenta resistência, justamente por se contrapor à centralidade do espanhol peninsular e das variedades de prestígio.

Em conjunto, esses trabalhos sustentam a compreensão do parlache como variedade linguística constituída em condições sociais específicas e inserida em diferentes instâncias, tais como a literária, audiovisual, lexicográfica e pedagógica. O percurso indica, de um lado, a ancoragem material do repertório na experiência das periferias urbanas; de outro, sua inscrição em espaços institucionais que reconfiguram posições de enunciação e mantêm disputas de poder em torno de quem pode falar, a partir de onde, e com que efeitos. Do mapeamento acadêmico, a próxima subseção avança para as instâncias de difusão e reconhecimento, tradução, audiovisual e ensino, nas quais o parlache é reconfigurado e reposicionado.

2.2.5 Instâncias de difusão e reconhecimento do parlache

A presença do parlache em diferentes instâncias sociais tem sido analisada em pesquisas que abordam a tradução, o cinema e o ensino de espanhol como língua estrangeira. Sánchez García (2018) examinou o papel dessa variedade na oralidade ficcional da novela Rosario Tijeras, de Jorge Franco, e nas traduções para o inglês e o alemão. A autora assinala que “la variación lingüística (en este caso, el parlache)

constituye uno de los recursos mediante los cuales se evoca la oralidad en el medio escrito” (SÁNCHEZ GARCÍA, 2018, p. 109). O estudo aponta que a transposição dessas expressões para outras línguas constitui um desafio, pois cada ato de tradução reconfigura os efeitos pragmáticos de verossimilhança que o parlache desempenha na narrativa. Além disso, registra que “actualmente, gran parte de su léxico ha pasado a ser de uso general en el habla de Medellín y del resto del país” (SÁNCHEZ GARCÍA, 2018, p. 59), o que indica como o repertório se difunde para além das comunas, sendo apropriado em diferentes contextos sociais. Logo, mais do que pensar em autenticidade, importa observar a posição de enunciação, pois são tradutores que decidem como transportar para outros idiomas um repertório produzido em condições de exclusão, e essa mediação define os efeitos de sentido que a variedade adquire fora de seu espaço de origem.

No campo audiovisual, Ahlbom (2014) analisou o parlache na película *La Vendedora de Rosas*, de Víctor Gaviria, destacando que os atores utilizavam sua forma de falar cotidiana nos diálogos. A pesquisadora observa que “la gente más marginada dentro de la sociedad, ha creado un lenguaje conocido como parlache, para expresar su situación, sus necesidades y problemas” (AHLBOM, 2014, p. 4).. Ao examinar diálogos espontâneos, identifica processos de ressemantização e acortamento, como em *golazo* para designar “robo realizado con éxito” (AHLBOM, 2014, p. 18). Nesse contexto, o parlache atua como marcador de pertencimento e recurso discursivo indispensável para a interação no contexto representado, uma vez que “el uso del antilenguaje no es problema de registro ni una opción, sino una condición indispensable para ser aceptado y moverse en ese mundo” (C&H apud AHLBOM, 2014, p. 25). A análise, portanto, mostra não apenas a presença da variedade no filme, mas como ela é inscrita a partir de uma posição enunciativa externa, a do pesquisador e a do diretor de cinema, que seleciona e organiza os usos da linguagem popular.

Outra dimensão aparece no ensino de espanhol como língua estrangeira. Cardona Zapata (2022) propôs uma unidade didática que inclui o parlache como recurso intercultural para aprendizes avançados, buscando deslocar a centralidade do espanhol peninsular e inserir variedades locais no espaço pedagógico. A proposta é construída a partir de crônicas sobre Medellín, com o argumento de que o parlache, ao aparecer em textos literários e midiáticos, pode ser trabalhado em sala de aula para discutir desigualdade, violência e identidades urbanas. Ainda que o foco seja didático, o

trabalho tem implicações glotopolítica, pois interpreta como a inserção do parlache em instâncias pedagógicas reconfigura hierarquias entre língua padrão e variedades populares. Deste modo, observamos que cada instância glotopolítica como as produções audiovisuais, as traduções ou as propostas pedagógicas, portanto, redefine seus sentidos ao representá-lo, traduzi-lo ou ensiná-lo.

Essas leituras complementam os estudos anteriores ao indicar que o parlache não permanece restrito à oralidade das comunas, mas é inscrito em instâncias audiovisuais, tradutivas, e pedagógicas. O percurso propõe uma leitura de que o parlache deve ser compreendido como variedade atravessada por disputas de poder em torno de quem pode falar e a partir de onde, sendo constantemente reconfigurada quando passa a circular em diferentes campos sociais. Essa expansão prepara o terreno para a seção seguinte, dedicada à trajetória de Helí Ramírez, cuja biografia permite compreender as condições sociais e culturais em que sua obra se inscreve e nas quais o parlache é mobilizado.

2.3 O poeta, Helí Ramírez

Nesta seção, examinaremos a trajetória de Helí Ramírez articulando vida, obra e recepção crítica em diálogo com o referencial teórico. Em primeiro lugar, abordaremos sua vida e formação, destacando a infância marcada pela violência bipartidista, o deslocamento da família para Medellín, a interrupção da escolarização formal, a formação autodidata em bibliotecas e o trabalho assalariado no Instituto de Seguros Sociais. Em seguida, trataremos das condições materiais e das instâncias editoriais que permitiram a publicação de seus livros, entre universidade, cooperativas de trabalhadores e iniciativas independentes como a revista Mascaluna. No terceiro momento, analisaremos as escolhas de linguagem e a poética de Ramírez, centradas na incorporação do parlache como recurso estético vinculado às condições sociais do bairro Castilla e em diálogo com tradições literárias latino-americanas. Por fim, discutiremos os diálogos interartes e a recepção crítica de sua obra, considerando sua presença no cinema, em antologias e no espaço acadêmico, sempre atravessada pela tensão entre legitimação e estigmatização. Para iniciar esse percurso, na seguinte subseção examinamos a vida e a formação de Helí Ramírez, situando as condições sociais, educacionais e laborais que moldaram sua inserção no campo literário.

2.3.1 Vida e formação

Helí Ramírez nasceu em Ebéjico (Antioquia), em 1948, e faleceu em Medellín em 2019. Sua infância foi marcada pela violência bipartidista que atravessou a Colômbia nas décadas de 1940 e 1950. O assassinato do pai e do avô em confrontos locais levou a mãe, Rosmira Gómez, a migrar com os filhos para Medellín, primeiro em Belén Rincón e depois em Castilla, bairro popular da Comuna 5. Esse deslocamento faz parte de um processo mais amplo, relacionado ao assassinato de Jorge Eliécer Gaitán, em 1948 que desencadeou uma onda de violência que não foi pacificada pelo pacto da Frente Nacional (1958-1974), mas transformou Medellín em destino de migrações forçadas e de reorganização de territórios populares (VILLEGAS-RESTREPO, 2020).

A escolarização de Ramírez foi interrompida. Expulso do Liceo Antioqueño, não concluiu o bachillerato, etapa equivalente ao ensino médio. Em entrevista à revista Mascaluna, descreveu a educação formal como algo descolado da realidade: “Los estudios ‘oficiales’ en mi medio siempre son de pega. Una primaria, un bachillerato que nada aportan a la comprensión del mundo, siempre es de pega” (RAMÍREZ, 2006). A exclusão do percurso escolar convencional levou-o a construir uma formação autodidata, sustentada pela leitura intensiva em bibliotecas públicas e universitárias: “Salió de allá para las bibliotecas, vuelto ratón de las mismas: a la de la Universidad de Antioquia, a la de Comfenalco, a la de la Piloto, a leer como un galeote de la palabra impresa” (RAMÍREZ, 2006).

Esse processo incluiu a presença como ouvinte em cursos de Filosofia, Sociologia e Antropologia na Universidad de Antioquia, experiência que ele descreveu como disputa por um espaço negado: “Pero el colado de los ojos tigrosos no tenía textos, y aunque no tendría que sufrir el rigor de ningún examen, estaba peleando por otro espacio [...] y esa era la manera de salirse de esos caminos: caminando libros, caminando conferencias” (RAMÍREZ, 2006). Essa inserção, ainda que precária, lança luz sobre as restrições de acesso ao ensino superior formal, mas também a busca por outros modos de apropriação do saber, o que remete ao que Bourdieu (2008) define como capital cultural mobilizado fora dos títulos escolares.

A vida laboral se somou a esse percurso. Durante quase três décadas, Ramírez trabalhou como arquivista de histórias clínicas no Instituto de Seguros Sociales (ISS).

Recordando essa experiência, afirmou: “Terminé manejando un hijueputa polvo, un archivo de historias clínicas, pero a mí me interesaba mi salario, hermano, porque loquiando no tenés nada fijo” (AMARILES, 2008 apud GARCÍA GÓMEZ, 2023). O vínculo assalariado não significava liberdade para dedicar-se à poesia, mas uma garantia mínima de sobrevivência em meio à instabilidade.

Esse entrelaçamento de trabalho, leitura e escrita aparece também no poema *Remolinos* (Gulosina de sal, 1988), em que a autoimagem enunciativa condensa a experiência de um sujeito que se constrói entre a precariedade da escola, a rotina burocrática e a busca de outro horizonte através da palavra. A trajetória de Ramírez, portanto, não pode ser lida como ausência de formação, mas como resultado de práticas produzidas sob condições de restrição e desigualdade. Como discutem Rosa e Flores (2017), regimes de escuta desiguais definem quais vozes são legitimadas e quais permanecem subalternizadas. Zavala (2019) acrescenta que esses mecanismos se reproduzem nos contextos escolares latino-americanos, reforçando hierarquias sociais. Inserido nesse contexto, Ramírez forjou uma voz poética a partir das margens, cuja recepção esteve sempre atravessada por essas disputas.

As marcas de deslocamento, trabalho e autodidatismo que atravessaram a vida de Ramírez encontram um novo desdobramento quando confrontadas com o espaço editorial, basicamente a passagem do manuscrito ao livro não apaga essas condições, mas as reinscreve em outra arena de disputa, tema da próxima subseção.

2.3.2 Condições materiais e instâncias editoriais

A trajetória editorial de Helí Ramírez se inicia em meados da década de 1970, vinculada a revistas literárias e à Extensión Cultural da Universidad de Antioquia. Em 1974, publicou poemas na revista *Acuarimántima* (1972–1983), dirigida por Elkin Restrepo e José Manuel Arango. Ramírez colaborou até o encerramento da publicação, o que reforça sua inserção contínua em redes literárias alternativas. Segundo relato do jornalista Juan José Hoyos, publicado no jornal *El Colombiano*, o primeiro livro de Helí Ramírez, *La ausencia del descanso*, apareceu em 1975, quando o autor estava prestes a completar 25 anos. Até então, era um jovem desconhecido do barrio Castilla, que já havia escrito em silêncio três volumosos cadernos de poemas, sem que sua família, amigos ou colegas de universidade soubessem dessa atividade. A publicação o

surpreendeu, como registra Hoyos: “¿Cómo así que yo dizque soy poeta?”. A surpresa, contudo, não foi apenas sua, mas também daqueles que o cercavam, dado que Ramírez não se apresentava como escritor.

[...] Helí era un joven desconocido del barrio Castilla que no era consciente de lo que escribía, a pesar de que ya había llenado en silencio tres mamotretos de muchas páginas y estaba a punto de cumplir 25 años. Además, no recordaba cuándo había empezado a escribir. Cuando apareció el libro, se dijo: ‘¿Cómo así que yo dizque soy poeta?’. La sorpresa no fue solamente suya, sino de su familia, sus amigos del barrio y sus compañeros de la Universidad Autónoma. Nadie sabía que él escribía, ni él posaba de escritor (HOYOS, 2023).

Nos anos seguintes, sua obra foi ampliada com títulos como **En la parte alta abajo** (1979; segunda edição 1991; terceira edição 2012), **Cortinas corridas** (1980), **La noche de su desvelo** (1986), **Golosina de sal** (1988), **La luz de acá se hace de la oscuridad de aquí** (1991), **Para morder el cielo** (1999) e **Desde el otro lado del canto** (2011), (VILLEGAS-RESTREPO, 2020).

Dois aspectos materiais atravessam esse percurso. O primeiro é o autofinanciamento, pois registros apontam que a segunda edição de *En la parte alta abajo* (1991) foi realizada pela Editorial Del propio bolsillo, e, como sugere o nome, o poeta precisou pagar do próprio bolso para ser publicado (HERRERA PALACIO, 2024; RAMÍREZ, 1995). O segundo é a impressão em cooperativas de trabalhadores, como no caso de *Cortinas corridas* (1980), publicado pela Cooperativa de Trabajadores del Instituto de Seguro Social (ISS) (HERRERA PALACIO, 2024). Ramírez não dispunha de recursos para sustentar uma carreira literária, já que sua prioridade era garantir a sobrevivência familiar; ainda assim, utilizava meios acessíveis para manter sua escrita em circulação. Em entrevista, sintetizou essa condição: “Yo no quiero ser modelo de los pelaos, ni de estudiantes, ni de escritores ni de nadie... Yo escribo porque para mí escribir es como respirar, como defecar, es una necesidad vital” (RAMÍREZ, 1995).

Essas práticas editoriais podem configurar modos distintos de fazer circular a escrita e de atribuir valor a ela. Como assinalam Guespin e Marcellesi, as políticas da língua operam em vários níveis e não se restringem à norma estatal (GUESPIN; MARCELLESI, 1986). Nesse quadro, publicar por meio de uma universidade, de uma cooperativa de trabalhadores ou com recursos próprios não se reduz à logística editorial, de fato, pode ser entendido como intervenção glotopolítica, na medida em que define

quem decide o que é publicável, quais critérios valem e que vozes ganham visibilidade. Maingueneau lembra que um texto literário tende a adquirir existência pública como obra quando passa por instâncias de legitimação (editoras, revistas, universidades, crítica) que o inscrevem em circuitos de leitura (MAINGUENEAU, 2006). No caso de Ramírez, a presença em catálogos da Universidad de Antioquia, a edição pela cooperativa ligada ao ISS, o autofinanciamento de livros e a atuação numa revista independente sugerem deslocamentos nos pontos de entrada do circuito e influenciam o modo como a obra é reconhecida (ou recusada).

Essa dinâmica material conecta-se também à posição de Ramírez como poeta de bairro, cuja poética se diferencia pela incorporação do parlache e da oralidade popular, projetando a experiência urbana violenta a partir da periferia: Ramírez se destaca por incorporar a fala popular e o parlache em sua poesia, posicionando-se como um poeta de bairro e dando voz à violenta experiência urbana (VILLEGAS-RESTREPO, 2020).

No plano coletivo, em 1994, Ramírez decidiu integrar a revista Mascaluna pouco depois de sua fundação, contribuindo para a difusão de escritores que buscavam abrir espaço no campo literário. Como lembra Herrera Palacio (2024), queriam fazer uma homenagem, uma entrevista... Heli não só os ouviu como decidiu aderir ao projeto de divulgação de obras de escritores que buscavam deixar sua marca na literatura.

A análise das condições editoriais de Ramírez indica que sua obra foi moldada por arranjos institucionais e alternativos, nos quais práticas glotopolíticas se entrelaçam a disputas por capital simbólico e legitimação literária. Essa dimensão material da publicação prepara o terreno para compreender, na próxima subseção, as escolhas de linguagem que estruturam sua poética.

2.3.3 Poética e escolhas de linguagem

A poesia de Helí Ramírez se organiza em torno do parlache como recurso estético e como índice das condições sociais de Castilla. O repertório lexical e sintático das comunas atravessa sua escrita, configurando um texto que se distancia da norma culta e incorpora a oralidade popular ao espaço literário. Como observa Elkin Restrepo, “por primera vez en la poesía colombiana está el lenguaje barrial, con su sintaxis y sus términos” (Revista Arcadia, 2018). Essa inscrição não se reduz a uma escolha de estilo,

mas constitui uma marca inseparável das condições históricas de Medellín, atravessadas pela violência e pela desigualdade.

Em continuidade ao que foi discutido na subseção anterior sobre as condições materiais de publicação, a recusa de Ramírez a assumir rótulos literários lança luz sobre a centralidade da experiência popular em sua escrita. Ele rejeitava o estatuto de “poeta” ou “escritor”, descrevendo sua prática como exercício vital, desvinculado de pretensões acadêmicas ou de mercado. Essa posição projetou sua obra em uma zona de disputa, pois a colocou em diálogo direto com a estigmatização da linguagem popular. Bagno (2007) lembra que discursos sobre a “incorreção” ou “pobreza” das variedades linguísticas funcionam como mecanismos de exclusão, e a recepção de Ramírez confirma esse processo: sua poesia foi frequentemente reduzida a “dialeto”, o que indica como preconceitos linguísticos atuam para limitar a legitimidade de vozes periféricas.

A crítica também destacou os vínculos de Ramírez com tradições latino-americanas que incorporaram variedades não hegemônicas à literatura. Juan Mares (2023) aproxima sua poética da germania espanhola, do lunfardo argentino e da poesia afro-colombiana de Candelario Obeso, situando o parlache em uma linhagem de linguagens que, ao serem convertidas em matéria literária, deslocam fronteiras de prestígio.

As escolhas estéticas de Ramírez podem ainda ser analisadas a partir da relação entre linguagem e poder. Como observa Del Valle (2007), os projetos de unidade linguística implicam processos de ocultamiento ou elisión ideológica, nos quais determinadas práticas são invisibilizadas quando não correspondem ao modelo de correção legitimado. Esse referencial ajuda a compreender como a opção de Ramírez por inscrever o parlache na poesia confronta diretamente fronteiras normativas.

Além da linguagem, a obra de Ramírez mobiliza imagens da violência que atravessam a experiência urbana. As imagens de medo e fragmentação na obra de Ramírez referem-se tanto à experiência urbana direta quanto ao papel da mídia na formação de uma cidadania do medo (VILLEGAS-RESTREPO, 2020). Essa condição não se apresenta como episódios isolados, mas como estrutura da subjetividade urbana:

Essa dimensão de enfrentamento não se esgota na linguagem. Como se verá na subseção seguinte, sua poesia repercutiu também em outras artes e foi objeto de recepção crítica marcada por tensões entre reconhecimento e estigmatização.

2.3.4 Diálogos interartes e recepção crítica

As instâncias de difusão da obra de Helí Ramírez não se limitaram ao espaço literário. O cineasta Víctor Gaviria reconheceu a influência direta do livro *En la parte alta abajo* (1979) na concepção do filme *Rodrigo D: No futuro* (1990). Segundo ele, “el escenario del libro y el de la película es el mismo (y los personajes y la atmósfera y, claro, al final todo)” (MARES apud GARCÍA GÓMEZ, 2023). Esse deslocamento para o cinema propõe uma leitura de como a escrita de Ramírez forneceu repertórios sociais e estéticos a outras linguagens artísticas, permitindo que o parlache ultrapassasse os limites do livro impresso.

Já nas artes visuais, a influência de Helí Ramírez aparece também na trajetória de Fredy Serna, pintor do bairro Castilla. Serna reconheceu nos poemas de Ramírez uma aproximação com sua própria pintura, voltada à vida e ao espaço urbano de Medellín. O encontro entre os dois artistas reforça esse diálogo: “El maestro me dijo, vos sos Fredy Serna, y yo le respondí, vos sos Helí Ramírez. Ya nos conocíamos a través de nuestras obras. ¡Imagínese lo que es para un joven leer un libro y un poeta que puso en palabras lo que estaba pintando!” (SERNA, 2019).

A obra de Helí Ramírez alcançou também outras vozes ligadas à cultura de Medellín, como o muralista Santiago Rodas e o historiador David Herrera. Rodas ressaltou a dimensão direta e popular de sua poesia: “Yo creo que hay un solo Helí Ramírez, uno difícil de conseguir, tosco, barrial y sin parafernalia social. Ese Helí reacio al mundillo literario, sincero, concentrado en sus textos, en los problemas de su barrio, es el que está en mi corazón” (RODAS, 2019). Herrera, por sua vez, destacou a força de uma escrita que transformava a experiência cotidiana em poética: “le bastó la escritura como el arte de repetirse a sí mismo y a los suyos [...] engendró una poética de lo inexpresado, una estética de lo no escrito y lo no expuesto” (HERRERA, 2019). Essas leituras consideram a referência de Ramírez não apenas na literatura, mas também nas diferentes formas de interpretação e criação ligadas ao território.

No campo da recepção, sua poesia foi marcada por uma posição ambivalente. Villegas-Restrepo (2020) observa que Ramírez inscreve medo e precariedade na voz poética de Medellín, situando-o como cronista das condições sociais da comuna. Contudo, críticos também desqualificaram sua produção como “dialeto” ou restrita ao

local. Herrera Palacio (2024) sintetiza essa oscilação: A crítica literária não sabe se deve ler Ramírez como o maior poeta da cidade ou reduzi-lo a um escritor marginal de bairro. Correa Arroyave (2003) reforça esse tensionamento ao afirmar que a legitimidade das vozes populares é sempre parcial e contestada.

Esse movimento contraditório pode ser compreendido a partir do conceito de campo literário formulado por Bourdieu (2008), para quem o valor das obras depende da posição ocupada por seus produtores no espaço de relações, mais do que de propriedades intrínsecas de estilo ou conteúdo. Maingueneau (2006) acrescenta que o campo literário deve ser entendido como um dispositivo de legitimação, no qual a obra só adquire estatuto quando reconhecida pelas instâncias que o compõem. No caso de Ramírez, o reconhecimento coexistiu com a estigmatização, expondo como as hierarquias que regulam a língua e a literatura operam na definição de quem pode ser ouvido.

Em síntese, Ramírez desenvolve uma poética marginal que desautomatiza a leitura da violência e torna visível como sujeitos populares narram a cidade a partir de sua própria experiência (VILLEGAS-RESTREPO, 2020). Essa reflexão final situa a obra de Ramírez como intervenção literária que amplia os modos de narrar a cidade, mesmo sob condições desiguais de legitimidade.

A trajetória de Helí Ramírez, atravessada por disputas em torno da formação, da edição, da linguagem e da recepção, lança luz sobre processos concretos de legitimação e estigmatização. A próxima seção apresenta as ferramentas que serão utilizadas para a análise do corpus, explicitando os conceitos e procedimentos que orientam a leitura da materialidade linguística.

2.4 Ferramentas para análise

Nesta seção desenvolvemos um conjunto de ferramentas pragmáticas para a leitura do corpus. O propósito é examinar como a materialidade linguística, entendida aqui como pausas, atos de fala, implicaturas, e grafias não hegemônicas, atua na construção de pistas indexicais que vinculam a forma ao posicionamento enunciativo e às condições de produção. Partimos da ideia de que enunciar é agir e de que a materialidade do verso não apenas registra a fala, mas projeta posições do falante, podendo orientar interpretações e participar de disputas pelo reconhecimento da língua

legítima, em suma comunica. Nesse quadro, consideramos como a poesia de Helí Ramírez se posiciona diante das instâncias de legitimação, editoras, crítica, escola e prêmios. Seguindo Del Valle, a noção de ‘pátria comum’ sustentada na língua envolve um projeto político-ideológico de unificação (DEL VALLE, 2007). Logo, a grafia não hegemônica, longe de configurar déficit, é tratada aqui como opção de composição que se contrapõe à lógica da hipercorreção, propondo que a literatura pode contribuir para constituir o estatuto da própria língua. Além desses aspectos, consideramos necessário entender a multimodalidade como recurso constitutivo da obra de Ramírez, principalmente pelas marcas de oralidade e pela obra ilustrativa presente num dos livros que formam o corpus.

Para dar conta desse objetivo, a seção se organiza em cinco movimentos. Em primeiro lugar, descrevem-se as pausas gráficas, em diálogo com Paraíso (2000) e Orlandi (2007), que aproximam o ritmo da escrita de efeitos de oralidade e do silêncio como materialidade do não dito. Em seguida, discutem-se os atos de fala e a enunciação, a partir de Austin (1962) e Searle (1969; 1979), para interpretar como os poemas estabelecem ações e posições de voz. A terceira subseção aborda as implicaturas e rupturas do código, com base na proposta de Grice (1975), observando como cortes versais, elipses e ambiguidades acionam inferências. Na sequência, a quarta subseção examina a insegurança linguística e a grafia não hegemônica, em diálogo com Labov (2006) e Bagno (2007), considerando como escolhas ortográficas recusam a hipercorreção e tensionam a definição do que conta como escrita legítima em instâncias de prestígio. Entendemos que tais práticas se inscrevem em disputas pela legitimidade da língua e podem ser interpretadas numa perspectiva glotopolítica em sentido amplo (GUESPIN; MARCELLESI, 1986), pois mesmo sem constituírem uma política formalizada, produzem efeitos sobre a normatividade. Por fim, a análise incorpora também a dimensão multimodal, conforme Kress e van Leeuwen (2006), Bezemer e Kress (2008) e Canale (2019), em que palavra e imagem interagem na construção de sentidos.

Com esse recorte, inicia-se pela análise das pausas gráficas, observando como cortes versais, cesuras e sinais de pontuação estruturam o ritmo da leitura e aproximam a escrita de efeitos de oralidade.

2.4.1 Pausas gráficas e oralidade

Ao abrir a análise, interessa observar de que modo o texto se organiza graficamente para produzir efeitos de leitura. A pausa versal, a cesura, o corte estrófico e os sinais de pontuação atuam como materialidade linguística que orienta a organização do enunciado e sustenta marcas de oralidade na escrita.

A crítica situa a poesia de Helí Ramírez no campo conversacional, próxima da oralidade das comunas de Medellín. Vale registrar: “la obra de Ramírez [...] se mueve fácilmente por entre los límites siempre borrosos de la poesía conversacional/coloquial y la anti-poesía” (HERRERA PALACIO, 2006). No mesmo sentido, Hoyos observa: “Es la primera vez que yo siento como que un poeta habla con nuestra propia lengua la historia de nosotros, especialmente de los que crecimos en los barrios populares de ciudades como Medellín” (HOYOS apud HERRERA PALACIO, 2006).

Com base nesse referencial, esta subseção descreve materialidades linguísticas que orientam a leitura, como a pausa versal e estrófica, a cesura interna e os sinais de pontuação com efeito de corte, aqui reunidas sob a denominação pausas gráficas.

A sistematização de Paraíso inclui a pausa entre os constituintes da versificação, ao lado da extensão do verso, de padrões organizativos e da estrofe: “en la versificación española [...] estos son: la longitud del verso [...] la distribución de los acentos [...] la rima [...] y la posible existencia de estrofas [...]. A estas cuatro fuentes de ritmo hay que añadir las pausas, que delimitan o encuadran los elementos anteriores” (PARAÍSO, 2000). No tratamento específico, a autora distingue pausas “fijas” (estruturais) e “variables” (motivadas por necessidades sintático-semânticas) e define a pausa versal como “la primera y más necesaria. Es la que define el verso, la que justifica su escritura aislada en la página”, com duração modulada pela pontuação (ponto, vírgula, ausência) (PARAÍSO, 2000). A exposição abrange ainda a pausa estrófica e a cesura como cortes estruturais (PARAÍSO, 2000), as modalidades de encabalgamiento (“abrupto” e “suave”) (PARAÍSO, 2000) e o contra-encabalgamiento abrupto: “un fragmento versal breve, inferior a la mitad del verso, está aislado por pausa [...] al final del verso y enlaza con el verso siguiente” (PARAÍSO, 2000).

Esse conjunto aplica-se também ao verso livre. A tipologia proposta por Paraíso contempla variantes organizadas por critérios de sentido, repetição, paralelismos ou fragmentação, em que pausas e cortes assumem centralidade quando metro e rima não

estruturam a organização do texto (PARAÍSO, 2000). Segue, com Orlandi, que o silêncio integra a produção de sentido como relação entre dizer e não dizer; por isso, pausas e brancos tipográficos são tratados aqui como materialidades linguísticas do não dito, sem desenvolvimento de um aparato específico da Análise do Discurso (ORLANDI, 2007).

As pausas gráficas em Ramírez podem, nesse sentido, ser lidas como recurso que inscreve na página marcas de oralidade gráfica, vinculadas à experiência linguística das comunas.

O poema “Cucos amarillos” de Heli Ramírez ilustra o funcionamento. O verso isolado “De dieciocho” opera como fragmento breve apoiado no enunciado anterior, com pausa forte e deslocamento do foco informativo (RAMÍREZ, 1988). O corte “no quería solo mis / caricias.” cria suspensão antes do complemento e encerra a unidade com ponto final (RAMÍREZ, 1988). A fala de terceiro introduzida por dois-pontos (“Enamorada se la llevaron...”) reorganiza a leitura por pausa forte e mudança de voz até o fecho das aspas (RAMÍREZ, 1988). Em todos os casos, as pausas gráficas distribuem informação e controlam a organização do enunciado.

Sob uma perspectiva variacionista, busca-se afastar leituras deficitárias da oralidade popular. A formulação de Labov permanece útil: “A variabilidade é parte integrante do sistema linguístico, e não menos do comportamento da cidade” (LABOV, 2006, tradução nossa). Nessa linha de análise, as escolhas gráficas que aproximam a dicção dos repertórios das comunas podem ser descritas como marcas que orientam a interpretação e modulam a força ilocucionária, sem dependência de dados acústicos. Essas escolhas não se limitam ao plano formal, pois participam de disputas pelas instâncias de legitimação sobre o que conta como escrita legítima. Nesse sentido, inscrever na página marcas vinculadas à oralidade das comunas pode ser compreendido como um procedimento que questiona a homogeneização, em sintonia com a formulação de Del Valle (2007), segundo a qual a ideia de uma “pátria comum” é um projeto político-ideológico que busca alinhar diversidade linguística a uma unidade imaginada. É nesse ponto que se abre a análise dos atos de fala, a fim de investigar como, para além da organização gráfica, os poemas instauram ações no enunciado e instituem posições de voz.

2.4.2 Atos de fala e enunciação

Dando sequência à análise das pausas gráficas, esta subseção aborda os atos de fala para investigar como o poema realiza ações por meio da linguagem. Considera-se a formulação de Austin (1962) como ponto de partida e opera-se com as categorias de Searle (1969; 1979).

Como referência operacional, parte-se de que enunciar é agir. Nesse sentido, poemas que tematizam violência, precariedade e vida cotidiana não se limitam a descrever; instituem posições de voz e convocam respostas de públicos.

Na leitura do corpus, trabalham-se classes ilocucionárias enxutas. Reconhecem-se assertivos (relatos e constatações que estabilizam uma situação), diretivos (convites, pedidos, avisos que orientam condutas), expressivos (reações e julgamentos) e comissivos (decisões e compromissos). Valores declarativos podem surgir quando um enunciado institui uma situação no próprio poema (SEARLE, 1969; 1979). A identificação se apoia em materialidade linguística: formas de tratamento pronominais, formas imperativas, repetições, encadeamentos e no modo como as pausas gráficas regulam o ritmo enunciativo (4.1).

Em *Cucos amarillos*, por exemplo, “Le entregué un columpio para que empenhara.” configura um assertivo que relata uma ação concreta; logo adiante, “no quería solo mis / caricias.” apresenta fala de outra voz cuja divisão em dois versos isola o núcleo “caricias.” e reforça o efeito de fecho; na sequência, “Que esa era la noche de los cucos amarillos / Dispuestos a puntuar recuerdos.” mantém o traço assertivo, com predicação que fixa um cenário (RAMÍREZ, 1988). O mesmo poema introduz fala de terceiro por dois-pontos: “Enamorada se la llevaron para el manicomio / En ropa interior / Dando gritos”, bloco que permanece no eixo assertivo e ganha força informativa pela pausa forte e pela mudança de voz (RAMÍREZ, 1988). Em todos os casos, a disposição na página sustenta a emergência dos atos no texto e regula sua intensidade.

Como sintetiza Lagares (2018), as atitudes relativas à língua e à mudança linguística são ideológicas; nessa chave, a normatividade opera como prática política no espaço social. Assim, os atos de fala nos poemas não apenas instauram ações no texto, mas também participam das disputas por reconhecimento de vozes nas instâncias de legitimação literária e linguística.

Essa perspectiva prepara o terreno para a análise das implicaturas e rupturas do código, observando como cortes versais, elipses e encabalgamentos acionam inferências e reorientam expectativas de leitura.

2.4.3 Implicaturas e rupturas da norma

A reflexão sobre os atos de fala leva nesta subseção, dedicada às implicaturas conversacionais. Aqui se examina como cortes versais, elipses e deslocamentos criam tensões interpretativas em diálogo com o modelo de Grice (1975).

Adotamos a teoria das implicaturas conversacionais (GRICE, 1975), segundo a qual o princípio de cooperação e as máximas de quantidade, qualidade, relevância e modo funcionam como parâmetros de interpretação. Quando o texto tensiona essas máximas, emergem sentidos não explicitados que dependem da inferência do leitor. O vínculo com a subseção 4.1 é direto: pausas, cesuras e sinais de pontuação criam expectativas de continuidade; ao interromper ou deslocar essa continuidade, o poema mobiliza inferências.

Para fins metodológicos, vale indicar alguns exemplos de como essas marcas se realizam no corpus: a elipse em “De dieciocho.” sustenta implicatura sobre valor de penhor; a segmentação em “no quería solo mis / caricias.” cria pausa e expectativa; e a expressão coloquial “a la lata” exige inferência contextual. Esses casos ilustram como escolhas gráficas e lexicais orientam a produção de inferências, princípio que guiará a análise dos poemas.

O alcance dessa leitura deve ser delimitado. O funcionamento das implicaturas não se confunde com obscuridade arbitrária; organiza-se em torno de saberes partilhados nas comunas de Medellín e de expectativas de leitura estabilizadas pela tradição escolar. Quando o poema desloca essas expectativas, inclusive as da norma dominante, não atua fora da linguagem, mas dentro de rotinas interpretativas reconhecíveis (GRICE, 1975).

Nesse sentido, a ruptura da norma não se reduz a recurso estilístico, mas corresponde ao que Guespin e Marcellesi definem como fato glotopolítico, isto é, “todos os fatos de linguagem em que a ação da sociedade reveste a forma do político” (GUESPIN; MARCELLESI, 1986, p. 12).

2.4.4 Insegurança linguística e grafia não hegemônica no livro

As implicaturas e rupturas da norma preparam esta subseção, que discute a grafia não hegemônica em diálogo com a noção de insegurança linguística de Labov (2006) e com o debate sobre preconceito linguístico em Bagno (2007).

No conjunto de **Golosina de sal**, a grafia não hegemônica aparece como procedimento recorrente. O caso mais denso está em *Lava y aplancha*, mas a intenção surge já no poema de abertura, *Remolinos*, onde o eu lírico declara “escribo estos garabatos” (RAMÍREZ, 1988). Essa declaração orienta a leitura do volume: parte dos poemas assume na página traços da fala das comunas, sem reduzir o efeito ao que a escola chamaria de “erro” ou de falta de escolarização.

Em *Lava y aplancha*, a sequência “La zeñora del frente laba y haplancha ropaz” mostra como trocas ortográficas como s/z e b/v funcionam como marcas gráficas seletivas que aproximam o texto da oralidade popular. Esse tipo de recurso ilustra o procedimento analítico que será desenvolvido no capítulo seguinte.

Do ponto de vista teórico, o contraste com a insegurança linguística de Labov é direto. Na insegurança, o falante adere a um padrão externo e tende à hipercorreção; mede-se essa oscilação pela discrepância entre uso declarado e uso efetivo (Índice de Insegurança Linguística) e pela extrapolação das regras de prestígio: “a insegurança leva diretamente à hipercorreção, pois o falante inseguro não internalizou suas normas recém-adquiridas e não possui uma regra aplicada automaticamente que lhe permita saber onde parar em sua correção” (LABOV, 2006, tradução nossa). Em *Lava y aplancha* e em outros poemas com grafia não hegemônica, observa-se o inverso: não há correção “para cima”, mas transformação de pronúncias correntes em registro gráfico. Essa operação não dificulta a leitura; ao contrário, organiza a interpretação em conjunto com pausas, elipses e mudanças de voz.

Esse ponto se relaciona ao debate sobre preconceito linguístico. Bagno observa que a escola e os circuitos de prestígio costumam identificar “língua” com a variedade normativa e classificar as demais como “erro”, o que naturaliza desigualdades e bloqueia o reconhecimento de outros usos como legítimos (BAGNO, 2007). Aplicado ao caso, o rótulo de “erro ortográfico” desloca para o texto uma insegurança que não é do autor. Com base na regularidade interna dos poemas, a leitura aqui proposta interpreta a grafia não hegemônica como opção composicional. Nesse quadro, tais

grafias questionam a norma escolar como construção histórica e sustentam no poema um modo de dizer vinculado às comunas de Medellín.

Em termos glotopolíticos, interessa observar que a disputa em torno da ortografia se vincula à definição do que conta como escrita legítima em instâncias de prestígio. Como formula Bourdieu (2008), a língua legítima depende de instrumentos de expressão e de instituições que lhe conferem autoridade no mercado linguístico. Nesse sentido, a literatura participa da própria constituição da língua, conferindo-lhe qualidade e estatuto (MAINGUENEAU, 2006).

Com base nessas referências, a grafia não hegemônica em **Golosina de sal** pode ser interpretada como instrumento de intervenção no espaço de disputas entre norma e uso, deslocando o critério de legitimidade para práticas linguísticas vinculadas às comunas de Medellín. Se as grafias não hegemônicas tensionam a norma pela via da escrita, é a multimodalidade que amplia essa disputa ao articular palavra e imagem em um mesmo gesto enunciativo.

2.4.5 Multimodalidade e transduções nos poemas em imagem

A leitura de Heli Ramirez - **Poemas Ilustrados** (2012) demanda considerar a composição de texto e imagem. O livro apresenta poemas de Helí Ramírez editados ao lado de pinturas de Fredy Serna (Tragaluz editores S.A, 2012). Nesse arranjo, diferentes modos operam juntos; cada modo dispõe de recursos específicos, e a combinação reorganiza o espaço de leitura (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Em termos sociosemióticos, transdução designa o deslocamento de material semiótico entre modos (por exemplo, do verbal ao visual), com ganhos e perdas (BEZEMER; KRESS, 2008).

Nesta pesquisa, dois poemas foram examinados com base em audiodescrições realizadas pela pesquisadora Luanny Lima, membro do projeto de Extensão do PROLINC – Projeto Letras Inclusão da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com apoio da Inteligência Artificial Generativa do chat GPT, o que permitiu tratar o plano visual como dado analítico.

Em “Esguinces a un sentimiento” (p. 64), o poema apresenta uma sequência que passa a termos isolados, “las naranjas, / los mangos, / las piñas”, distribuídos em linhas separadas, e aparece ao lado de uma imagem de colina ocupada por casas, com ruas em diagonais e áreas verdes. A articulação entre o recorte verbal (itens da lista,

segmentados) e a imagem (ocupação densa do morro) coloca em relação a enunciação sobre miséria e um cenário urbano concreto na página. À luz de Bezemer e Kress, trata-se de transdução: parte do conteúdo passa de um modo a outro e, nesse percurso, muda o que pode ser percebido no conjunto (BEZEMER; KRESS, 2008).

Em “La colina (uno)” (p. 15), o texto menciona “adobe pelado” no primeiro par de versos, e a página mostra, ao lado, uma imagem de ocupação densa com manchas verdes e vias diagonais; a própria audiodescrição detalha a divisão vertical da página, com pintura à esquerda e poema à direita, além da paginação “15”. O sumário confirma o título e a página (p. 15), assim como no poema anterior. Colocar lado a lado o texto que descreve o bairro e a imagem do morro relaciona o enunciado a um lugar específico, sem exigir inferências externas ao material da página.

Do ponto de vista glotopolítico, a multimodalidade não funciona como ornamento. A decisão editorial de publicar o livro mantendo a ortografia do autor (nota do editor) e, nesta pesquisa, o uso de audiodescrição para leitura do plano visual indicam que as escolhas de modo importam nas disputas sobre o que conta como linguagem legítima (GUESPIN; MARCELLESI, 1986; ver formulação já citada nesta Seção 4). Assim, articular palavra e imagem desloca a disputa para outro plano semiótico, em linha com discussões latino-americanas sobre recontextualização e desenho multimodal (CANALE, 2019).

Em síntese, a multimodalidade nos poemas opera como procedimento de leitura: organiza relações entre recursos verbais (segmentação, lista, marcação de itens) e recursos visuais (ocupação do morro, vias, vegetação), relacionando o enunciado a um espaço concreto.

Encerrada a seção metodológica, a próxima etapa aplica essas ferramentas à leitura detalhada dos poemas selecionados de **Golosina de sal** (1988) e **Poemas Ilustrados** (2012).

3. MATERIALIDADE LINGUÍSTICA E DISPUTA GLOTOPOLÍTICA NA POESIA DE HELÍ RAMÍREZ

Após a exposição dos procedimentos metodológicos que orientam esta pesquisa, passamos à apresentação geral do corpus que será analisado. A análise parte da materialidade linguística de dois livros de Helí Ramírez, **Golosina de sal** (1988) e **Poemas ilustrados** (2012), cujas características editoriais, estruturais e gráficas criam as condições para o recorte que se delineia nas subseções seguintes.

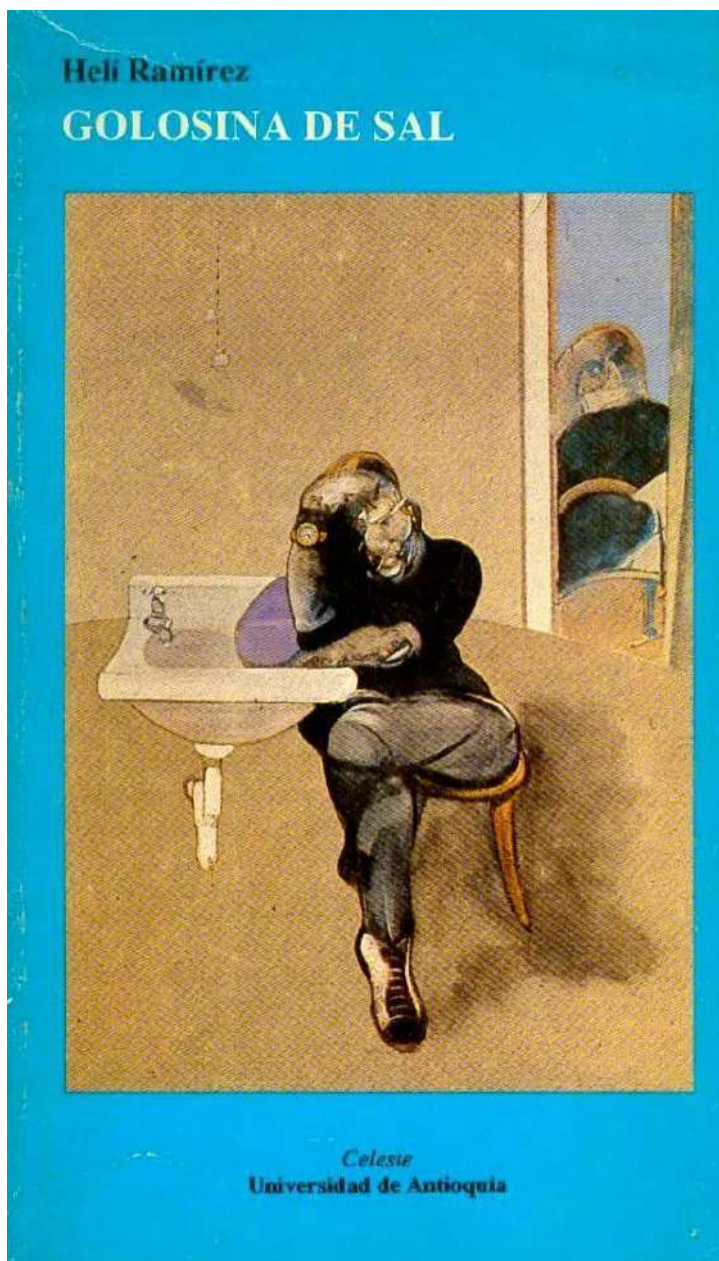


Figura 1 - Capa do livro Golosinas de sal. Disponível em: <https://conexionnortesur.com/>. Acesso em: ago. 2025.

O livro **Golosina de sal** foi publicado em 1988 pela Editorial Universidad de Antioquia, integrado à coleção literária Celeste 8. A edição impressa, com capa que reproduz Autorretrato (1973) de Francis Bacon, não apresenta prefácio, posfácio ou texto introdutório. O volume reúne 79 poemas distribuídos em três partes, Desierto de la ilusión (22 poemas), Oculto sol (24 poemas) e Ventana de verano (33 poemas). Os textos são compostos em versos livres, com predomínio de cortes sintáticos, elipses e variações gráficas que apresentam marcas de oralidade, organizados em estrofes curtas ou blocos fragmentados sem continuidade narrativa. A ausência de paratextos e a disposição direta dos poemas na página reforçam a centralidade da materialidade escrita como porta de entrada para o livro. Essa versão apresenta apenas a sequência dos poemas, sem ficha técnica ou paratextos. O exemplar que utilizamos nesta pesquisa foi consultado em versão digital disponibilizada pela Biblioteca Digital da Universidad de Antioquia. A ausência dessas informações motivou uma investigação metodológica sobre as condições editoriais da obra, o que levou à busca pela edição impressa. A localização do exemplar físico não foi possível por meio de canais comerciais, uma vez que o livro não se encontrava disponível em livrarias nem em sebos. Diante disso, o acesso ao volume exigiu a mobilização de redes pessoais e acadêmicas na Colômbia, incluindo contatos em Bogotá, até que o livro fosse localizado no acervo da Biblioteca Luis Ángel Arango. A comparação entre as versões digital e física nos permitiu identificar diferenças de diagramação e confirmar a ficha técnica completa, a qual não aparece integralmente nas versões digitais.

Já **Poemas ilustrados** (Tragaluz, 2012) organiza 28 textos, acompanhados de ilustrações de Fredy Serna. Ao contrário de **Golosina de sal**, o volume apresenta paratextos tais como uma nota editorial que informa que a ortografia original dos poemas foi preservada “por decisão do autor”, e um posfácio de Juan José Hoyos fornece a biografia condensada de Ramírez e do ilustrador. O projeto gráfico, elaborado pela própria editora, explora uma composição material que integra texto e imagem.

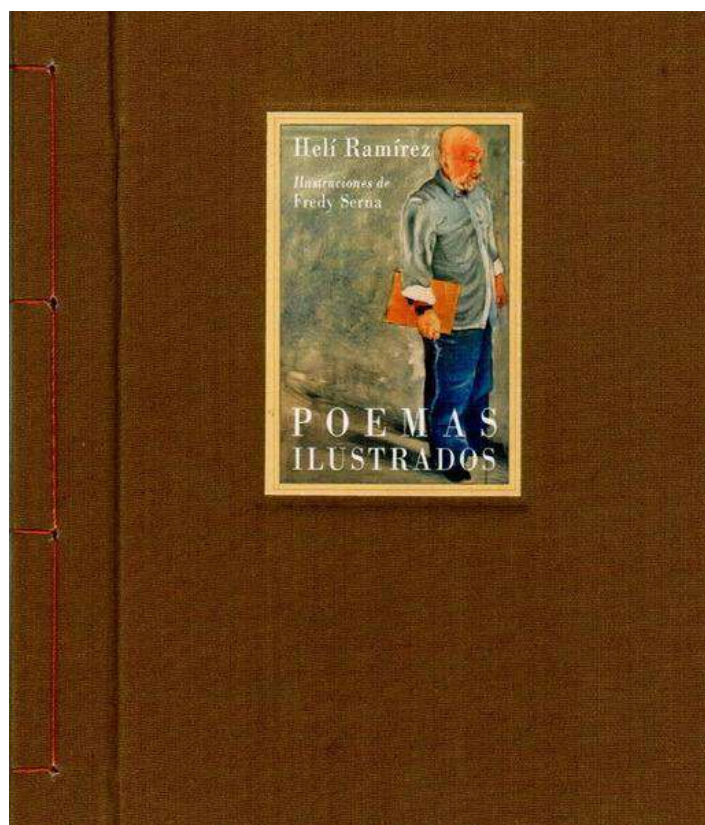


Figura 2 - Capa do livro **Poemas Ilustrados**. Disponível em: <http://en.rettalibros.com>. Acesso em: ago. 2025.

A capa artesanal, o formato costurado e o diálogo entre versos e ilustrações configuram um suporte em que a leitura verbal e a visual se entrelaçam. Para esta pesquisa, a análise contou com a edição impressa e com o recurso de audiodescrição realizado pela pesquisadora Luanny Lima (PROLINC/UFRJ), o que permitiu integrar os elementos visuais à leitura dos poemas.

A reunião desses dois livros no corpus não tem finalidade antológica, mas metodológica. **Golosina de sal** oferece um conjunto amplo de textos em que variações gráficas, cortes, pausas e escolhas lexicais acompanham práticas de linguagem das comunas de Medellín. **Poemas ilustrados**, por sua vez, permite observar como esse mesmo repertório aparece reconfigurado em outro suporte, mediado por recursos visuais e por paratextos que interferem na circulação do texto. A combinação dos volumes possibilita comparar, em condições materiais distintas, a inscrição de uma mesma variedade urbana em dois regimes editoriais.

Com essa apresentação geral do corpus, a análise se volta, na primeira parte, para **Golosina de sal**, tomando um conjunto de poemas como base para observar de que modo a materialidade linguística do livro se organiza na página.

3.1 Escrita, variação e cotidiano: enunciações em **Golosina de sal**

A partir do percurso traçado, esta primeira parte do capítulo reúne cinco poemas de **Golosina de sal** que permitem observar como a escrita de Helí Ramírez articula variação gráfica, economia verbal e organização das vozes para produzir enunciações que não circulam no centro do prestígio linguístico. Aqui, o foco recai sobre a materialidade da linguagem, ou seja, nas pausas, cortes, intensificadores/atenuadores, repetições e escolhas gráficas. Tudo como procedimentos que estruturam cenas de trabalho, corpo, cuidado, deslocamento, vigilância e encarceramento. É nesse sentido que esta seção se desdobra como continuidade direta da problematização inicial.

A ordem dos poemas que escolhemos para análise segue uma lógica interna do próprio livro e, ao mesmo tempo, organiza um arco analítico. Abrimos com *Remolinos*, que concentra a reflexão sobre a escrita, o estatuto da palavra e a posição do enunciador no mercado linguístico. Em seguida, mais três poemas de *Desierto de la ilusión*, *Hofendida de zu edad*, *Laba y haplancha* e *Cucos amarillos*, deslocam o eixo para figuras femininas e para a relação entre corpo, trabalho e linguagem. Em *Hofendida de zu edad*, a recorrência das grafias não hegemônicas, incluindo a hipercorreção de “hofendida”, compõe uma escrita que acompanha o desgaste físico e cotidiano da personagem. Em *Laba y haplancha*, o uso sistemático de variações gráficas e hipercorreções indica a pressão normativa como procedimento composicional. Já em *Cucos amarillos*, onde a ortografia se estabiliza, a disputa pela voz se desloca para as pausas, elipses e entradas de fala, que organizam a circulação fragmentada de relatos.

Na sequência, um poema de *Oculto sol*, *Nos hacemos los dormidos y roncamos* transfere essa disputa para o ambiente carcerário. Em *Nos hacemos los dormidos y roncamos*, a fragmentação, o silêncio e a assimetria entre vozes sugere o controle institucional sobre a fala dos presos.

Assim estruturada, esta parte propõe que cada poema formula, à sua maneira, uma relação específica entre forma, enunciação e pertencimento, compondo um conjunto que permite observar diferentes modos de ação sobre a linguagem. É a partir desse percurso

que se inicia a análise de Remolinos, que abre o livro e estabelece o problema central da escrita como lugar de disputa.

3.1.1 O poema - REMOLINOS

REMOLINOS

IV

Escribo estos garabatos...

Lo único que sé es escribir...

Ni antigüedad ni abolengo respeto.

La palabra

Reina de pistas

La que se habla la que se escribe

La que debía ser no es: Nos la quitaron

Y no a las buenas.

Téngase en cuenta:

Y no a las buenas..

Escribo estos garabatos...

Cuánto ha que no elimino contrarios

A un cinco pecoso a los pies pegado...

Escribo estos garabatos...

La luz natural y artificial me tienen

ciego y reciego...

Escribo estos garabatos...

La historia es tuerta y a la que

viene al por mayor y al detal hay que
colocarle farolas...

Escribo estos garabatos...

Primero se me perdió el cielo y

Enseguida la tierra que me inquieta
por las venas...

Escribo estos garabatos...

No me gusta ver escombros ni estar
en ellos...

3.1.1.1 Contextualização

“Remolinos” abre o livro **Golosina de sal** e inaugura a seção “Desierto de la ilusión”, que abre o volume. O poema está dividido em seis blocos numerados e reúne cerca de oitenta e quatro versos livres. Os blocos variam em extensão e alternam linhas curtas e longas, sem regularidade métrica ou esquema fixo de rimas. Essa organização produz um andamento fragmentado, sustentado por cortes sintáticos, retomadas e pequenos núcleos temáticos que se sucedem de modo descontínuo.

O texto mobiliza um repertório linguístico associado às comunas de Medellín, no qual circulam formas que também alimentam o parlache. As variações gráficas, as escolhas lexicais e a aproximação entre fala e escrita não formam um sistema unificado, mas refletem práticas urbanas que convivem com essa variedade. Assim, a materialidade do poema se apoia em usos situados e marcados pela oralidade e pela distância em relação à norma hegemônica.

Os seis blocos compõem quadros relativamente autônomos. O primeiro trata do nascimento e da parteira; o segundo aborda tensões entre pensamento, resignação e desejo; o terceiro se aproxima da precariedade doméstica; o quarto concentra as reflexões sobre a escrita e sobre a perda da palavra; o quinto menciona o entorpecimento da escuta e a passagem do tempo; o sexto retoma a memória e o desconforto persistente. Esses quadros não constroem uma narrativa linear, mas se articulam por repetição e retorno de certos motivos.

A análise deste capítulo se concentrará apenas na seção IV. Essa escolha decorre de sua relevância para o tema da escrita e da disputa pela legitimidade, especialmente por causa da repetição de “Escribo estos garabatos”, que organiza o modo de enunciação e reúne material suficiente para observar atos de fala, implicaturas, intensificadores e pausas gráficas. As demais seções serão retomadas apenas quando necessário para esclarecer vínculos internos.

A seguir, inicia-se a análise pragmática da seção IV, observando verso a verso como a escrita organiza o enunciado e como se constroem os efeitos de sentido que serão discutidos na leitura glotopolítica.

3.1.1.2 Análise pragmática

Como ponto de partida, examinamos verso a verso a organização enunciativa da seção IV, observando pausas gráficas, materialidade linguística, atos de fala e intensificadores/atenuadores, que depois servirão de base para a leitura glotopolítica.

O primeiro verso, “Escribo estos garabatos...”, apresenta um ato assertivo, já que o enunciador declara o que está fazendo. As reticências funcionam como pausa gráfica variável, conforme Paraíso (2000), e prolongam o enunciado. A escolha de “garabatos” funciona como um léxico que desloca a escrita para um registro menos prestigiado, e

não como grafia não hegemônica. A implicatura sugere que escrever permanece possível mesmo num cenário de limitação.

A seguir, “Lo único que sé es escribir...” mantém o ato assertivo e reforça a posição anterior. O intensificador “lo único” restringe a capacidade do enunciador ao escrever. As reticências sustentam a suspensão. A frase é simples e direta, e essa materialidade sugere que o escrever é o único instrumento disponível, ainda que sem prestígio.

O verso “Ni antigüedad ni abolengo respeto.” continua no registro assertivo. O paralelismo negativo funciona como intensificador da recusa. O ponto final marca pausa versal forte, entendida aqui como a interrupção produzida pelo final do verso, que pode coincidir com o fechamento sintático do enunciado ou deslocar esse fechamento para o verso seguinte, reorganizando a leitura. Os termos “antigüedad” e “abolengo” pertencem ao léxico institucional, e a implicatura sugere que o valor da palavra não se apoia nesses critérios tradicionais.

O verso isolado “La palabra” também é assertivo. O enunciador nomeia o objeto central da reflexão. O isolamento cria uma pausa versal fixa, no sentido de Paraíso, que concentra o foco na palavra nomeada. Em seguida, no verso “Reina de pistas” retoma essa nomeação e a qualifica. A forma nominal, sem verbo, reforça a atribuição. A palavra “pistas” admite duas leituras pertinentes, sinais que podem ser lidos e as ruas das comunas, ambas sustentadas pela materialidade do léxico. A implicatura sugere que a importância da palavra se inscreve nos usos cotidianos, não em instâncias de autoridade.

O verso “La que se habla la que se escribe” mantém o ato assertivo. A ausência de vírgulas faz o enunciado avançar de modo contínuo, funcionando como aceleração sintática. Essa organização aproxima fala e escrita no mesmo plano de valor. A simetria estrutural do verso reforça essa equivalência.

O segmento “La que debía ser no es / Nos la quitaron” combina dois atos assertivos. A pausa versal entre eles não configura encabalgamiento, uma vez que cada verso apresenta uma unidade sintática completa, mas produz uma justaposição de enunciados independentes. O enunciador declara que a forma de linguagem que deveria estar disponível ao grupo não corresponde ao que esse grupo de fato possui. A expressão “Nos la quitaron” inclui um nós afetado pela perda e registra um processo de

expropriação. A implicatura desse enunciado sugere que a privação não resulta de circunstância individual, mas de uma estrutura histórica.

O verso “Y no a las buenas.” mantém o ato assertivo. A sentença é curta e direta. O ponto final estabelece uma pausa fixa. O enunciado reforça que a retirada ocorreu por imposição.

Em “Téngase en cuenta”, o enunciador realiza um ato diretivo, solicitando atenção para o que está sendo dito. A pausa gráfica ao final do verso abre espaço para a repetição seguinte, “Y no a las buenas...”. As reticências prolongam a frase e insistem na lembrança do gesto impositivo.

A repetição de “Escribo estos garabatos...” retorna como refrão e mantém o ato assertivo inicial. As reticências continuam funcionando como pausa variável. A implicatura reafirma a persistência do ato de escrever.

O verso “Cuánto ha que no elimino contrarios” retoma o tom assertivo. A ausência de sinais interrogativos aproxima o verso de uma fala grafada. O termo “contrarios” não é definido pelo texto, e o poema não fixa seu referente, mantendo o sentido em aberto.

No verso “A un cinco pecoso a los pies pegado...”, o ato permanece assertivo. O texto mantém a opacidade referencial, “cinco” pode remeter a moeda de baixo valor ou a uma pessoa, mas não há confirmação interna. “Pecoso” é léxico comum e não pertence ao repertório de grafias não hegemônicas, geralmente entendido como uma palavra que denota uma pessoa que tem pecas, ou seja, pintinhas na pele. As reticências prolongam a indeterminação e funcionam como pausa variável.

A repetição seguinte de “Escribo estos garabatos...” mantém o refrão. Logo depois, “La luz natural y artificial me tienen” apresenta outro ato assertivo. O pareamento “natural y artificial” funciona como contraste. A passagem ao verso seguinte, “ciego y reciego...”, cria um encabalgamiento suave, conforme Paraíso, uma vez que a informação prossegue no verso posterior. Chamamos de encabalgamiento porque o segmento iniciado no verso anterior não se completa ali, e a informação principal, ciego y reciego, aparece no verso seguinte, exigindo continuidade de leitura. A duplicação “ciego y reciego” mobiliza a metáfora da cegueira, deslocando-a do campo fisiológico para um plano de leitura não literal, associado à limitação ou à recusa

do ver. A forma “reciego”, grafia não hegemônica ligada a usos coloquiais, reforça esse deslocamento. As reticências mantêm o enunciado em suspensão.

O refrão retorna em “Escribo estos garabatos...”. A organização mantém coerência formal. Em seguida, “La historia es tuerta y a la que” apresenta um ato assertivo e caracteriza a história como parcial. A pausa versal, interrupção gráfica do verso que não encerra a unidade sintática, deixa o enunciado aberto. O próximo verso, “viene al por mayor y al detal hay que”, inicia um ato diretivo por meio de “hay que”. O pareamento “al por mayor / al detal” mobiliza uma expressão coloquial do campo comercial, referida a formas de venda. O verso coloca em relação a venda no atacado e a venda no varejo, organizando o sentido por contraste. O verso seguinte, “colocarle farolas...”, conclui a orientação diretiva. As reticências ampliam a ideia de abertura. A implicatura sugere que a versão da história disponível requer exame crítico.

O refrão reaparece mais uma vez em “Escribo estos garabatos...”. A sequência prossegue com “Primero se me perdió el cielo y”, que realiza ato assertivo. O marcador temporal “Primero” ordena a experiência. A pausa versal, quebra gráfica do verso sem fechamento sintático, deixa a enumeração aberta. “Enseguida la tierra que me inquieta” continua a sequência e mantém o tom assertivo. O marcador temporal reforça a continuidade. O verso “por las venas...” funciona como complemento isolado, com pausa variável marcada por reticências. A imagem aproxima o desconforto do corpo por meio da materialidade do léxico.

O refrão retorna mais uma vez com “Escribo estos garabatos...”. O movimento final aparece em “No me gusta ver escombros ni estar / en ellos...”. O enunciado expressa uma negação. A articulação entre “ver / estar” distingue a rejeição do contato visual da recusa da permanência na cena. O corte para o verso “en ellos...” configura um encabalgamiento suave, ao deslocar o complemento para o verso seguinte. Chamamos de encabalgamiento porque o complemento en ellos é deslocado para a linha seguinte, de modo que a frase só se completa após o corte de verso. As reticências mantêm o enunciado em suspensão.

Com essa descrição verso a verso, passamos agora a observar como essas escolhas de escrita se articulam a relações de valor e pertencimento, o que será desenvolvido na leitura glotopolítica.

3.1.1.3 Leitura glotopolítica

Iniciamos esta leitura retomando que a seção IV organiza sua reflexão a partir de uma posição que não circula nos espaços de maior prestígio linguístico. Desde o início, o refrão “Escribo estos garabatos...” estrutura a voz do poema e sustenta a insistência em escrever mesmo quando o valor social da palavra é baixo. Ao nomear sua escrita como “garabatos”, Ramirez não expressa autodepreciação; ele registra o lugar que lhe é atribuído no mercado linguístico. Como lembra Bourdieu (1986), o valor da palavra depende das hierarquias que regulam quem tem autoridade para falar, e o poema não ignora essa assimetria. Nesse sentido, o texto também constrói uma autoimagem do poeta, alguém que escreve a partir de uma posição marcada pela desautorização e que, ainda assim, insiste em sustentar sua própria prática.

Em continuidade, quando surge “Lo único que sé es escribir...”, o poema delimita a escrita como único recurso possível. A frase reforça essa condição de escassez e mantém o tom que atravessa toda a seção. A recusa de “antigüedad” e “abolengo”, logo em seguida, desloca o eixo da discussão para os critérios de legitimidade. Aqui, o poema rompe com as bases tradicionais de prestígio, que, como observa Del Valle (2007), costumam ser apresentadas como naturais, embora sejam resultado de construções históricas.

A partir daí, o bloco “La palabra / Reina de pistas / La que se habla la que se escribe” condensa uma das operações mais importantes da seção. Ao aproximar fala e escrita sem hierarquia, o poema questiona a separação que costuma sustentar a ideia de “língua legítima”. O termo “pistas” permite duas leituras, por um lado sinais que precisam ser interpretados e, por outro, as ruas por onde a palavra circula nas comunas. Em ambos os casos, o poema desloca a legitimidade da instituição para o uso, indicando que o valor da palavra nasce de sua circulação concreta entre os falantes. Com isso, reafirma a autoimagem de um poeta que não busca autorização externa para dizer, mas se ancora nas práticas linguísticas que partilha com sua comunidade.

Na sequência, “La que debía ser no es: Nos la quitaron” explicita a noção de expropriação linguística. A frase atribui a ausência de uma forma legítima de linguagem a processos de retirada, e não a uma deficiência individual. Esse deslocamento se articula com o que Guespin e Marcellesi (1986) descrevem como ação sobre a linguagem, isto é, intervenções que moldam quem tem ou não acesso a certas formas. A

repetição de “Y no a las buenas.” fixa essa memória de coerção sem desenvolver dramatizações, o que mantém o tom característico de Helí Ramírez.

Avançando, o enunciado “La historia es tuerta... hay que colocarle farolas...” desloca a autoridade sobre a versão dos acontecimentos. Se a história chega parcial, cabe iluminá-la desde outro ponto de vista. A frase não reivindica uma versão alternativa; ela apenas assinala que toda narrativa é situada, algo que Del Valle (2007) enfatiza ao discutir as disputas por interpretações legítimas.

Em continuidade, a sequência “Primero se me perdió el cielo... Enseguida la tierra...”, o poema organiza a instabilidade em pequenas etapas. A formulação transforma o descontrole em sequência de fatos, sem dramatizar nem criar um sentido de superação.

Por fim, “No me gusta ver escombros ni estar / en ellos...” marca um limite claro. A recusa é ao mesmo tempo literal e relacional, visto que se trata de definir os espaços com que essa voz deseja, e não deseja, se vincular. Essa delimitação também participa das disputas por posição no campo da linguagem.

Assim, a seção IV de “Remolinos” articula repetição, cortes e escolhas linguísticas para construir uma escrita que se movimenta dentro de disputas por legitimidade. O poema não explica essas tensões; ele as realiza na forma do dizer. Com essa leitura, encerramos a seção IV de Remolinos e avançamos para o poema HOFENDIDA DE ZU EDAD, onde essas questões reaparecem de outro modo e permitem ampliar a discussão desse trabalho.”

3.1.2 O poema - HOFENDIDA DE ZU EDAD

HOFENDIDA DE ZU EDAD

Mizia Selina conbertia las valdozas en ezpejoz

Los riñonez ce quejavan de eya

No eya de los riñonez

Vien echa naris tenia enun cuerpo de uezos

sovrezalientez

Enbidiava (unaen bidia cosinada en

rezeitimiento)

A Letisia alaque todoz queriamoz amar

... Avlando enuna coztelazion de palavras de zuz

ljoz de zuerte mugroza en erensia

Era canzonsita mizia Selina...

La dejavan zola y zolo el valde a zuz
piez
Cin peztañiar le ezcuchava de zuz ijoz
Zu dizco diario

Enbi dioza juagava mizia Selina la trapiadora
biendo
La charla de Letisia y Pini
Pini idiandoce unain bitazion en cada zuzpiro de
Letisia

Mizia Selina añorava zuepoca de pelada cuando
nola zacava
Un tenvlor de tierra deuna eladeria o teatro y
Bolbia adar otro pazon alaz valdozaz hofendida
de zu edad.

3.1.2.1 Contextualização

Dando continuidade ao percurso aberto por “Remolinos” na mesma seção do livro **Golosina de sal**, este poema integra “Disierto de la ilusión” e ocupa as páginas 13 e 14 do volume. A composição organiza-se em seis estrofes não numeradas, separadas por espaço em branco, totalizando vinte e cinco versos livres. Não há medida regular de sílabas nem esquema fixo de rimas; o ritmo resulta da fragmentação sintática, dos cortes entre linhas e da presença de versos isolados, que funcionam como marcações gráficas de foco.

Ao longo do texto, observa-se o uso recorrente de grafias não hegemônicas, como alternância entre s e z, entre b e v, aglutinações ou contrações (“enun”, “alaque”, “nola”), resultantes de processos de redução e fusão de fronteiras lexicais, que inscrevem na escrita modos de encadeamento próprios da oralidade. Além de variações no emprego da h inicial. Essas escolhas aproximam a escrita de práticas de fala e remetem a uma variedade urbana das comunas submetida a forte pressão normativa. Ainda que o conceito de “insegurança linguística” tenha sido formulado por Labov (1966) para descrever avaliações negativas dirigidas às variedades de jovens negros norte-americanos, o mecanismo de atribuição de valor às formas descrito por ele permanece útil para pensar contextos marcados por assimetria no prestígio linguístico. Nesse ambiente de circulação desigual da palavra, o poema organiza sua materialidade gráfica justamente a partir de marcas que a norma dominante tende a classificar como

“inseguras”. No texto, porém, essas marcas constituem procedimento deliberado de escrita, não falha.

O enunciado se mantém majoritariamente em terceira pessoa, com uso pontual de primeira pessoa do plural inclusiva, que insere o enunciador no coletivo sem deslocar o foco narrativo. A distribuição espacial das palavras na página, a presença de reticências, de parênteses e de versos de uma única palavra organizam a circulação das informações e orientam a leitura por meio de pausas e ênfases gráficas.

Na subseção seguinte, examinamos o poema a partir de uma perspectiva pragmática, com foco em atos de fala, implicaturas, pausas gráficas e no funcionamento de sua materialidade linguística.

3.1.2.2 Análise pragmática

Concluída a contextualização, passaremos à análise pragmática do poema, acompanhando-o verso a verso e observando a organização dos enunciados, os atos de fala, as implicaturas e o papel das pausas e das variações gráficas na leitura (PARAÍSO, 2000).

O poema se abre com “Mizia Selina conbertia las valdozas en ezpejoz”. Trata-se de um ato assertivo. O verso apresenta grafias não hegemônicas desde sua abertura, organizando um regime de grafias não hegemônicas. Observam-se trocas sistemáticas como v/b (“conbertia”), b/v e s/z (“valdozas”), bem como s/z (“ezpejoz”). A forma “Mizia” corresponde a “misia”, forma nominal de tratamento respeitosa, aqui grafada com Z em coerência com o conjunto dessas escolhas gráficas.

Em “Los riñonez ce quejavan de eya”, o enunciado mantém o ato assertivo. As grafias não hegemônicas seguem o regime ortográfico do poema: “riñonez” retoma o padrão de troca s/z; “ce” apresenta variação na consoante inicial; “quejavan” mantém a troca v/b. A forma “eya” corresponde a “ella” e mobiliza o fenômeno do yeísmo, isto é, a neutralização gráfica entre ll e y. O verso registra um estado de desconforto corporal.

Em “No eya de los riñonez”, a recorrência do yeísmo reaparece. A inversão sintática retoma os mesmos termos do verso anterior, e a pausa versal, entendida aqui como a interrupção produzida pelo final do verso, que pode coincidir com o fechamento sintático do enunciado ou deslocar esse fechamento para o verso seguinte, reorganizando a leitura, estabelece paralelismo estrutural entre os dois enunciados.

Segue “Vien echa naris tenia enun cuerpo de uezos sovrezalientez”.

“Enun” resulta da aglutinação de en + un; “uezos “

“Uezos” atualiza a troca b/v e a variação no uso da inicial; “sovrezalientez” amplia o padrão z.

A ausência de vírgulas acelera a leitura. A implicatura sugere magreza acentuada sem comentário avaliativo.

Em “Enbidiava (unaen bidia cosinada en rezentimiento)”, o parêntese funciona como pausa interna, acrescentando uma explicitação breve. “Unaen” condensa una + en. O ato permanece assertivo.

No verso “A Letisia alaque todoz queriamoz amar”, “alaque” (a + la que) retoma o padrão de aglutinação; “todoz” mantém o uso de z. A implicatura sugere contraste entre personagens, sem psicologização.

O poema prossegue com “... Avlando enuna coztelazion de palavras de zuz ljoz de zuerte mugroza en erensia”.

As reticências introduzem pausa variável. “Enuna” (en + una) compacta elementos; “coztelazion” reforça o padrão z.

Em “zuz ljoz”, a grafia não normativa de sus hijos combina o seseo em “zuz” com a reescrita de hijos em “ljoz”, sem marcação da letra h, muda em espanhol. Essas escolhas produzem distanciamento da norma gráfica e mantêm a inteligibilidade do verso. A referência aos “hijos” pode permitir a inferência de continuidade de repertório, sem comentário avaliativo do enunciador.

O verso “Era canzonsita mizia Selina” é assertivo. “Canzonsita” articula o diminutivo ao padrão z, configurando uma marcação gráfica recorrente no poema. A forma de tratamento nominal permite uma leitura irônica, sem que esse efeito seja tematizado explicitamente. Aqui, o diminutivo funciona como atenuador, pois reduz a força do nomeado e rebaixa a escala do referente, produzindo um efeito de minimização no enunciado.

A estrofe seguinte inicia com “La dejavan zola y zolo el valde a zuz piez”.

O ato é assertivo e descreve abandono funcional. “Zola”, “zolo” e “piez” retomam o padrão z de mudança de s por z. A implicatura aponta solidão da tarefa.

Em “Cin peztañiar le ezcuchava de zuz ijoz Zu dizco diario”, dois versos contínuos reorganizam a informação por meio da pausa versal, entendida aqui como a interrupção produzida pelo final do verso, que pode coincidir com o fechamento sintático do enunciado ou deslocar esse fechamento para o verso seguinte, reorganizando a leitura. O ato permanece assertivo. A implicatura sugere rotina de escuta constante.

Na sequência, “Enbi dioza juagava mizia Selina la trapiadora biendo”, as variações gráficas percorrem o verso. A ausência de vírgulas produz fluidez. O verso “La charla de Letisia y Pini” surge isolado e funciona como pausa breve, deslocando a cena.

Em “Pini idiandoce unain bitazion en cada zuzpiro de Letisia”, o ato se mantém assertivo. “Unain” condensa una + in. A implicatura sugere deslocamento de atenção, sem inferência psicológica.

A estrofe final abre com “Mizia Selina añorava zuepoca de pelada cuando nola zacava”. As grafias não hegemônicas reaparecem desde o início do verso. “Nola” (no + la) constitui forma aglutinada, assim como “zuepoca”, resultante da fusão gráfica de fronteiras lexicais. O enunciado articula memória e ação passada.

Em “Un tenvlor de tierra deuna eladeria o teatro y Bolbia adar otro pazon alaz valdozaz hofendida de zu edad”, observam-se novas aglutinações (“deuna”, de + una; “alaz”, a + las). A forma “tenvlor” repete a troca de b por v em contexto de ataque complexo, envolvendo sílaba com duas consoantes. “Hofendida”, com acréscimo de h inicial, integra o conjunto de variações gráficas do poema. O ponto final encerra a sequência. A implicatura aponta a repetição das tarefas e aproxima corpo e piso.

Essa leitura verso a verso mostra como o poema organiza ações simples sustentadas por variação gráfica sistemática, pausas regulares e cortes que orientam a leitura. Essa base descritiva permite avançar para a etapa seguinte, onde essas escolhas serão tratadas como parte de um processo mais amplo de disputa por legitimidade no livro.

3.1.2.3 Leitura glotopolítica

Partimos do reconhecimento de que Hofendida de zu edad formula sua enunciação a partir de um lugar que não ocupa o centro das variedades reconhecidas

como legítimas. A escrita adota, de modo sistemático, grafias não hegemônicas, e isso não aparece como limitação nem como tentativa de ajuste. O enunciador organiza um regime gráfico coerente, alinhado a práticas linguísticas situadas, produzindo uma forma que retoma ritmos, aglutinações e neutralizações sem submetê-las ao filtro escolar.

Esse procedimento é composicional. A regularidade das grafias e a constância dos padrões indicam escolha, não espontaneidade. O uso de “mizia”, pronome nominal de tratamento, que pode assumir efeitos de ironia conforme o contexto, “valdozas”, “ezpejoz”, “nola”, “alaque” ou “deuna” não busca reproduzir a fala, mas inscrevê-la como parte do modo de dizer do poema. A escrita parte de um repertório próprio, mas ecoa a oralidade nas contrações e no uso de formas de tratamento nominal, sem buscar aproximação com o padrão. Desse modo, o poema desloca a circulação da legitimidade linguística, pois o valor do texto não é definido pela norma hegemônica, mas pela coesão interna que sustenta sua forma.

Esse funcionamento dialoga com o problema discutido por Labov (1966) ao examinar a pressão normativa como mecanismo que produz oscilações entre falantes submetidos a hierarquias de prestígio. Aqui, entretanto, essa pressão não se traduz em insegurança. O enunciador não tenta corrigir nada nem evita a variação. Ao contrário, faz dela o próprio meio de construção da cena. Aquilo que, em contextos institucionais, costuma ser classificado como insuficiência, torna-se o modo de formular o mundo do poema. A escrita se afirma como prática autônoma, mesmo que esse modo de dizer não circule nos espaços onde se define o que conta como legítimo.

A reflexão de Maingueneau (2006) contribui para compreender esse processo ao tratar a literatura como espaço capaz de estabelecer seus próprios critérios de pertinência. No poema, essa autonomização se realiza pelo encaixe entre forma e mundo, pois a vida de Mizia Selina, sua rotina e seu corpo cansado aparecem inscritos em uma linguagem que acompanha esse cotidiano. A escolha gráfica não responde a efeito pitoresco; ela organiza um regime de enunciação coerente com a posição social que estrutura a experiência da personagem. A forma se alinha a esse lugar, não o observa de fora.

Assim, Hofendinda de zu edad articula corpo, trabalho e linguagem como aspectos de uma mesma condição. A variação gráfica funciona como marca situada, e o enunciado se mantém descritivo, sem sentimentalização. A escrita registra movimentos mínimos, repetições e ações cotidianas, operando sempre por atos assertivos que

confiam na própria materialidade do verso a organização da cena. O poema não interpreta a vida de Mizia Selina; organiza-a por meio de uma forma que, em si, carrega marcas de circulação desigual.

Encerrada essa leitura, partimos para Laba y haplancha, onde a escrita retoma a variação gráfica e constrói outra forma de acompanhar o cotidiano nas comunas.

3.1.3 O poema - LABA Y HAPLANCHA

LABA Y HAPLANCHA

La zeñora del frente laba y haplancha ropaz
La carne de zuz dedoz ez algodón y primero
Ce lamenta el jabon de agotamiento que eya de
Pelo café y cariceca eztregando o midiendo
El calor dela plancha azaliba

La zeñora haplancha el zueño de zuz ijos
dormidoz
Zoñando conun dezalluno trancado que no
tendran
La zeñora haplancha el zueño de zuz ijaz
dormidaz
Zoñando en un amor decanzion enmoda

La zeñora haplancha la dezcolocazion de zu
marido dormido
Zoñando que ez un ma...magnate del zancocho
y en la
Cosina noayque boltiar a ber

La zeñora laba en el dia la triztesa de la nezecidad
Y haplancha en la noche en la poca quele queda
zalud
aztael nuebo retoñar de zu dia azul de penaz.

3.1.3.1 Contextualização

Ainda na primeira parte de **Golosina de sal**, Disierto de la ilusión, “Laba y haplancha” aparece na página 17 da edição de 1988 da Universidad de Antioquia. O poema reúne vinte e um versos livres distribuídos em quatro estrofes separadas por espaços em branco, sem métrica regular ou esquema fixo de rimas. O andamento se organiza por cortes sintáticos e por versos isolados que funcionam como pausas gráficas e unidades de destaque.

Assim como nos demais textos dessa seção, o poema mobiliza um repertório linguístico associado às comunas de Medellín, com alternâncias sistemáticas entre b/v, s/z e c/z, inserções ou subtrações de h (“haplancha”) e algumas formas aglutinadas (“dela”, “conun”, “noayque”, “aztael”). Esses traços aproximam a escrita de práticas de oralidade urbana e compõem grafias não hegemônicas que não impedem a compreensão do enunciado, mas marcam a enunciação por meio de usos situados da língua.

No conjunto, o texto reúne cenas do trabalho doméstico de “la zeñora”, acompanhadas de referências ao sono dos filhos, à exaustão física e ao ciclo cotidiano que recomeça “hasta el nuevo retoñar”. O recorte temático organiza uma sequência em que cuidado, tempo gasto e desgaste do corpo aparecem vinculados à rotina, sem registro de reconhecimento externo.

A partir dessa configuração, passo à análise pragmática, observando como as escolhas linguísticas e as pausas gráficas organizam o enunciado de “Laba y haplancha”.

3.1.3.2 Análise pragmática

Abrindo esta seção, observamos que o poema trabalha com repetições estruturais, variações gráficas sistemáticas e cortes que organizam o enunciado como oralidade grafada. Passamos então à análise verso a verso, retomando os critérios apresentados na metodologia.

O poema se inicia com “La zeñora del frente laba y haplancha ropaz”. Trata-se de um ato assertivo que introduz a personagem e seu trabalho. As grafias “zeñora”, “laba”, “haplancha” e “ropaz” resultam de alternâncias s/z, b/v e de acréscimo de h, compondo um padrão gráfico recorrente no poema, formado por grafemas que figuram entre aqueles mais regulados pelas normativas ortográficas do espanhol. A ausência de vírgula e a extensão do verso produzem uma pausa versal que concentra ação e repetição. A implicatura indica que o cotidiano é registrado sem preparação, como dado disponível da cena.

O verso seguinte, “La carne de zuz dedoz ez algodón y primero”, mantém o ato assertivo. “Zuz”, “ez” e “dedoz” reiteram a variação gráfica. A expressão constrói, por meio do léxico simples, uma imagem direta da fadiga. A pausa final prepara a continuação.

“Ce lamenta el jabon de agotamiento que eya de” prolonga o enunciado anterior por encabalgamiento suave (Paraíso, 2000). As grafias “ce”, “eya” e “jabon” seguem o padrão. A implicatura sugere que o esgotamento permeia tanto o corpo quanto os objetos do trabalho.

“Pelo cafe y cariceca eztregando o midiendo” conclui a frase com outro ato assertivo. “Cariceca”, “eztregando” e “midiendo” reforçam a lógica gráfica do poema. A pausa versal mantém o ritmo contínuo.

“El calor dela plancha azaliba” é um verso curto, assertivo, em que “dela” e “azaliba” compõem novas ocorrências do mesmo regime gráfico. A pausa fixa a imagem do calor que sobe.

A estrofe seguinte inicia com “La zeñora haplancha el zueño de zuz ijos”. O verso apresenta um ato assertivo e descreve uma ação recorrente do cotidiano. O paralelismo organiza a rotina por repetição estrutural, ampliando a ação sem abandonar a simplicidade da formulação. As formas “zueño”, “zuz” e “ijos” seguem o regime de variação gráfica do poema.

O verso isolado “dormidoz” funciona como pausa versal fixa. Sozinho, concentra o estado das crianças durante o trabalho materno.

“Zoñando conun dezalluno trancado que no tendran” retoma a sequência. “Conun”, “dezalluno” e “tendran” mantêm o padrão gráfico. A implicatura indica que o desejo referido não se realizará, sugerido pela economia verbal.

A estrutura se repete em “La zeñora haplancha el zueño de zuz ijaz / dormidaz”. O paralelismo sintático reforça a distinção entre filhos e filhas. O corte para “dormidaz” reitera o uso da pausa versal como recurso de destaque.

“Zoñando en un amor decanzion enmoda” apresenta ato assertivo e segue a lógica gráfica. A implicatura associa o sonho a referências culturais, sem ornamentação.

A terceira estrofe se abre com “La zeñora haplancha la dezcolocazion de zu marido dormido”. A frase desloca o foco para o marido. “Dezcolocazion” e “zu” mantêm o padrão não hegemônico. A implicatura indica descompasso entre o trabalho e o descanso.

“Zoñando que ez un ma...magnate del zancocho” introduz reticências internas que funcionam como pausa gráfica variável, produzindo hesitação no interior da palavra.

“Ez” e “zancocho” seguem o regime gráfico do poema. A referência ao zancocho, prato típico da culinária colombiana, ancora o enunciado em um universo doméstico e cotidiano; nesse contexto, a projeção de se tornar “magnate” opera por contraste, produzindo um efeito irônico.

O verso “y en la” apresenta encabalgamento abrupto, conforme Paraíso (2000), por ser fragmento mínimo que exige continuidade.

“Cosina noayque boltiar a ber” retoma o enunciado com ato assertivo. “Cosina”, “noayque”, “boltiar” e “ber” reiteram o repertório gráfico. A ausência de pontuação final produz suspensão.

A última estrofe começa com “La zeñora laba en el dia la triztesa de la nezecidad”. O verso organiza um ato assertivo e articula rotina, trabalho e condição material. “Triztesa” e “nezecidad” mantêm o padrão gráfico. A pausa final divide o ciclo dia/noite.

“Y haplancha en la noche en la poca quele queda” continua a ação e destaca a escassez de tempo. As grafias seguem o padrão já estabelecido.

O verso isolado “zalud” funciona como pausa versal fixa, concentrando a ideia de desgaste corporal.

O poema se conclui com “aztael nuevo retoñar de zu dia asul de penaz”. O ato assertivo final organiza a imagem de um ciclo que se repete. “Aztael”, “nuevo”, “zu”, “asul” e “penaz” fecham o conjunto de grafias não hegemônicas. A pausa final encerra a sequência sem indicar resolução, e a implicatura aponta para a repetição contínua da rotina.

Com essa descrição, passamos à etapa seguinte, na qual observamos como essas escolhas se articulam com relações de valor e disputas por legitimidade, o que conduz à leitura glotopolítica do poema.

3.1.3.3 Leitura glotopolítica

Dando continuidade ao que analisamos nos poemas anteriores, Laba y haplancha desloca a disputa linguística para o campo do trabalho doméstico, mas preserva o mesmo princípio que estrutura a primeira parte de **Golosina de sal**, a escrita se constrói a partir de uma posição que não circula nos circuitos de prestígio, e é justamente desse

lugar que ela produz valor. A variedade urbana das comunas não aparece como marca de déficit, mas como matéria de composição.

Desde o primeiro verso, Ramírez mobiliza traços que a sociolinguística descreve como efeitos da pressão normativa em contextos de prestígio, tal como formulado por Labov (1966), ainda que o estudo original se refira a outra comunidade de fala. O que interessa aqui não é a transposição do modelo, mas o mecanismo: diante de padrões legitimados, certos falantes produzem ajustes “para cima”, buscando aproximação com a norma.

No entanto, o movimento realizado por Helí Ramírez segue na contramão dessa lógica. Os traços mobilizados, como o seseo, a neutralização entre b/v, o yeísmo, a oscilação gráfica em “ijos/ijas”, o apagamento do h e a aglutinação de partículas (“dela”, “conun”, “noayque”), não constituem uma transcrição da fala das comunas, mas uma estilização literária de repertórios que circulam nesses territórios. Em alguns casos, esses traços aparecem graficamente exacerbados, como na substituição sistemática de s por z, aproximando a escrita de práticas urbanas de uso sem reduzi-las a cópia da oralidade.

Entre esses casos, “haplancha” é o mais expressivo. A presença do h inicial não corresponde a nenhum padrão estável do espanhol. Trata-se de uma hipercorreção, no sentido laboviano: o gesto de quem, sob pressão normativa, ajusta a forma “para cima”, extrapolando-a. Ao incorporar essa marca ao poema, Ramírez inverte o sinal do estigma. Ele não reproduz um erro, mas o transforma em recurso composicional e estético, deslocando para o centro da escrita aquilo que a escola classificaria como inadequado.

Esse movimento é fundamental para a leitura glotopolítica do texto. A hipercorreção, tradicionalmente associada à insegurança linguística, passa a operar como instrumento de disputa. O poema reorganiza o valor dessas grafias, de modo que aquilo que a norma escolar tende a apagar integra a forma literária como escolha deliberada. As grafias não hegemônicas não funcionam como ruídos, mas como componentes estéticos da escrita.

Ao lado disso, implicaturas organizam o funcionamento do poema. A repetição de “laba”, “haplancha”, “ijoz” e “zoñando” constrói a recorrência do cotidiano e a inscrição de práticas atravessadas por pressões externas e por modelos de prestígio que

não incorporam esses usos. Formas como “noayque” e as reticências em “ma...magnate” produzem efeitos de hesitação e, em certos contextos, de ironia. Já os atos assertivos como “La zeñora del frente laba y haplancha ropaz” e “La zeñora haplancha el zueño de zuz ijos” constroem autoridade enunciativa sem recorrer a instâncias tradicionais de legitimação estética, de modo que o valor da escrita se ancora no cotidiano e em seus regimes próprios de reconhecimento.

A forma acompanha esse gesto. Ao centrar a narrativa na mulher que sustenta a casa, aquela que lava, passa, cuida, sonha pelos filhos e garante o funcionamento material do cotidiano, Ramírez aproxima linguagem e trabalho. A escrita é marcada por repetições, reiterações e pausas que acompanham o ritmo de um corpo exausto. O cotidiano exaustivo encontra correspondência em escolhas gráficas afastadas da norma.

Esse movimento formal se evidencia na cena do marido “dormido / zoñando que ez un ma...magnate del zancocho”. A reticência interna interrompe a palavra antes de sua conclusão, produzindo um efeito de hesitação que desfaz a fantasia de grandeza. A associação com “zancocho”, prato tradicional da culinária colombiana, reinscreve o devaneio em um universo doméstico e cotidiano, produzindo um efeito de ironia por contraste entre um imaginário de poder e a materialidade da vida comum. A escrita deixa claro que o sonho masculino não se sustenta; ele permanece ancorado no cotidiano que a mulher mantém em funcionamento.

Desse modo, Laba y haplancha organiza sua disputa no nível da forma. A ortografia não hegemônica, a hipercorreção, as variações gráficas e o léxico situado deixam de funcionar como marcas estigmatizadas e passam a integrar o centro da composição estética. O poema afirma essa variedade como lugar legítimo de enunciação, sem recorrer à norma para validar a experiência que descreve.

O conjunto desses procedimentos abre passagem para o próximo texto da seção, no qual a variação gráfica cede espaço a outros recursos tais como pausas, cortes e economia verbal, ampliando o repertório formal que estrutura **Golosina de sal**.

3.1.4 O poema - CUCOS AMARILLOS

CUCOS AMARILLOS

Estuve allá y ella me dijo que no tenía pasaje
Para ir a ver a su mamá enferma.

Le entregué un columpio para que empeñara.
De dieciocho.

Estuve allá y ella me dijo que no quería solo mis
caricias.
Que esa era la noche de los cucos amarillos
Dispuestos a puntuar recuerdos.

Algo en mí me decía que a la lata
Y ella en un tocadorcito de tarros y adobes
Se perfumaba las axilas con hojas de eucalipto.

Volví allá y encontré la pieza desocupada:
“Enamorada se la llevaron para el manicomio
En ropa interior
Dando gritos”
Me dijo la dueña de la Residencia sentada en su
llavero.

3.1.4.1 Contextualização

Ainda na primeira parte de Golosina de sal, Disierto de la ilusión, “Cucos amarillos” aparece na página 25 da edição de 1988 da Universidad de Antioquia. O poema se organiza em cinco estrofes separadas por espaços em branco, totalizando dezessete versos livres distribuídos em blocos de 2–2–4–3–6 versos. Não há regularidade métrica nem padrão fixo de rimas. O ritmo se constrói pelos cortes sintáticos, pelos deslocamentos de foco entre as falas e pelos versos isolados, que funcionam como pausas gráficas.

A circulação das vozes é orientada pela pontuação. Os dois-pontos introduzem a fala da administradora, e as aspas delimitam a extensão do discurso citado. O enunciador aparece em primeira pessoa nos verbos de movimento e de percepção, enquanto o restante da cena é apresentado em terceira pessoa.

O léxico aciona usos urbanos e cotidianos, como “cucos”, “pieza” e “a la lata”, e referencia elementos materiais que situam o ambiente descrito. Diferentemente de outros poemas do livro, não há aqui variação ortográfica sistemática; a marca de oralidade se distribui pela economia verbal, pelos enunciados curtos e pelas pausas que separam cada quadro.

A partir dessa configuração, passamos à análise pragmática, em que os versos serão examinados quanto aos atos de fala, às implicaturas e ao uso de pausas e cortes que estruturam a cena.

3.1.4.2 Análise pragmática

Para compreender como o poema organiza a cena, observamos verso a verso o modo como os enunciados são construídos, como atuam os atos de fala, quais implicaturas se formam e de que maneira pausas e sinais de pontuação distribuem o foco informativo. Diferentemente dos poemas anteriores, aqui não há variação ortográfica sistemática, o que desloca a atenção para cortes, retomadas e economia verbal.

O poema se inicia com “Estuve allá y ella me dijo que no tenía pasaje”. O enunciado é assertivo e combina relato em primeira pessoa com discurso indireto. A ausência de pausa interna acelera a leitura e concentra a cena na falta de recursos para a viagem. A implicatura aponta a restrição material sem explicá-la. No verso seguinte, “Para ir a ver a su mamá enferma”, mantém-se o ato assertivo, agora com foco na finalidade da ida. A pausa final funciona como fechamento sintático.

A cena continua com “Le entregué un columpio para que empeñara”. O ato é assertivo e descreve uma ação concreta. A implicatura sugere que o enunciadador busca resolver a falta de recursos oferecendo algo que possa ser penhorado. O verso seguinte, “De dieciocho”, configura um encabalgamento, nos termos de Isabel Paraíso (2000), ao completar semanticamente o verso anterior. A informação desloca o foco da ação de entrega para o valor do objeto, exigindo do leitor a inferência do referente, possivelmente uma referência a dezoito quilates, associada ao ouro no contexto do penhor.

A sequência retoma a visita com “Estuve allá y ella me dijo que no quería solo mis caricias”. O enunciado é assertivo e incorpora novamente o discurso indireto. As escolhas lexicais deslocam o foco da cena material para a esfera afetiva. O verso posterior, “Que esa era la noche de los cucos amarillos”, mantém o ato assertivo e introduz uma expressão marcada culturalmente. A implicatura aponta para uma convenção ou prática local não explicitada. Em seguida, “Dispuestos a puntuar

recuerdos” funciona como continuação explicativa, e a pausa versal orienta a leitura para a ideia de memória marcada.

O poema prossegue com “Algo en mí me decía que a la lata”. O ato é assertivo e registra uma impressão interna. A expressão “a la lata” atua como forma de intensificação. A continuação, “Y ella en un tocadorcito de tarros y adobes”, introduz a descrição de um espaço simples por meio de um ato assertivo que não avalia a condição. No verso seguinte, “Se perfumaba las axilas con hojas de eucalipto”, mantém-se a mesma estrutura, e a materialidade da cena é construída por um objeto e uma ação. A implicatura sugere uma solução improvisada.

A passagem seguinte inicia com “Volví allá y encontré la pieza desocupada”. O ato permanece assertivo e a pausa final prepara a citação direta. O verso seguinte abre a fala da responsável pela residência: “Enamorada se la llevaron para el manicomio”. As aspas organizam a entrada da voz alheia. A implicatura indica uma intervenção institucional apresentada como justificativa pela falante. Em “En ropa interior”, o verso isolado funciona como pausa gráfica que reforça a vulnerabilidade da personagem. A continuidade, “Dando gritos”, também isolada, intensifica o registro pela justaposição dos eventos.

O poema se encerra com “Me dijo la dueña de la Residencia sentada en su llavero”. O ato é assertivo e o sintagma final desloca o foco para a posição da falante. “Sentada en su llavero” funciona como sinal do seu lugar na cena, remetendo ao controle de acessos e chaves. A pausa final encerra a narração sem maiores explicações, preservando a concisão característica do poema.

Ao longo da análise, observamos que a ausência de variação ortográfica desloca a atenção para a economia dos versos, a entrada das vozes, a organização das pausas e a construção de implicaturas pelo que é dito e pelo que permanece apenas sugerido. Essa descrição prepara a leitura seguinte, em que esses procedimentos se articulam a questões de circulação da voz e de controle social no livro.

3.1.4.3 Leitura glotopolítica

Partindo da análise pragmática, é possível observar que Cucos amarillos organiza sua cena por meio de deslocamentos sucessivos do enunciador, que circula entre proximidade e distância, entre cuidado e impotência, entre a vida cotidiana da residência

e a presença das instituições que capturam sua personagem. Essa circulação não é apenas temática, pois ela estrutura a forma do poema. O enunciador circula entre espaços distintos como, o quarto, a residência, o manicômio que surge apenas pelo relato, sem se fixar inteiramente em nenhum deles. Essa posição intermediária se manifesta na forma como ele observa, relata e tenta compreender o que acontece, sempre a partir de um lugar posterior e parcial, que não controla plenamente a narrativa.

Esse posicionamento se articula à lógica que Quijano (2014) denomina colonialidade do saber, pois nem todas as vozes dispõem do mesmo poder para nomear o que ocorreu. A fala final pertence à administradora da residência, figura que controla o espaço e a versão dos acontecimentos. O eu do poema chega depois, recebe relatos fragmentados e depende de quem detém as chaves, literalmente, no verso “sentada en su llavero”. As falas não ocupam o mesmo lugar de autoridade, a administradora define o acontecimento (“se la llevaron para el manicomio”) e essa definição é tomada como explicação suficiente pelas instâncias que administram a vida da personagem.

As pausas gráficas desempenham papel central nesse processo. Versos isolados como “De dieciocho.” Exigindo que o leitor complete mentalmente a informação. A mesma estratégia aparece em “En ropa interior” e “Dando gritos”, cuja disposição isolada expõe a cena sem mediação afetiva. O poema constrói, assim, uma economia da elipse, pois aquilo que não é dito passa a integrar a significação e torna visíveis os limites da voz do enunciador, que só alcança fragmentos, restos, versões parciais. As pausas, portanto, não funcionam como ornamento; compõem uma forma de dizer marcada pela interrupção, coerente com a posição deslocada de quem testemunha sem acesso pleno.

Os atos assertivos, recorrentes em todo o poema, reforçam essa moldura. O enunciador não interpreta, não comenta, não atribui causas nem estados emocionais; apenas registra. Esse modo de formular produz um efeito de contenção que afasta leituras psicologizantes. A linguagem se organiza por cortes breves, retomadas e constatações, compondo um modo de escrita que acompanha o fluxo das informações. A materialidade do poema, portanto, sustenta a própria instabilidade da cena.

A ausência de variação ortográfica não reduz a força da enunciação; apenas desloca o foco para outros procedimentos. Como toda a primeira parte de Golosina de sal, Disierto de la ilusión, toma as comunas como base espacial, os poemas compartilham uma mesma materialidade social. Se, nos textos anteriores, a variação

gráfica acompanha diretamente essa territorialidade, em Cucos amarillos essa inscrição se realiza por meio da distribuição desigual das vozes, das pausas e da relação entre o quarto, a residência e a instituição que captura a personagem.

A escolha formal muda, mas a posição enunciativa continua vinculada a situações em que algumas vozes têm poder para declarar o que ocorreu e outras apenas para registrar o que lhes chega. O poema se organiza a partir desse ponto de observação parcial, que não encontra pleno reconhecimento nas instâncias que definem o que pode ser dito, por quem e com qual valor.

Assim, a leitura do poema sugere uma escrita que articula deslocamento, fragmentação e disputa pelo direito de dizer. A partir daqui, o livro desloca o eixo temático, no poema *Nos hacemos los dormidos y roncamos*, o foco passa a recair sobre o cárcere e sobre os mecanismos de vigilância e contenção que definem esse espaço.

3.1.5 O poema - NOS HACEMOS LOS DORMIDOS Y RONCAMOS

NOS HACEMOS LOS DORMIDOS Y RONCAMOS

La vida muerta asusta.

– “Mi hembra y la cucha sufren...

Sííí... en la captura me golpearon

A pata puños cacha...” –

Olvida el estribillo de su captura. Se acuesta a
calentar el cambuche

Y su cerebro se desboca hacia fuera no por eso
se desentiende

Del que a su lado suda de incertidumbre.

El pito suena su ronda de control y hay silencio

Ay silencio santo...

“¡Ay ay ay ay ay ay ay aaaaaaaaaa.....!”

Hay silencio de homicido a lezna.

– “... Mi...iiiiiii...guar.....dia...Mi

guarrrrr...di...aaa...” –

Los chuzones en el estómago se oyeron a lo soplo

De popillo de higerilla haciendo bombitas.

– “Mi...guarrrrrr.....diaaa...” –

- ¡Qué es la bulla ahí hola...
Salga en curruca y no joda más!–
Nos hacemos los dormidos y roncamos.
“...Lle...vennnnn...en...fer...meeee...ri...aaaaaa...”
Panal de vida muerta.

3.1.5.1 Contextualização

Ao avançar para a segunda seção de **Golosina de sal**, OCULTO SOL, o livro abandona o doméstico e retorna à rua pela via do cárcere. Nesse ponto se inscreve “Nos hacemos los dormidos y roncamos”, na página 93 da edição consultada. O poema é composto por vinte e três versos livres distribuídos em quatorze estrofes curtas separadas por espaço em branco. Não há regularidade métrica nem esquema de rimas; o efeito rítmico decorre de cortes sintáticos, versos isolados e prolongamentos gráficos que marcam pausas e variações de entoação.

A composição alterna um relato em terceira pessoa com intervenções em discurso direto atribuídas aos internos e ao guarda. Há, ainda, uma breve entrada em primeira pessoa do plural, que organiza um enunciado coletivo situado dentro da cena. O poema emprega léxico associado a variedades urbanas de Medellín e incorpora grafias não hegemônicas que aproximam a escrita de práticas de fala. Esses elementos estruturam a materialidade sonora do texto e configuram o ambiente carcerário como cenário das ações descritas.

Com essa contextualização, passamos à análise pragmática do poema, observando como a distribuição dos versos, as escolhas gráficas, as onomatopeias e o diálogo entre vozes estruturam os atos de fala, as implicaturas e os intensificadores que organizam a experiência enunciativa em *Nos hacemos los dormidos y roncamos*.

3.1.5.2 Análise pragmática

Dando continuidade ao método adotado nos poemas anteriores, observamos verso a verso como a escrita organiza os enunciados, como se constroem implicaturas, que papel cumprem as pausas gráficas e de que modo a materialidade da grafia orienta a leitura. Essa descrição fundamenta a etapa seguinte, em que essas escolhas serão retomadas sob outra chave interpretativa.

O poema se abre com “La vida muerta asusta”. O enunciado é assertivo e se apresenta sem mediação. A frase curta, sustentada por ponto final, atua como pausa fixa e introduz o ambiente de ameaça. Na sequência, a fala entre aspas organiza um relato, “Mi hembra y la cucha sufren...”. Trata-se de um ato expressivo, pois o falante expõe sua condição. As reticências funcionam como pausa variável e sustentam a hesitação ou o cansaço da fala. A continuação, “Síííí... en la captura me golpearon / A pata puños cacha...”, mantém o ato expressivo. O alongamento gráfico em “Síííí” prolonga a emissão vocal, enquanto as reticências seguem marcando esforço na produção do enunciado. A implicatura sugere que a voz não se apresenta de forma contínua, indicando exaustão.

O verso “Olvida el estribillo de su captura” retoma o narrador e apresenta um ato assertivo que desloca o foco para o comportamento do interno. A frase seguinte, “Se acuesta a calentar el cambuche”, mantém o tom assertivo e utiliza léxico marcado territorialmente. A expressão “calentar el cambuche” sugere imprevisto e precariedade, mas o verso se limita a registrar a ação sem avaliação. Em seguida, “Y su cerebro se desboca hacia fuera / no por eso se desentiende / Del que a su lado suda de incertidumbre”. O enunciado segue assertivo. O corte entre versos produz pausa versal que redistribui a atenção, enquanto a ausência de pontuação interna acelera a leitura. A implicatura sugere simultaneidade entre o escape mental e a atenção ao outro, embora o texto não explicita valores emocionais.

O poema prossegue com “El pito suena su ronda de control y hay silencio”. O verso é assertivo e combina dois eventos em sequência. A pausa final introduz “Ay silencio santo...”, que mantém um ato expressivo. O “Ay” atua como intensificador e as reticências prolongam a emissão, produzindo pausa variável. A implicatura indica que o silêncio se impõe como condição imediata do ambiente carcerário.

A seguir surge o grito no seguinte verso, “Ay ay ay ay ay ay ay ay aaaaaaaaaa.....”. Trata-se de um ato expressivo, marcado por repetição e alongamento gráfico. O verso seguinte, “Hay silencio de homicido a lezna”, retorna ao ato assertivo e utiliza grafias não hegemônicas como “homicido” e “lezna”, que aproximam o enunciado de usos locais. A construção “silencio de homicido” funciona como registro da intensidade do silêncio.

O poema retorna à fala fragmentada, “Mi...iiiiiii...guar.....dia... / Mi guarrrrr...di...aaa...”. O ato é expressivo e apresenta descontinuidade gráfica que

inscreve marcas de oralidade, como alongamentos vocálicos, repetições consonantais e interrupções silábicas. Esses recursos materializam a voz em esforço e marcam sua dispersão no enunciado. A implicatura propõe fraqueza física ou impedimento respiratório, mas o texto não interpreta esse estado, apenas o registra visualmente. Além disso, a fragmentação gráfica produz uma implicatura estrutural, pois obriga o leitor a preencher mentalmente as lacunas deixadas pelas quebras e prolongamentos. Esse tipo de operação desloca a responsabilidade interpretativa para a leitura, o que é coerente com a condição de fala interrompida que o poema registra. Logo depois, o verso “Los chuzones en el estómago se oyeron a lo soplo / De popillo de higuierilla haciendo bombitas” recupera o narrador em ato assertivo. O corte entre versos cria pausa versal suave e o léxico seleciona termos localizados como “popillo”, compondo materialidade linguística situada.

A fala se repete, novamente fragmentada, em “Mi...guarrrrrrr.....diaaa...”, com alongamento vocálico, repetição consonantal e interrupções gráficas que inscrevem a materialidade da voz no enunciado. O alongamento reforça o esforço vocal. No verso seguinte, “Qué es la bulla ahí hola... / Salga en curruca y no joda más”, há ato diretivo proferido pelo guarda. As expressões “curruca” e “no joda” indexam lugar social e situam a fala. As reticências marcam pausa variável entre ordens sucessivas.

Em “Nos hacemos los dormidos y roncamos”, o enunciado retorna à primeira pessoa do plural e formula um ato assertivo que descreve uma conduta coletiva. A frase não tem marcas de hesitação. A implicatura indica que a estratégia consiste em não reagir, sem que o verso avalie a escolha. A seguir, “...Lle...vennnnn...en...fer...meeee...ri...aaaaaa...” retoma o grito em forma fragmentada. O ato expressivo apresenta alongamento vocálico e consonantal, cortes silábicos e reticências que inscrevem pausas variáveis, materializando a oralidade no enunciado.

O poema se encerra com “Panal de vida muerta”. O enunciado final compõe um ato assertivo que mobiliza uma metáfora condensada. O sintagma articula corpo, exaustão e suspensão sem desenvolver imagem explicativa, mantendo a opacidade característica da escrita de Ramírez. O ponto final fixa essa condensação e recusa qualquer gesto de resolução.

Com essa descrição, é possível observar como o poema articula cortes, hesitações, fragmentações e alternâncias de voz, compondo uma materialidade gráfica que organiza

tanto o que é dito quanto o modo como se pode ouvir a cena. Essa base nos permite avançar para a próxima etapa, na qual essas escolhas se relacionam a disputas de valor e de pertencimento.

3.1.5.3 Leitura glotopolítica

A partir da descrição anterior, é possível ler este poema sob uma lente glotopolítica, observando como a forma organiza uma disputa pelo valor da fala em espaço de encarceramento. O texto reúne vozes que circulam de modo desigual e mostra que a possibilidade de falar – e de ser ouvido – depende das posições sociais que cada personagem ocupa. A materialidade dos enunciados não funciona como adorno, ela integra a própria relação entre quem pode falar e quem tenta falar.

O poema começa com “La vida muerta asusta”, uma afirmação que coloca o leitor em um espaço marcado por controle e medo. Em seguida, aparecem falas interrompidas, alongadas, ditas com esforço. As quebras gráficas, os prolongamentos e os cortes não apenas marcam emoção; eles registram uma condição de fala submetida à pressão física e à vigilância. A voz não consegue manter continuidade porque o ambiente não oferece estabilidade. A precariedade não está na língua em si, mas nas condições em que ela é produzida.

Em contraste, a voz do guarda surge contínua e sem hesitação. A ordem é clara, direta, sem fragmentação. A diferença entre essas duas formas de enunciar é decisiva. Como propõe Bourdieu (2008), o valor de um enunciado depende do mercado linguístico em que ele é proferido e das posições desiguais dos falantes nesse espaço. No poema, isso se traduz de maneira simples, a fala fragmentada é a dos internos; a fala íntegra é a de quem detém o poder. É essa assimetria que organiza quem é ouvido, em que termos e com quais efeitos.

O silêncio também faz parte desse funcionamento. Não aparece como vazio, mas como componente da cena, o apito toca, o silêncio se impõe, o grito é interrompido, a ordem do guarda redefine o que pode ou não ser dito. Nesse contexto, “Nos hacemos los dormidos y roncamos” registra uma estratégia coletiva de recuo. O verso formula, uma conduta que pode ser lida literalmente e também como figura de apagamento de si diante da vigilância, sem que o poema desenvolva essa metáfora em explicações.

As grafias não hegemônicas, embora menos numerosas que em outros textos do livro, seguem o mesmo princípio de funcionamento, acompanham usos locais e inscrevem uma forma de escrever que não passa pelo filtro normativo escolar. Elas reforçam a localização social das vozes, internas, guarda, narrador, e integram o cenário em que a linguagem é produzida sob controle.

A sequência de gritos interrompidos, apelos quebrados e o encerramento súbito em “Panal de vida muerta” condensam a cena, a voz tenta se manter, mas encontra sempre o limite imposto pelas condições da prisão e pela hierarquia entre falantes. Ao longo do poema, alongamentos vocálicos e consonantais, fragmentações gráficas, reticências e cortes silábicos inscrevem marcas de oralidade que apontam para esse esforço de fala sob vigilância. O texto não dramatiza nem explica; organiza a desigualdade por meio da forma, deixando que a distribuição do som, da pausa e da quebra exponha os limites do que pode ser dito ali.

Concluída a análise dos poemas de **Golosina de sal**, mantemos o mesmo conjunto de perguntas, sobre atos de fala, pausas gráficas, materialidade linguística e disputas de valor, e deslocamos o foco para outro recorte do trabalho de Helí Ramírez. Na segunda parte da análise, voltamos para os textos multimodais de **Poemas ilustrados**, em que a linguagem verbal divide a página com as imagens de Fredy Serna.

3.2 Escrita, imagem e território: enunciações em Poemas ilustrados

Na primeira parte deste capítulo, acompanhamos como **Golosina de sal** organiza a escrita a partir de usos urbanos associados às comunas e de escolhas gráficas que deslocam o centro da legitimidade linguística. Nesta segunda parte, o foco se desloca para **Poemas ilustrados** (Tragaluz, 2012), em que a disputa pelo valor da linguagem emerge não pela variação ortográfica, mas pela materialidade da página, articulando texto e imagem na construção do território.

Os poemas escolhidos, “La colina (uno)” e “Esguinces a un sentimiento”, não mobilizam léxico específico do parlache, mas trabalham com um registro urbano não especializado. Essa linguagem, situada e cotidiana, opera como forma de enunciação que se afasta da norma hegemônica sem recorrer ao mesmo repertório lexical observado em **Golosina de sal**. Aqui, a variação aparece tanto nos cortes versais quanto nas

enumerações, nas medidas aproximadas e na própria disposição gráfica que dialoga com as ilustrações de Fredy Serna.

A leitura de “La colina (uno)” observa como o espaço urbano é produzido por aproximações, listagens e descontinuidades, enquanto “Esguinces a un sentimiento” acentua a fragmentação gráfica, os enunciados compromissivos e os desgastes que estruturam a convivência cotidiana. Nos dois casos, interessa compreender como texto e imagem constroem um mesmo cenário por modos distintos, ativando uma dimensão multimodal que atravessa o volume.

A partir dessa chave, iniciamos com “La colina (uno)”, articulando sua contextualização, a análise pragmática verso a verso e, por fim, uma leitura glotopolítica que situa essas escolhas na posição social do enunciador.

3.2.1 O poema - La colina (uno)

La colina (uno)

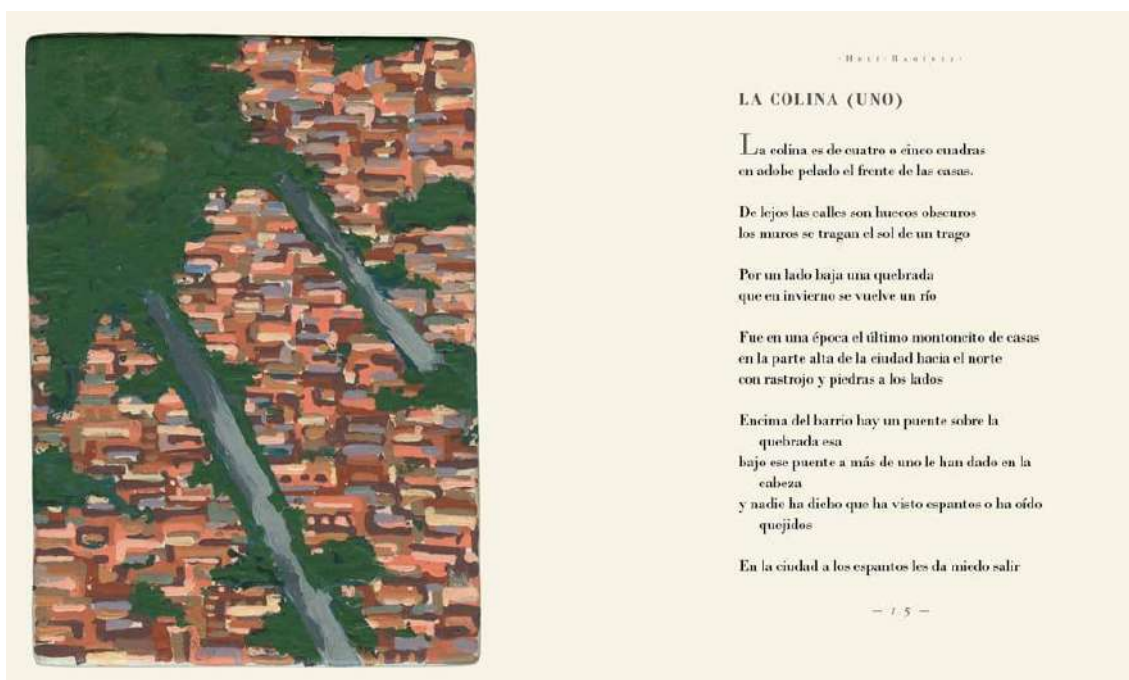


Figura 3 - Página 15 do livro **Poemas Ilustrados**.

Audiodescrição, “La colina (uno)”

Luany Lima (PROLINC/UFRJ, 2025)

A imagem é dividida verticalmente em duas partes. À esquerda, ocupa a página inteira uma pintura de estilo expressionista em formato retangular com bordas arredondadas.

O quadro mostra uma vista aérea de uma colina densamente ocupada por casas. As construções, de formato retangular e pequeno, estão pintadas em tons de marrom, bege, branco e cinza, criando uma textura compacta e irregular. O padrão das casas é interrompido por grandes manchas verdes, representando vegetação, que se espalham em diferentes áreas da colina.

Cortando a massa de casas, duas faixas diagonais em cinza descem da parte superior a inferior, sugerindo ruas ou caminhos largos. Essas faixas são ladeadas por verde, como se fossem encostas ou margens arborizadas. No canto superior esquerdo da pintura, há uma ampla área verde mais densa, semelhante a uma mancha de floresta que invade parte do cenário urbano.

À direita, sobre um fundo bege uniforme, está disposto um poema em espanhol. No topo, em letras pequenas, lê-se o nome do autor, “Heli RAMIREZ”. Abaixo, em letras maiúsculas centralizadas, está o título, “LA COLINA (UNO)”.

O texto aparece em estrofes curtas, alinhadas à esquerda:

LA COLINA (UNO)

La colina es de cuatro o cinco cuadras
en adobe pelado el frente de las casas.
De lejos las calles son huecos oscuros
los muros se tragan el sol de un trago
Por un lado baja una quebrada
que en invierno se vuelve un río
Fue en una época el último montoncito de casas
en la parte alta de la ciudad hacia el norte
con rastrojo y piedras a los lados
Encima del barrio hay un puente sobre la
quebrada esa
bajo ese puente a más de uno le han dado en la
cabeza
y nadie ha dicho que ha visto espantos o ha oído
quejidos
En la ciudad a los espantos les da miedo salir

Na base da página, centralizado e destacado em traços finos, aparece o número “15”, indicando a paginação.

3.2.1.1 Contextualização

O poema “La colina (uno)”, do livro **Poemas ilustrados** (Tragaluz, 2012, p. 15), é o terceiro da parte inicial do volume, composta por textos curtos sobre o espaço urbano. São dezesseis versos distribuídos em 8 estrofes breves. A página é preenchida pela ilustração do artista Fredy Serna e dividida verticalmente; à esquerda há uma pintura retangular com bordas arredondadas e, à direita, sobre fundo bege uniforme, o poema. A pintura mostra uma colina vista de cima, coberta por casas em tons de marrom, bege, branco e cinza, entre áreas verdes que indicam vegetação. Duas faixas diagonais em cinza descem da parte superior. Embora uma leitura inicial possa sugerir ruas ou caminhos, a correspondência com o poema permite identificar essas faixas como o traçado da quebrada, o curso d’água que, no texto, “se vuelve un río”. A imagem e o poema tratam do mesmo espaço e dialogam pela disposição gráfica e pela linguagem.

A leitura do texto, verso a verso, permite observar como os recursos pragmáticos sustentam a construção material da colina e o modo como ela é enunciada.

3.2.1.2 Análise pragmática

O primeiro verso, “La colina es de cuatro o cinco cuadras”, é um ato de fala assertivo e descritivo. O enunciador mede o espaço por aproximação. A expressão “cuatro o cinco” funciona como marca de oralidade e indica estimativa, não medida exata. Nesse sentido, retoma a fala espontânea e aproxima o poema da estética da fala cotidiana.

A pausa gráfica é breve e funciona como fechamento da linha, reforçando a concisão do enunciado. No verso “en adobe pelado el frente de las casas”, a ausência de verbo produz um enunciado nominal que descreve a cena de modo estático, sem acionar uma ideia de ação.

Nos versos seguintes, “De lejos las calles son huecos oscuros / los muros se tragan el sol de un trago”, o ato de fala continua assertivo, mas a implicatura é avaliativa, as ruas, vistas de longe, tornam-se ocas e escuras, e os muros “se tragan el sol”. A

expressão “de un trago” descreve uma ação súbita e direta, que intensifica o contraste entre luz e sombra. A ausência de vírgulas produz a continuidade do verso, e o ponto final estabelece o encerramento do enunciado.”

O verso “Por un lado baja una quebrada” apresenta um ato de fala assertivo e descritivo. A expressão “por un lado” funciona como marcador espacial e orienta o olhar do enunciador. O corte final do verso cria uma pausa breve de transição, sugerindo continuidade da cena.

Em “Fue en una época el último montoncito de casas”, o uso do pretérito situa o enunciado no passado e atribui ao relato uma ideia de lembrança. O ato de fala é assertivo e mantém o tom descritivo, enquanto a expressão “en una época” atua como marcador temporal, introduzindo uma breve pausa inicial que antecede o enunciado principal. A palavra “montoncito” funciona como marca de oralidade e como diminutivo avaliativo, reduzindo a escala do espaço e sugerindo proximidade com o cenário descrito.

No verso seguinte, “en la parte alta de la ciudad hacia el norte”, a descrição se completa com a delimitação espacial do ambiente. A escolha da preposição “en” e da locução direcional “hacia el norte” demonstra um olhar interno, característico de quem observa o território a partir de dentro. O ato de fala continua assertivo, e a pausa gráfica cumpre função de fechamento, encerrando o movimento de observação iniciado no verso anterior.

No verso “con rastrojo y piedras a los lados”, o poema retoma a enumeração que organiza a descrição. “Rastrojo” e “piedras” são substantivos concretos e breves que fecham cada linha. Nesse ponto, a clausura semântica, conforme Paraíso (2000), significa que o sentido se completa ao final do verso, cada linha apresenta um elemento do cenário já concluído ali. O mato seco e as pedras aparecem como recortes do território e, somados, constroem a paisagem descrita. O ato de fala continua assertivo, e a repetição desse padrão mantém a coesão da descrição.

Em seguida, o verso “Encima del barrio hay un puente sobre la” termina em corte gráfico antes do complemento “quebrada esa”, produzindo uma pausa suspensiva. O encavalgamento mantém a continuidade entre os dois versos. O ato de fala é assertivo; o corte apenas interrompe brevemente o enunciado, que se completa na linha seguinte.

O verso “bajo ese puente a más de uno le han dado en la” termina em corte gráfico antes do complemento “cabeza”, criando uma suspensão. O encavalgamento mantém a continuidade da frase e adia a conclusão do enunciado. O ato de fala é assertivo, e a quebra da linha apenas desloca o fechamento da ação para o verso seguinte.

No verso “cabeza”, o enunciado conclui a frase iniciada na linha anterior. O ato de fala é assertivo, e o verbo “han dado” indica agressões ocorridas sob a ponte. A implicatura sugere que esses episódios são conhecidos, ainda que pouco comentados. A brevidade do verso concentra a informação e encerra a ação de forma brusca, com uma pausa gráfica curta que fecha o enunciado.

No verso “y nadie ha dicho que ha visto espantos o ha oído / quejidos”, a repetição dos verbos “ha dicho”, “ha visto” e “ha oído” produz um encadeamento contínuo, reforçado pela ausência de vírgulas. O encavalgamento entre “ha oído” e “quejidos” cria uma pausa gráfica suspensiva ao deslocar o complemento para a linha seguinte. O ato de fala é assertivo, mas o conteúdo nega qualquer manifestação, ninguém diz, ninguém vê, ninguém ouve. Essa sequência negativa gera uma implicatura de medo e omissão, em que o silêncio coletivo aparece como parte do modo de relatar o acontecimento.

No verso final, “En la ciudad a los espantos les da miedo salir”, o ato de fala é assertivo e sugere uma espécie de enunciado proverbial. A inversão do medo, os espantos temendo a cidade, produz uma implicatura sobre a violência do ambiente urbano, apresentada como dado cotidiano. O verso é simples e conclui o poema com uma pausa gráfica que fecha o enunciado.

A relação entre texto e imagem organiza a página como um conjunto coerente. Os elementos descritos no poema, as casas, os muros que bloqueiam a luz e a quebrada, reaparecem na pintura de Fredy Serna, que representa a colina em blocos densos e irregulares. O poema segmenta esse espaço em versos curtos, aproximando a forma verbal da distribuição dos elementos visuais.

O verso “Por un lado baja una quebrada” tem correspondência direta na imagem, as duas faixas diagonais em cinza representam o curso da água que desce a encosta, e não ruas, como indicado na audiodescrição. A pintura fixa esse mesmo percurso inclinado mencionado no poema.

As quebras de verso também constroem relações espaciais. Em “Encima del barrio hay un puente sobre la / quebrada esa”, o léxico “puente” aparece como elemento estrutural do poema e reaparece na imagem, que situa visualmente a passagem sobre a quebrada. Os cortes em “quebrada esa”, “cabeza” e “quejidos” funcionam como pequenas passagens entre margens do texto, cada quebra cria um deslocamento entre uma linha e outra, formando pontes gráficas que organizam o percurso de leitura.

Esse deslocamento entre modos caracteriza um processo de transdução, entendido como a passagem de material semiótico do verbal para o visual (BEZEMER; KRESS, 2008). O conteúdo permanece, a colina, a quebrada, o puente, mas a forma material muda: no poema, por meio de versos segmentados; na pintura, por linhas diagonais, blocos de cor e a marca visual da ponte sobre a água.

Dessa maneira, poema e imagem constroem o mesmo espaço por meios distintos. A página reúne dois modos que organizam a colina de maneira complementar, fazendo com que o território descrito seja produzido simultaneamente na escrita e na imagem. Essa articulação multimodal prepara a passagem para a leitura glotopolítica, em que forma e linguagem se unem para situar a posição social do enunciador.

3.2.1.3 Leitura glotopolítica

O poema organiza a colina por meio de recursos como: cortes breves, enumerações, medidas aproximadas e registro de uso não especializado para registrar a comuna a partir de dentro. As escolhas lexicais e a segmentação dos versos privilegiam formas não hegemônicas da oralidade urbana, compondo um enunciado que não se apoia na norma culta para construir legitimidade. Nesse ponto, a formulação dialoga com Bourdieu (1996), para quem a autoridade da palavra depende das condições sociais de produção e recepção da fala. O poema desafia esse arranjo ao afirmar como válida uma forma de dizer que normalmente não ocupa o centro dos mercados linguísticos dominantes. Esse registro sustenta a posição do enunciador como alguém do território, e não como observador externo.

Nesse sentido, o poema atua como prática glotopolítica no sentido de Guespin e Marcellesi; uma ação sobre a linguagem que, ao escolher determinados registros, produz também uma posição social. A colina não é descrita como cenário; é construída

pela escrita, que organiza medidas aproximadas, cortes e enumerações de modo a materializar o espaço das comunas.

Encerrada a leitura de “La colina (uno)”, cuja enunciação se articula a partir do território, passamos a “Esguinces a un sentimiento”. Nesse poema, a materialidade da linguagem destaca tensões que atravessam as relações cotidianas, marcadas por desgaste, consciência e precariedade.

3.2.2 O poema - Esguinces a un sentimiento

Esguinces a un sentimiento



Figura 4 - Página 64 do livro **Poemas Ilustrados**.

Audiodescrição, “Esguinces a un sentimiento”

Luany Lima (PROLINC/UFRJ, 2025)

A imagem é dividida verticalmente em duas partes.

À esquerda, sobre um fundo bege uniforme, está a página de um livro com um poema. No topo, em letras pequenas e centralizadas, lê-se “Poemas Ilustrados”. Logo abaixo, em destaque, o título em maiúsculas “ESGUINCES A UN SENTIMIENTO”. O corpo do poema se organiza em versos livres, alinhados à esquerda. A primeira letra “Y” aparece ampliada e em negrito, dando início ao texto:

“Yo me comprometo a respetar su conciencia y a
dejársela a usted solo.

En cualquier clima descubro el sí en el no y el no en
el sí.
La miseria anula,
envilece,
pudre a la gente,
las naranjas,
los mangos,
las piñas,
los zapotes y
las pelotas de caucho con números que nunca caen
en la lotería,
y pudre tanto tanto a la gente que la lleva
a ponerle inteligencia de la mala a un simple
saludo.
Si anda repartiendo tristezas, ni se me acerque.”

A disposição gráfica dos versos apresenta uma estrutura em escada, depois de alguns versos mais longos, o poema se fragmenta em palavras isoladas, cada uma colocada em linha separada e levemente deslocada para a direita no trecho “La miseria anula, / envilece, / pudre a la gente, / las naranjas, / los mangos, / las piñas, / los zapotes y”.

Ao final do poema, alinhado à esquerda e em itálico, está escrito “Desde al otro lado del canto, 2011”. No rodapé central, aparece o número da página entre travessões: “– 64 –”.

À direita, encontra-se uma pintura com estilo expressionista em formato retangular com bordas arredondadas.

A figura mostra uma vista panorâmica de uma colina densamente ocupada por pequenas casas de telhados coloridos, em tons variados de amarelo, marrom, bege e cinza, que se espalham em fileiras irregulares. Diagonais cinzas atravessam o cenário de cima para baixo, sugerindo ruas que cruzam o espaço urbano.

Em primeiro plano, no lado esquerdo inferior, destaca-se uma árvore alta de copa verde-escura. Mais ao centro da imagem uma grande massa verde cobre uma área significativa da cidade da área da pintura que rompe a uniformidade do padrão urbano.

3.2.2.1 Contextualização

O poema “Esguinces a un sentimiento”, do livro **Poemas ilustrados** (Tragaluz, 2012), é o vigésimo quarto texto do volume. É composto por dezessete versos livres, sem divisão em estrofes, com alternância entre linhas longas e curtas dispostas em forma de escada. A primeira letra “Y” aparece ampliada e em negrito, e ao final lê-se, em itálico, a indicação “Desde al otro lado del canto, 2011”, que sugere a circulação prévia do poema em outro livro.

O volume mantém o padrão de diagramação em páginas duplas, com o poema à esquerda, sobre fundo bege uniforme, e a ilustração à direita. A pintura mostra uma colina ocupada por pequenas casas, cortada por diagonais cinzentas que descem pela encosta. Embora uma primeira leitura possa associá-las a ruas, a relação com outros poemas do livro, em especial “La colina (uno)”, permite interpretá-las como veios de água que descem do morro, em continuidade com a imagem da quebrada.

O conjunto preserva a coerência visual do volume, com texto e imagem ocupando margens opostas da página e retomando o equilíbrio gráfico observado em “La colina (uno)”. A leitura verso a verso permite, a seguir, observar como atos de fala, pausas gráficas, implicaturas e intensificadores constroem a materialidade escrita do poema.

3.2.2.2 Análise pragmática

No primeiro verso, “Yo me comprometo a respetar su conciencia y a”, o ato de fala é promissivo. O enunciador declara a promessa, e o encabalgamento no final do verso cria uma pausa gráfica que prepara a continuidade para o verso seguinte.

Em “dejársela a usted solo”, o compromisso se completa. O ato de fala permanece promissivo, e a pausa gráfica final fecha o enunciado.

No trecho seguinte, “En cualquier clima descubro el sí en el no y el no en”, o ato de fala é assertivo e se constrói por meio de paralelismo entre afirmação e negação. O encabalgamento ao final provoca pausa de suspensão, que conduz ao verso subsequente.

No verso “el sí”, o paralelismo iniciado antes é concluído. O enunciado é breve e a pausa gráfica final fecha a sequência afirmativa/negativa construída nos versos anteriores.

Em “La miseria anula,”, o ato de fala é assertivo e inicia um processo de enumeração. A vírgula final cria pausa curta que preserva o encadeamento.

Nos versos “envilece,” e “pudre a la gente,”, mantém-se o padrão de enunciados curtos. Cada linha apresenta clausura semântica, no sentido de Paraíso (2000) o verso se completa em si mesmo antes da próxima linha.

A partir de “las naranjas,”, o poema passa a uma estrutura em escada. Os versos curtos, “los mangos,”, “las piñas,”, “los zapotes y”, nomeiam objetos do cotidiano, e cada linha fecha o sentido nela mesma, conforme a noção de clausura semântica de Paraíso (2000). Essa sequência cria uma enumeração fragmentada. O “y” final indica continuidade e leva ao verso seguinte.

Em “las pelotas de caucho con números que nunca caen”, o encabalgamento no final provoca uma pausa gráfica, concluída no verso “en la lotería”, cujo corte encerra a sequência enumerativa.

No verso “y pudre tanto tanto a la gente que la lleva”, o ato de fala é assertivo. A repetição de “tanto tanto” atua como intensificador. O corte final deixa o enunciado em aberto e leva ao verso seguinte.

Em “a ponerle inteligencia de la mala a un simple”, o ato de fala é assertivo, o enunciador descreve uma ação atribuída às pessoas, sem dirigir um pedido ou ordem. O encabalgamento mantém a continuidade do enunciado. O fechamento ocorre no verso “saludo”, onde o corte final encerra a sequência de ações apresentada até aqui.

No último verso, “Si anda repartiendo tristezas, ni se me acerque”, o ato de fala é diretivo, pois o enunciador estabelece uma proibição. O advérbio “ni” funciona como intensificador negativo. O corte final encerra o poema de forma direta.

A alternância entre versos longos e curtos organiza a disposição gráfica do texto. Os encabalgamentos mantêm a continuidade entre uma linha e outra, enquanto as listas curtas interrompem esse movimento e fecham pequenas unidades de sentido. Essa combinação estrutura a materialidade escrita do poema. A partir disso, passa a ser possível observar como o livro articula texto e imagem.

A diagramação mantém a organização do livro. Na página do texto, a estrutura em escada, formada por versos longos intercalados com palavras isoladas, produz uma leitura fragmentada, marcada por cortes sucessivos. Essa forma de avançar por blocos

curtos encontra correspondência na imagem da colina, que também se apresenta em segmentos.

Esse paralelo material entre cortes do poema e interrupções da imagem configura um caso de transdução, no sentido proposto por Bezemer e Kress (2008), elementos organizados pela escrita, como a enumeração quebrada e os deslocamentos entre linhas, aparecem transformados no modo visual como rupturas do espaço representado.

Assim, texto e pintura constroem o mesmo território por modos distintos. O poema o produz pela escrita fragmentada; a imagem, por planos irregulares que compõem o morro. A articulação entre texto e imagem permite compreender o modo como o poema organiza sua enunciação. A seguir, examinamos essa dimensão pela leitura glotopolítica.

3.2.2.3 Leitura glotopolítica

Em “Esguinces a un sentimiento”, o poeta Heli Ramírez escolhe usar um registro não especializado, e essa escolha funciona como ação sobre a linguagem no sentido de Guespin e Marcellesi (2021) como já formulada nessa subseção. A enumeração de alimentos, “las naranjas, / los mangos, / las piñas, / los zapotes”, substitui a tradição de temas abstratos da poesia por elementos do cotidiano. Essa opção lexical e gráfica rompe com expectativas ligadas à norma hegemônica e amplia o que pode ser tomado como matéria poética.

O enunciador não observa a precariedade como alguém de fora; fala a partir dela. O ato de fala inicial, “Yo me comprometo a respetar su conciencia”, retoma a forma de um compromisso institucional, mas o poema desloca esse enquadramento ao incluir enunciados orais, cortes gráficos e alternância entre versos longos e curtos. Essa reorganização interfere no modo como a língua se apresenta na página e desfaz a hierarquia entre o registro valorizado pela escrita de prestígio e as formas de falar associadas às comunas. A implicação glotopolítica aqui é direta, o poema recusa a separação entre “língua legítima” e variedades historicamente subordinadas, no sentido discutido por Bourdieu (1996).

Além disso, o título orienta a leitura. “Esguinces a un sentimiento” sugere que a precariedade não afeta apenas as condições materiais, mas também a maneira como se interpretam gestos, falas e intenções no convívio diário. Essa leitura se confirma no

verso “a ponerle inteligencia de la mala a un simple saludo”. A expressão “inteligencia de la mala” registra a suspeita que passa a acompanhar até os atos mais elementares da convivência. O poema sugere que o conflito social produz maneiras específicas de entender a fala, e essa reconfiguração das inferências cotidianas é também um ação glotopolítica, pois envolve disputar sentidos e regular relações.

A repetição de “pudre a la gente” fixa, na linguagem, o desgaste provocado pela precariedade e transforma essa experiência em matéria de enunciação. Essa insistência tem efeito glotopolítico porque torna visível um estado coletivo que costuma ficar fora da escrita legitimada. Já o verso final, “Si anda repartiendo tristezas, ni se me acerque”, define um limite. O enunciador usa a linguagem para regular a convivência e marcar quem pode ou não integrar sua esfera de relação. Aqui, a palavra funciona como instrumento de ordenamento social, no sentido proposto por Bourdieu, pela fala, estabelecem-se posições, distâncias e fronteiras.

Por fim, esses registro de uso não especializado, cortes gráficos, alternância entre versos, sustenta uma forma de enunciação ancorada na experiência das comunas. A escrita desloca a centralidade da norma culta e afirma o direito de dizer desde a própria vivência, produzindo uma intervenção glotopolítica no campo literário e no modo como a língua é reconhecida e legitimada.

As análises desenvolvidas nas subseções anteriores permitem agora uma leitura de conjunto dos procedimentos observados, de modo a situar a materialidade linguística dos poemas em relação às instâncias normativas do espanhol e ao campo literário.

3.3 Mediações editoriais e condições de legitimação da materialidade linguística

Concluída a análise dos poemas, o foco desloca-se do funcionamento interno da materialidade linguística para as condições editoriais que organizam sua circulação e reconhecimento no espaço literário. Esta subseção examina as editoras como instâncias glotopolíticas, partindo do entendimento de que a edição não se limita à disponibilização do texto, mas intervém nas condições de leitura e de legitimação das práticas de linguagem. Conforme formulam Guespin e Marcellesi (1986), a glotopolítica não se restringe à regulação estatal da língua, abrangendo também práticas institucionais que incidem sobre o que pode ser publicado, reconhecido e estabilizado como forma legítima de dizer. Nessa perspectiva, decisões editoriais relativas a paratextos, projeto

gráfico, organização interna, circulação material e apresentação da autoria incidem diretamente sobre a legibilidade pública do parlache enquanto variedade das comunas de Medellín.

Nesta subseção, tratamos como dado de análise as edições mobilizadas na pesquisa e seus elementos editoriais observáveis: ficha técnica, paratextos, organização interna dos volumes, disposição gráfica e condições materiais de circulação. A análise considera dois livros de Helí Ramírez, **Golosina de sal** e **Poemas ilustrados**, mas três edições efetivamente mobilizadas na pesquisa. O primeiro contato com **Golosina de sal** ocorreu por meio da versão digital disponibilizada na Biblioteca Virtual da Universidad de Antioquia. Essa versão apresenta apenas a sequência dos poemas, sem ficha técnica ou paratextos. A ausência dessas informações motivou uma investigação metodológica sobre as condições editoriais da obra, o que levou à busca pela edição impressa. A localização do exemplar físico não foi possível por meio de livrarias ou sebos, uma vez que o livro não se encontrava disponível nesses canais. Diante disso, o acesso ao volume exigiu a mobilização de redes pessoais e acadêmicas na Colômbia, incluindo contatos em Bogotá, até que o livro fosse localizado no acervo da Biblioteca Luis Ángel Arango. Esse percurso de acesso constitui um dado relevante para a análise, pois aponta condições restritas de circulação material da obra. Assumimos esse percurso de acesso como parte do material empírico da pesquisa, na medida em que ele descreve as condições institucionais e materiais que regulam a disponibilidade e a leitura do livro.

A edição impressa de **Golosina de sal**, publicada em 1988 pela Editorial Universidad de Antioquia, integra a Colección Celeste, linha editorial institucional vinculada à universidade, voltada à publicação de obras culturais e literárias em circuito majoritariamente acadêmico. A capa é creditada ao editor responsável pela publicação e reproduz **Autorretrato** (1973), de Francis Bacon. O volume foi impresso nas oficinas gráficas da instituição, em julho de 1988. Trata-se de uma edição com ficha técnica mínima, embora possua ISBN 958-9021-39-5 para a edição individual e ISBN 958-9021-32-8 para a coleção. O livro não traz paratextos de apresentação, prefácio ou posfácio. Também não há, na ficha técnica do volume, qualquer menção a procedimentos de revisão, o que mantém indeterminada a instância institucional responsável pela forma gráfica final dos poemas. Embora o volume apresente ficha técnica editorial e ISBN, não há ficha catalográfica, isto é, não se observa a presença de um dispositivo biblioteconômico de classificação temática e disciplinar da obra. A

organização e edição do volume aparece associada a Elkin Restrepo, professor e editor vinculado à universidade, o que desloca a legitimação do texto para uma autoridade acadêmica, sem recorrer a dispositivos explicativos dirigidos ao leitor. Nessa configuração, a materialidade linguística dos poemas comparece de forma direta na página, sem mediações editoriais explícitas que orientem sua leitura.

Essa forma de edição produz efeitos observáveis no modo como o volume se apresenta ao leitor, particularmente no tratamento das grafias não hegemônicas e na ausência de dispositivos explicativos. As grafias não hegemônicas associadas ao parlache surgem integradas à cadeia verbal e à forma do verso, sem notas ou justificativas editoriais. Além disso, a comparação entre a edição impressa e a versão digital reforça a relevância do suporte material, pois apenas o exemplar físico permite acessar informações editoriais básicas e observar a disposição gráfica original dos poemas. A dificuldade de localizar a edição impressa, restrita a acervos universitários e ausente de livrarias, sugere uma tiragem limitada e condições específicas de circulação, o que incide sobre o alcance do livro e sobre os regimes de leitura que ele produz. Como observa Lagares (2018), práticas institucionais desse tipo também operam como políticas da língua, na medida em que afetam indiretamente a visibilidade e o reconhecimento de determinadas variedades.

Poemas ilustrados, publicado em 2012 pela Tragaluz Editores, apresenta uma configuração editorial distinta. Trata-se de uma antologia que reúne poemas de diferentes momentos da trajetória de Helí Ramírez, organizada segundo critérios que produzem um enquadramento específico da escrita. O volume incorpora paratextos. A ficha técnica registra design da própria editora, encadernação da Encreativa S.A.S. e impressão pela Editorial Artes y Letras S.A.S., com ISBN 978-958-8562-70-4, e integra uma coleção da editora reconhecida pelo Prêmio Lápis de Acero por sua proposta de design editorial. Diferentemente de **Golosina de sal**, **Poemas ilustrados** foi facilmente encontrado em livrarias, o que indica condições mais amplas de circulação material e inserção no mercado editorial.

Entre os paratextos, destaca-se a nota editorial que informa a manutenção da ortografia original “por decisão do autor”. Assim como em **Golosina de sal**, a ficha técnica de **Poemas ilustrados** também não registra procedimentos de revisão, o que desloca a atribuição institucional da forma gráfica e reforça a ancoragem da grafia na autoria. A reprodução de uma página manuscrita de Ramírez ao lado do poema

impresso articula-se a esse enquadramento e opera como dispositivo paratextual que ancora a grafia na escrita do autor, produzindo um efeito de autenticação da forma publicada (ver Figura 4 e 5). Assim como em **Golosina de sal**, **Poemas ilustrados** apresenta ficha técnica editorial e ISBN, mas não inclui ficha catalográfica, isto é, não mobiliza um dispositivo biblioteconômico de classificação temática e disciplinar da obra.

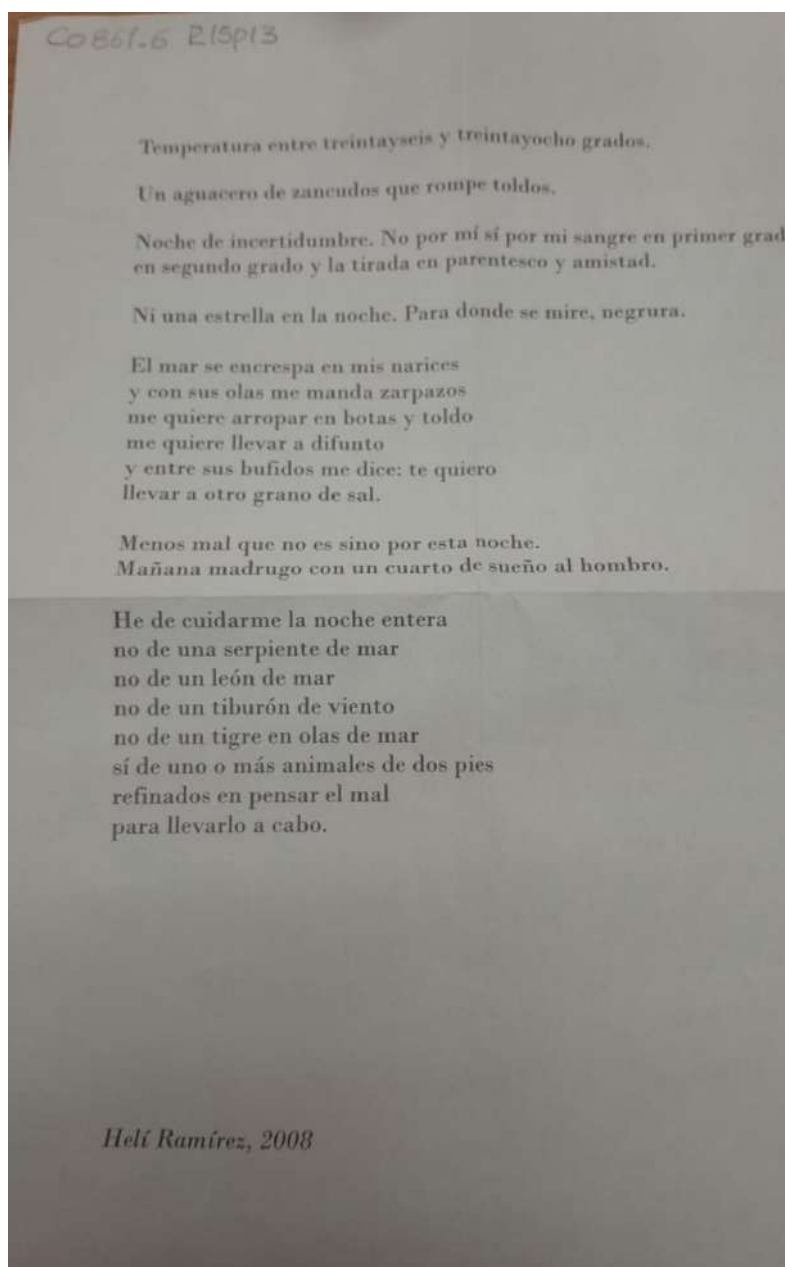


Figura 4 - Página aberta com poesia de **Poemas Ilustrados**, de Helí Ramírez, 2008.

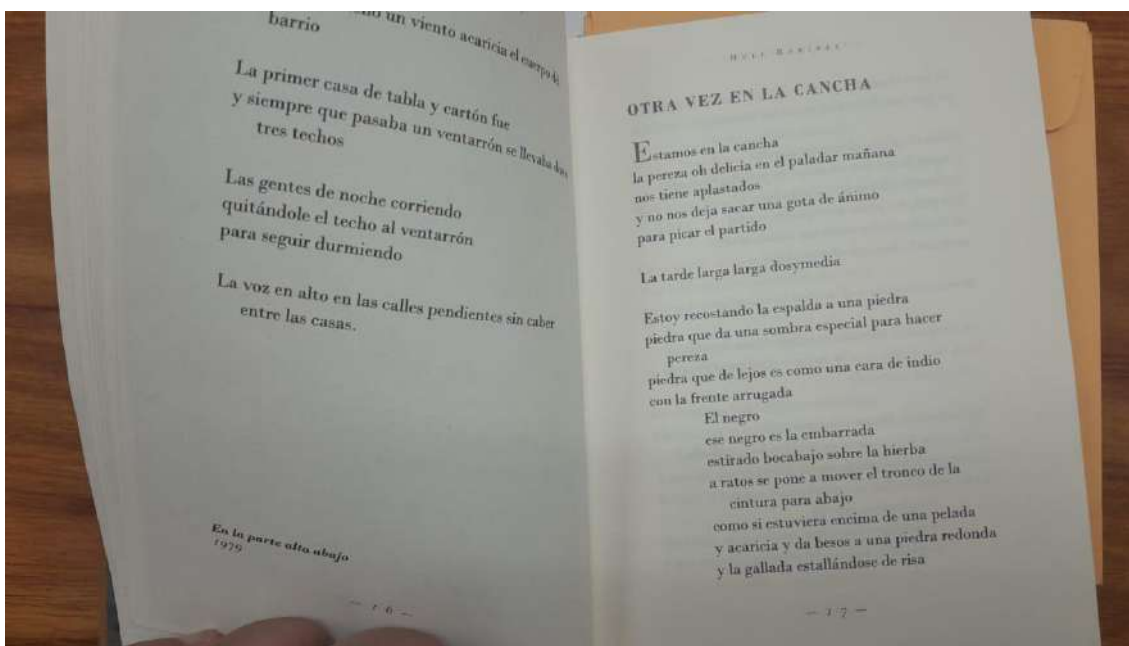


Figura 6 - Página 16 e 17 do livro **Poemas Ilustrados**, de Helí Ramírez.

Esse tratamento editorial reorganiza a exposição da materialidade linguística, articulando preservação da escrita autoral e controle de sua incidência no conjunto do volume. O posfácio de Juan José Hoyos, elaborado a partir de recortes de entrevistas, e as ilustrações de Fredy Serna acrescentam novas camadas de mediação, articulando texto verbal, trajetória biográfica e materialidade visual. No que se refere às ilustrações, operamos com a audiodescrição elaborada por Luanny Lima, pesquisadora integrante do projeto de extensão PROLINC (Projeto Letras Inclusão), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse recurso funcionou como mediação de acesso ao plano visual e como procedimento de leitura para descrever o arranjo gráfico do volume. Conforme propõe Maingueneau (2006), são esses dispositivos que permitem ao texto adquirir existência pública como obra, ao inscrevê-lo em determinadas condições de enunciação e de recepção.

A ausência de ficha catalográfica em ambos os volumes, apesar da presença de ISBN e de ficha técnica editorial, tem implicações relevantes para a compreensão das condições de circulação e legitimação da escrita. Ao não mobilizar um dispositivo biblioteconômico de classificação temática e disciplinar, as obras não são previamente enquadradas por descritores institucionais que atribuam um lugar específico à língua e ao tipo de escrita que veiculam. Esse modo de inscrição editorial faz com que a materialidade linguística dos poemas circule sem mediação classificatória formal, deslocando para outros dispositivos, como a organização do volume, os paratextos e a

atribuição explícita à autoria, a regulação das condições de leitura. Nesse sentido, a ausência da ficha catalográfica não opera como lacuna técnica, mas como parte de um conjunto de decisões editoriais que incidem diretamente sobre a forma como a escrita é disponibilizada, lida e avaliada no espaço literário, reforçando a centralidade das mediações editoriais na disputa por reconhecimento e legitimação.

A trajetória de Helí Ramírez contribui para compreender a relevância dessas mediações editoriais, sem reduzir a análise à vida do autor. Ramírez não se apresentava como poeta nem organizava sua vida em torno do campo literário. A escolarização interrompida, a formação autodidata em bibliotecas públicas e universitárias e o trabalho no Instituto de Seguros Sociais configuram condições materiais de escrita marcadas pela necessidade de garantir o sustento cotidiano. Nesse contexto, a escrita não se articula a uma gestão sistemática de carreira literária, o que desloca para as instâncias editoriais a mediação entre o manuscrito e sua entrada no espaço público. No percurso editorial, aparecem formas diversas de publicação, como edição universitária, impressão por cooperativa de trabalhadores e autofinanciamento, arranjos que não constituem apenas soluções práticas, mas definem quem seleciona, quem valida e sob quais critérios a escrita passa do manuscrito ao livro. Nesse sentido, a edição se configura como arena de disputa por legitimidade, em consonância com a noção de campo literário formulada por Bourdieu (2008).

A recepção crítica da obra de Helí Ramírez se constrói a partir de um movimento oscilante entre reconhecimento e enquadramentos redutores, o que indica que sua avaliação não se organiza exclusivamente em torno de critérios estéticos. Como observa Elkin Restrepo (2018), “por primera vez en la poesía colombiana está el lenguaje barrial, con su sintaxis y sus términos”, formulação que reconhece a inscrição da escrita de Ramírez como acontecimento relevante no campo literário colombiano. Esse reconhecimento, no entanto, não elimina a necessidade de legitimação por outras vias. Juan Mares (2023), ao aproximar a poética de Ramirez a *germanía* espanhola, ao *lunfardo* argentino e a poesia afro-colombiana de Candelario Obeso, reinscreve o parlache em uma linhagem de linguagens historicamente convertidas em matéria literária, procedimento que desloca fronteiras de prestígio ao mesmo tempo em que ancora a escrita em tradições já reconhecidas. Ainda assim, a crítica não se estabiliza, como sintetiza Herrera Palacio (2024), permanece a hesitação entre ler Ramírez como o maior poeta da cidade ou reduzi-lo a um escritor de bairro, tensão que Correa Arroyave

(2003) descreve como constitutiva dos processos de legitimação de vozes não hegemônicas, sempre parciais e contestados. Nesse quadro, a recepção da obra se revela atravessada por critérios que articulam língua, circulação material e posições sociais, o que reforça a centralidade das mediações editoriais analisadas nesta subseção na disputa por reconhecimento e legitimação da escrita.

As escolhas editoriais examinadas nesta subseção adquirem centralidade analítica, pois participam materialmente da disputa pela legitimidade de modos de escrever que tensionam critérios normativos estabilizados no campo literário em espanhol. Ao articular o percurso metodológico de acesso às edições, a organização dos volumes e os dispositivos editoriais mobilizados, esta análise permite observar como a materialidade linguística dos poemas opera como ação glotopolítica também no nível da circulação e da legitimação, movimento que será retomado e sistematizado na subseção seguinte, dedicada à síntese dos resultados da análise.

3.4 Materialidade, norma e ação glotopolítica: síntese da análise

As análises desenvolvidas ao longo deste capítulo permitem compreender o funcionamento da produção literária de Helí Ramírez a partir de um enquadramento que articula norma linguística, instâncias de regulação e práticas de escrita no campo literário. Conforme formulado no campo da glotopolítica, a língua se organiza como um espaço atravessado por relações de poder, no qual se estabilizam normas e se definem formas consideradas legítimas de uso (Guespin; Marcellesi, 1986). No caso do espanhol, esse processo envolve instâncias como a Real Academia Española, o sistema escolar, a mídia e outros dispositivos institucionais que participam da consolidação de uma norma hegemônica, apresentada como modelo de correção e prestígio (Del Valle, 2007). Esse regime normativo não opera apenas por regras explícitas, mas também por expectativas implícitas sobre o que pode circular como escrita reconhecida, especialmente no campo literário.

É diante desse regime que a materialidade linguística dos textos analisados se organiza. As grafias não hegemônicas, as variações fonológicas grafadas, as escolhas lexicais e a organização gráfica observadas não aparecem como fenômenos ou ocorrências isoladas, mas como procedimentos recorrentes que estruturam modos de dizer inscritos na escrita literária. A alternância sistemática entre grafias, a neutralização

de segmentos, as aglutinações e o acréscimo ou a supressão de letras não funcionam como marcas ocasionais, mas como procedimentos que organizam a escrita ao longo de todo o corpus analisado. Essas escolhas não visam reproduzir uma suposta oralidade imediata, nem sinalizar inadequação à norma, mas constroem um funcionamento gráfico consistente, com regularidades que se mantêm de poema a poema.

Ao inscrever na escrita variações fonológicas e segmentações não estabilizadas pelo padrão, os textos produzem reconfigurações observáveis em relação ao modelo normativo legitimado, deslocando expectativas de correção sem recorrer a explicações sobre essas escolhas ou sobre a norma. Essas reconfigurações, observáveis na análise verso a verso, confirmam a primeira hipótese da pesquisa ao mostrar que a materialidade linguística não apenas se afasta da norma hegemônica, mas organiza práticas de escrita que se sustentam fora de seus critérios de correção, criando outras condições de leitura e reconhecimento no campo literário.

Esse funcionamento material não se limita ao plano gráfico, mas se estende à organização rítmica e sintática do enunciado. As pausas versais, os encabalgamentos, os cortes sintáticos, o isolamento de segmentos e o uso recorrente de reticências atuam como procedimentos sistemáticos de organização do dizer ao longo do corpus. Esses recursos não produzem efeitos decorativos nem excesso expressivo, mas regulam a progressão do enunciado, distribuindo o dizer em unidades descontínuas que controlam o ritmo e a circulação da informação. Conforme discutido a partir de Paraíso (2000), as pausas funcionam como recursos de suspensão, retomada e concentração de foco, incidindo diretamente sobre a força do enunciado.

Associadas à análise pragmática, essas escolhas permitem observar regularidades no funcionamento dos atos de fala, das implicaturas e dos mecanismos de intensificação e atenuação no conjunto dos textos analisados. Predominam no corpus atos de fala de caráter assertivo, que não se orientam para explicar, persuadir ou interpelar o leitor, mas para apresentar estados, ações e ocorrências tal como são organizados na escrita. Essa predominância se articula à ausência de comentários avaliativos ou explicações sobre a própria língua, fazendo com que o dizer se sustente pela sua própria organização material. A força desses atos assertivos é modulada por pausas, cortes versais e repetições, que ajustam a intensidade do dizer, ora concentrando-o, ora suspendendo-o, sem alterar o regime enunciativo predominante.

No que se refere aos atos de fala, a análise mostrou a predominância de enunciados de caráter assertivo em todo o corpus, ainda que, pontualmente, surjam formas diretivas, expressivas ou compromissivas. Em *Remolinos*, enunciados como “Escribo estos garabatos...”, “Nos la quitaron” e “La historia es tuerta” registram estados e ocorrências sem explicação ou comentário autoral, reiterados como forma de insistência contida. Em *Hofendida*, a sequência enunciativa se mantém em terceira pessoa, apresentando ações e qualificações sem avaliação explícita, o que preserva o regime assertivo do dizer. Em *Laba y haplancha*, a descrição reiterada do cotidiano se organiza por enumeração e repetição, configurando um registro de ações que não convoca resposta nem interpelação direta. Esse mesmo funcionamento aparece em *Cucos amarillos*, cuja escrita assume um tom seco, próximo ao registro documental, e em *Nos hacemos los dormidos...*, onde a alternância entre enunciados de registro e vozes interrompidas, associadas ao contexto do cárcere, não rompe o regime dominante, mas o tensiona internamente. Também em **Poemas ilustrados**, descrições espaciais, enumerações e compromissos formulados sem retórica mantêm a assertividade como eixo. Esses deslocamentos pontuais não alteram o regime enunciativo predominante, mas confirmam que, no corpus analisado, os atos de fala se organizam majoritariamente como registros de estados, ações e ocorrências, sustentados por uma escrita contida, sem psicologização, explicação ou comentário metalinguístico.

As implicaturas emergem, nesse contexto, como efeito recorrente da economia do dizer. A escrita evita explicitar relações causais, temporais ou avaliativas, transferindo ao leitor a tarefa de estabelecer conexões a partir da disposição dos versos. Essas implicaturas não ampliam a informação expressa, mas regulam o acesso ao sentido, produzindo zonas de indeterminação controlada que deslocam expectativas de transparência associadas ao regime normativo hegemônico.

Os intensificadores e atenuadores identificados no corpus não se organizam prioritariamente por marcas lexicais enfáticas ou modalizadores explícitos. Embora ocorram pontualmente, como no uso de diminutivos, repetições e restrições lexicais, seu funcionamento dominante se realiza por procedimentos formais, gráficos e rítmicos, tais como isolamento de versos, fragmentação sintática, pausas, elipses e economia verbal. Esses recursos permitem regular a força dos atos de fala sem recorrer à expansão explicativa ou à dramatização do enunciado.

No corpus analisado, os intensificadores e atenuadores não se organizam de forma sistemática por meio de marcadores lexicais enfáticos ou modalizadores explícitos, mas há ocorrências localizadas que merecem destaque. Em *Remolinos*, a restrição expressa em “lo único” intensifica o dizer ao concentrar o enunciado em um gesto mínimo, reiterado ao longo do poema pela repetição de “Escribo estos garabatos...”, que funciona como mecanismo de insistência sem ampliação explicativa. Em *Canzonzita mizia Celina*, o diminutivo atua como atenuador lexical, produzindo um efeito de suavização e proximidade que não altera o caráter assertivo do enunciado, mas ajusta sua tonalidade. Observam-se ainda intensificações gráficas e expressivas em contextos específicos, como nos alongamentos vocálicos e repetições em *Nos hacemos los dormidos*, associados à fala no cárcere, que concentram a força do dizer sem recorrer à adjetivação. Esses casos confirmam que, embora existam intensificadores e atenuadores lexicais no corpus, sua ocorrência é situada e subordinada a um funcionamento mais amplo, no qual a regulação da força enunciativa se dá predominantemente pela organização material do verso.

Na medida em que esses recursos operam de forma recorrente, eles configuram uma ação glotopolítica que incide sobre expectativas normativas estabilizadas. Tal ação não se realiza por meio de comentários sobre a língua nem por posicionamentos explícitos, mas no próprio funcionamento da escrita, que coloca em circulação formas de dizer em contraste com aquelas tradicionalmente reconhecidas como adequadas pelas instâncias de regulação. Esse funcionamento confirma a segunda hipótese da pesquisa, segundo a qual a materialidade linguística, ao operar de forma sistemática na escrita, configura uma ação glotopolítica que incide diretamente sobre expectativas normativas estabilizadas, sem recorrer a posicionamentos metalinguísticos ou comentários explícitos sobre a língua.

A análise de **Poemas ilustrados** amplia esse quadro ao incorporar de forma sistemática a dimensão multimodal à organização do dizer. A articulação entre texto verbal, ilustração e audiodescrição configura um processo de transdução entre modos (Bezemer; Kress, 2008), no qual informações são deslocadas e parcialmente reorganizadas na passagem do visual para o verbal e vice-versa. Esse processo reconfigura o regime de leitura, ao alterar as formas de acesso ao texto e as condições de sua avaliação.

Nesse funcionamento, a multimodalidade não atua como recurso decorativo, mas como parte das condições materiais de produção, circulação e recepção do texto. Ao incorporar esses modos à análise, torna-se possível observar que a disputa glotopolítica não se restringe à grafia ou à ortografia, mas se estende às instâncias que regulam o acesso, a leitura e a legitimação do texto no campo literário.

Nesse mesmo sentido, as mediações editoriais constituem instâncias centrais da análise. *Golosina de sal* circula em duas formas de acesso, uma versão digital sem paratextos e uma edição impressa com ficha técnica mínima, disponível em acervos restritos. Em ambas, a ausência de menção a processos de revisão e a inexistência de ficha catalográfica mantêm pouco definida a instância responsável pela fixação gráfica, fazendo com que as grafias não hegemônicas cheguem ao leitor sem orientação editorial explícita.

Em **Poemas ilustrados**, a presença de paratextos, a maior facilidade de acesso e a nota editorial que preserva a ortografia “por decisão do autor”, acompanhada da reprodução de um manuscrito ao lado do poema digitado, reconfiguram as condições de recepção. Esses recursos enquadram a variação gráfica como escolha autoral e, ao mesmo tempo, mantêm pouco definida a instância responsável pela fixação da forma publicada.

Essas diferenças de acesso e de apresentação incidem sobre a recepção de Helí Ramírez, frequentemente enquadrada por rótulos como “poeta de bairro”, “dialeto” ou associado a um socioleto. Tais formas de leitura operam em determinados regimes de legitimação, deslocando a materialidade linguística para um registro local ou identitário. Ao incorporar as mediações editoriais, a análise sustenta que esse enquadramento não decorre apenas do funcionamento interno dos textos, mas também da atuação das instâncias que regulam sua circulação e avaliação.

Ao operar dessa forma, a produção de Helí Ramírez tensiona critérios de legitimidade associados ao dizer literário em espanhol. Esses deslocamentos não anulam a norma nem se situam fora dela, mas reconfiguram sua relação com o campo literário, nos termos em que a legitimidade da linguagem é distribuída e reconhecida (Bourdieu, 2008). Confirma-se, assim, a terceira hipótese da pesquisa, segundo a qual as escolhas materiais da escrita produzem efeitos sobre os regimes de legitimidade do dizer literário, ao ampliar os limites do que pode contar como escrita reconhecida no campo da literatura.

Dessa maneira, o conjunto das análises realizadas responde à pergunta de pesquisa que orienta este trabalho, ao demonstrar como a materialidade linguística dos textos de Helí Ramírez opera como ação glotopolítica diante da norma hegemônica do espanhol e tensiona os critérios de legitimidade do dizer na literatura. Essa dimensão não se localiza fora do texto nem depende da atribuição de intenções ao autor, mas se produz no interior do trabalho de linguagem e nas relações entre escrita, circulação e instâncias de regulação.

A partir dessa síntese, o capítulo seguinte retoma os principais resultados da pesquisa, articulando-os às discussões teóricas e metodológicas que orientam o trabalho como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação examinou de que modo a materialidade linguística da escrita poética pode operar como forma de ação glotopolítica diante de regimes normativos estabilizados no campo do espanhol. Partindo da análise de poemas de **Golosina de sal** (1988) e **Poemas ilustrados** (2012), de Helí Ramírez, o trabalho buscou compreender como grafias não hegemônicas, escolhas sintáticas afastadas do padrão legitimado, pausas gráficas e recursos enunciativos não apenas configuram um modo de escrever, mas participam de disputas mais amplas em torno da legitimidade do dizer literário.

A análise desenvolvida ao longo da dissertação indica que a escrita de Ramírez não se organiza como comentário explícito sobre a língua nem como tematização direta da norma. Sua força reside, antes, na inscrição de uma posição sobre o dizer no próprio funcionamento da linguagem. Ao fazer da materialidade textual o lugar da escrita, os poemas deslocam expectativas normativas associadas à literatura, tensionando critérios de correção, prestígio e autorização que regulam o reconhecimento de determinadas formas de dizer como literárias. Nesse sentido, a poesia não aparece apenas como espaço de representação de uma variedade linguística ou de um território social, mas como prática que intervém nos modos pelos quais a língua é avaliada, legitimada e hierarquizada.

A presença de escolhas linguísticas associadas ao parlache, variedade urbana vinculada às comunas de Medellín, indica de forma particularmente clara esse funcionamento. Quando inscrito na escrita literária, o parlache não atua apenas como marca identitária ou recurso expressivo, mas como elemento que desestabiliza fronteiras entre língua considerada “adequada” e usos historicamente desautorizados. A disputa não se dá no plano do conteúdo temático, mas nos critérios que definem o que pode ser reconhecido como escrita com valor, evidenciando a dimensão simbólica e política da normatização linguística.

Do ponto de vista teórico-metodológico, a pesquisa contribui para o campo da glotopolítica ao deslocar o foco de políticas linguísticas explicitamente institucionais para práticas de escrita, examinadas em sua materialidade. A articulação entre glotopolítica, pragmática e análise da materialidade linguística permitiu observar como atos de fala, implicaturas, grafias e organização gráfica da página participam da produção de efeitos de sentido e de legitimidade. Ao considerar também as condições editoriais de publicação, o trabalho reforça a compreensão das editoras como instâncias

glotopolíticas que intervêm na fixação do texto, em sua legibilidade social e em seus modos de reconhecimento.

Os resultados apresentados devem ser compreendidos à luz do recorte adotado. A análise concentrou-se em um conjunto delimitado de poemas e não pretende generalizar seus achados para a totalidade da obra de Helí Ramírez, para o parlache enquanto variedade linguística, nem para a poesia colombiana contemporânea de modo amplo. O objetivo foi circunscrito à observação de operações linguísticas específicas, consideradas em suas condições materiais, editoriais e institucionais, como forma de compreender processos mais amplos de normatização e legitimação.

Ainda assim, a pesquisa sugere a pertinência de investigações futuras que ampliem o diálogo entre glotopolítica e literatura, seja por meio da análise de outros autores e contextos, seja pelo exame de diferentes instâncias editoriais e formas de circulação da escrita. Ao indicar a centralidade da materialidade linguística nas disputas por legitimidade, este trabalho aponta para a necessidade de abordagens que considerem a língua não apenas como sistema ou representação, mas como prática, atravessada por relações de poder e por critérios de valor historicamente construídos.

REFERÊNCIAS

- AHLBOM, Anabel. **Análisis sociolingüístico del parlache en la película La Vendedora de Rosas**. C-uppsats (Graduação em Espanhol) – Göteborgs Universitet, Gotemburgo, 2014.
- ALONSO, Lara. Ideologías raciolingüísticas. In: MARTÍN ROJO, Luisa; PUJOLAR, Joan (org.). **Claves para entender el multilingüismo contemporáneo**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza; Barcelona: Editorial UOC, 2020. p. 199–227.
- AMARILES, Gustavo. **Entrevista con Helí Ramírez**. Medellín, 2008.
- ARCÁDIA. **“Por primera vez en la poesía colombiana está el lenguaje barrial...”**. Revista Arcadia, 2018.
- AUSTIN, J. L. **How to Do Things with Words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BECKER, Caroline; ANSELMO, Alexandre Guilherme. **Modelo social na perspectiva da educação inclusiva**. Revista Conhecimento Online, Novo Hamburgo, p. 91-108, jan. 2020. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/1854>. Acesso em: set. 2025.
- BEZEMER, Jeff; KRESS, Gunther. **Writing in multimodal texts: a social semiotic account of designs for learning**. Written Communication, v. 25, n. 2, p. 166–195, 2008. DOI: 10.1177/0741088307313177. (Ver dados no arquivo em espanhol “Escritura en Textos Multimodales”).
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CANALE, Germán. **Technology, Multimodality and Learning: Analyzing Meaning across Scales**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.
- CARDONA ZAPATA, Laura. **Algunas consideraciones para el diseño de una unidad didáctica sobre el parlache en Medellín (Colômbia)**. Lingüística y Literatura, n. 81, p. 214-247, 2022. DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.lyl.n81a10>.
- CASTAÑEDA NARANJO, Luz Stella; HENAO SALAZAR, José Ignacio. **Diccionario de parlache: edición depurada y actualizada para LEA**. Envigado: [s.n.], 2009.
- CORREA ARROYAVE, Fabio. **Aproximaciones al parlache literario: el parlache en No nacimos pa’ semilla**. Trabajo de grado (Maestría en Lingüística) – Universidad de Antioquia, Medellín, 2013.
- DEL VALLE, José (org.). **La lengua, ¿patria común?** Ideas e ideologías del español. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2007.
- ESTRELA, Celeste. **Coroação preta**. Rio de Janeiro: Edição da autora, 2020.
- GARCÍA GÓMEZ, Juan Felipe. **Helí Ramírez: poesía y memoria barrial en Medellín**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2023.
- GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Jean-Baptiste. **La sociolinguistique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.

- GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Jean-Baptiste. **Pour la glottopolitique**. Langages, Malakoff, n. 83, p. 5-34, 1986.
- GRICE, H. Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry (org.). **Syntax and Semantics 3: Speech Acts**. New York: Academic Press, 1975. p. 41–58.
- HERRERA PALACIO, Luis Iván. **Helí Ramírez: poesía y marginalidad en Medellín**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2006.
- IBIŠEVIČOVÁ, Kristina. **El parlache en la literatura y en el cine**. Dissertação (Maestría en Filología Románica) – Universidad Carolina, Praga, 2010.
- KLEIMAN, Angela B. **Modelos de Letramento e As Práticas de Alfabetização na Escola**. p. 15-57. 1995.
- LAGARES, Xoán Carlos. **Gltopolítica e prácticas de linguagem**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 19, n. 1, p. 39-56, 2018.
- LAGARES, Xoán Carlos. **Qual política linguística? Desafios gltopolíticos contemporâneos**. São Paulo: Parábola, 2018. (ver “Dinâmicas normativas”, p. 229).
- LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LIMA, Luanny. **Audiodescrição de “Esguinces a un sentimiento”**. s.d. Documento interno (PROLINC – Projeto Letras Inclusão/UFRJ). Base textual consultada: arquivo “Audiodescrição ‘Esguinces a un Sentimiento’”.
- LIMA, Luanny. **Audiodescrição de “La colina (uno)”**. s.d. Documento interno (PROLINC – Projeto Letras Inclusão/UFRJ). Base textual consultada: arquivo “Audiodescrição ‘La colina (UNO)’”.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário: paratopia e cena de enunciação**. São Paulo: Contexto, 2006. [cf. ed. fr.: *Le discours littéraire*, cap. 14].
- MAINGUENEAU, Dominique. **Les termes clés de l’analyse du discours**. Paris: Seuil, 1996.
- MARES, Juan. **Helí Ramírez y la tradición popular latinoamericana**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2023.
- MARIANI, Bethania. **Políticas de colonização lingüística**. Letras (UFSM), Santa Maria, RGS, v. 1o sem, p. 73-82, 2006.
- MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Reflexões sobre inclusão com responsabilidade**. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 165-168. 2008. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/598>. Acesso em: set. 2025.
- MILNER, Jean-Claude. **O Amor da Língua**, Porto Alegre, Artes Médicas. 1978.
- MILNER, Jean-Claude. **Une introduction à la science du langage**, Paris, Éditions de Seuil. 1989.
- NEVES, Dudu. **Versos para Elegua: confissões de uma bixa preta**. Rio de Janeiro: Editora ALEPA, 2020.
- OBESO, Candelario. **Cantos populares de mi tierra**. Bogotá: Imprenta de Borda, 1877.
- ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

- PARAÍSO, Isabel. **El verso libre hispánico: orígenes y corrientes**. Madrid: Gredos, 1985.
- PARAÍSO, Isabel. **La métrica española en su contexto románico**. Madrid: Arco/Libros, 2000.
- PRADO LIMA, Telma Ivy. **Helí Ramírez: recorridos de una poesía popular**. 2023a.
- PRADO LIMA, Telma Ivy. **Helí Ramírez: trabajo y edición cooperativa**. 2023b.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Edgardo Lander (comp.) CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. 2000.
- REVISTA MASCALUNA. **Entrevista con Helí Ramírez**. Medellín, n. 2, 1995.
- RAMÍREZ, Helí. Entrevista. In: SPITALETTA, Reinaldo (org.). **Poesía latinoamericana desde Medellín**. Medellín: Corporación de Arte y Poesía Prometeo, 2006. v. 15.
- RAMÍREZ, Helí. **La voz del barrio Castilla**. Revista Mascaluna, Medellín, jun. 2006. Entrevista concedida a John Henry Amariles Mejía. Disponible em: <https://sites.google.com/site/revistamascaluna/heli-ramirez-la-voz-del-barrio-castilla>. Acceso em: set. 2025.
- RAMÍREZ GÓMEZ, Helí. **Golosina de sal**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 1988.
- RAMÍREZ GÓMEZ, Helí. **Poemas Ilustrados**. Medellín: Tragaluz editores S.A., 2012. Ilustraciones de Fredy Serna. (Dados editoriais no material fornecido).
- RENGIFO, Ángela. **La literatura del sicariato en Colombia: una aproximación crítica**. Dissertação (Maestría en Literatura) – Universidad Javeriana, Bogotá, 2007.
- ROSA, Jonathan; FLORES, Nelson. **Unsettling race and language: Toward a raciolinguistic perspective**. Language in Society, v. 46, n. 5, p. 621–647, 2017.
- SÁNCHEZ GARCÍA, María Clemencia. **El parlache como elemento evocador de la oralidad ficcional en la novela Rosario Tijeras, de Jorge Franco: las traducciones al alemán y al inglés**. 2018. Tesis (Doctorado en Traducción y Ciencias del Lenguaje) – Universitat Pompeu Fabra / Universität Potsdam, Barcelona / Potsdam, 2018.
- SEARLE, John R. **Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- SEARLE, John R. **Expression and Meaning: Studies in the Theory of Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- SEVERO, C. G. **A invenção colonial das línguas da América**. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 60, n. 1, 2016. DOI: 10.1590/1981-5794-1604-1. Disponible em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/7458>. Acceso em: ago. 2025.
- SILVERSTEIN, Michael. **Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life**. Language & Communication, v. 23, n. 3–4, p. 193–229, 2003.
- STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge, Cambridge University Press. 1984.
- STREET, B. (org.). **Cross-cultural approaches to literacy**. Cambridge, Cambridge University Press. 1993.

SKLIAR, C (Org). **Educação & Exclusão**: abordagens socioantropológicas em Educação Especial. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SUS ESTUDIOS. **Entrevista con Helí Ramírez**. Medellín, s.d.

VILLEGAS-RESTREPO, Juan Guillermo. **Lengua, poesía y violencia urbana**: Helí Ramírez y la ciudad de Medellín. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2020.

ZAVALA, Virginia. **Justicia sociolingüística para los tiempos de hoy**. Íkala, v. 24, n. 2, p. 343–359, 2019.